

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Aldeir Gomes da Silva

**OS SUBGÊNEROS DA CARTA PESSOAL EM CORRESPONDÊNCIAS
PERNAMBUCANAS DO SÉCULO XX**

Recife
2018

ALDEIR GOMES DA SILVA

**OS SUBGÊNEROS DA CARTA PESSOAL EM CORRESPONDÊNCIAS
PERNAMBUCANAS DO SÉCULO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Linguística, com área de concentração em Estudos Textuais e Discursivos de Práticas Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Medianeira de Souza

Coorientadora: Profa. Dra. Valéria Severina Gomes

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

S586s Silva, Aldeir Gomes da
Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX / Aldeir Gomes da Silva. – Recife, 2018.
144 f.: il., fig.

Orientadora: Maria Medianeira de Souza.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018.

Inclui referências.

1. Carta pessoal. 2. Subgênero. 3. Tradição discursiva. 4. Sistema de avaliatividade. I. Souza, Maria Medianeira de (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2018-72)

ALDEIR GOMES DA SILVA

Os subgêneros da carta pessoal em correspondências pernambucanas do século XX.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA em 26/2/2018.

TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Maria Medianeira de Souza
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof^a. Dr^a. Valéria Severina Goms – Letras/UFRPE
Coorientador(a): - LETRAS

Prof^a. Dr^a Suzana Leite Cortez - UFPE
LETRAS - UFPE

Prof. Dr. Wellington Vieira Mendes
LETRAS - UERN

Recife
2018

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por sempre ter me incentivado a estudar e por ter me feito ver que somente a educação transforma.

A Medianeira, pela orientação e atenção.

A Valéria, por ter acreditado e confiado em mim em 2012, quando eu decidi fazer iniciação científica; por ter me acompanhado durante tantos processos, PIC, PIBID e TCC; por ter me incentivado a investir no mestrado; por ter ficado feliz com a minha aprovação; por ter se disponibilizado a me coorientar; por ter me suportado até aqui. Enfim, por ser uma inspiração para mim, o meu muito obrigado.

A Carolina Cavalcanti, pela simpatia e gentileza de sempre ao me ajudar a revisar meus textos, ouvir minhas ideias e pelas tão valiosas sugestões.

A Flávia Ferreira, pela conversa inicial no ano passado, que muito me abriu os olhos para o que me esperava em termos de ideia e pesquisa.

A Sam, pelo incentivo e pelo amor.

À Fundaj, representada por Carlos Ramos e Sandra Melo, pela boa recepção e presteza.

A Luís Enrique, pela grandessíssima ajuda na tradução dos textos e por ter me colocado em contato com D. Maingueneau. Os meus pensamentos estão com você, amigo.

A Myllena Alves, por ter compartilhado comigo os momentos de angústia, frustração e incontáveis dúvidas.

Às amigas: Clarissa, Jéssica, Marivânia e Tiana, pelos pensamentos positivos.

À Capes, pelo incentivo financeiro.

Por fim, queria dar um beijinho especial, mas assim, especial lá do fundo do coração aos adultos que pensaram em mim positivamente. Agora, para aqueles que não pensaram, que torceram contra: olha eu aqui!

Dizendo "eu caso contente, papel passado, presente
Desembrulhado, vestido, eu volto logo me espera
Não brigue nunca comigo, eu quero ver nossos filhos
O professor me ensinou, fazer uma carta de amor"

(Nando Reis)

RESUMO

Neste trabalho, analisamos 60 cartas pessoais produzidas em e/ou destinadas ao estado de Pernambuco durante sete décadas do século XX em diferentes contextos sociais. Tendo como base os fatores formais e linguístico-discursivos integrantes das cartas, temos por objetivo identificar e caracterizar os três principais subgêneros da carta pessoal: carta de amigo, carta de família e carta de amor. A escolha do recorte do *corpus* se justifica pelas várias mudanças em termos de língua e textos que o século XX presenciou; tais mudanças podem ser refletidas na carta pessoal, uma vez que esse tipo de correspondência carrega traços que, por muitas vezes, a aproximam da informalidade e espontaneidade de uma conversação face a face. Assim, nossa análise está condicionada a três bases teóricas, que auxiliam na caracterização de cada subgênero. Os estudos de gêneros textuais/discursivos contidos nos trabalhos de Bakhtin (2000), Maingueneau (2005) e Araújo (2012) nos ajudam a localizar a carta no âmbito do hipergênero – entidade sócio-discursiva que exerce a função de rótulo para a organização de diferentes conteúdos – e a caracterizar a correspondência pessoal como gênero, de acordo com sua função comunicativa, a partir do qual emergem os três subgêneros supracitados. No eixo do modelo de análise de Tradição Discursiva, partimos das abordagens de Koch (1997), Oesterreicher (1997, 2006), Kabatek (2003, 2006), Souza (2012), Longhin (2014) e Lopes e Gomes (2016); com base nesses estudos, conseguimos identificar traços da carta pessoal que se configuram como textos prévios (sobretudo, devido ao caráter formulaico do gênero), que, somados à novidade de cada situação comunicativa, constituem os enunciados (LONGHIN, 2014). A terceira base do tripé teórico de nossa análise reside na “abordagem descritiva baseada no uso linguístico” (GOUVEIA, 2009, p. 14) da Linguística Sistêmico-Funcional. O Sistema de Avaliatividade, oriundo da metafunção interpessoal da linguagem, – que desempenha relações sociais e concebe a linguagem como troca – dá pistas na localização da região semântica ligada às avaliações (VIAN JR, 2012). Tais avaliações – situadas em três subsistemas: Atitude, Engajamento e Gradação – evidenciam as atitudes negociadas no texto, a intensidade dos sentimentos envolvidos e o posicionamento autoral mediante outros posicionamentos no texto. Nesse sentido, são relevantes as abordagens de Martin e Rose (2003), Vian Jr. (2012) e Santos (2015). Os resultados da investigação evidenciam as semelhanças e distinções entre os subgêneros nas categorias de análise pré-estabelecidas, de acordo com o perfil social dos escreventes e com as relações

estabelecidas entre o escrevente e o destinatário, segundo os parâmetros de poder e solidariedade (BROWN; GILMAN, 1960; VIAN JR., 2012). Desse modo, mesmo seguindo um padrão composicional relativamente estável, com o advento de novas formas de comunicação, as cartas pessoais são passíveis de divisão em subgêneros e tal caracterização contribui para a identificação de traços semelhantes em textos escritos na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Carta pessoal. Subgênero. Tradição Discursiva. Sistema de Avaliatividade.

RESUMEN

En este trabajo, analizamos 60 cartas personales producidas en y/o destinadas al estado de Pernambuco durante siete décadas del siglo XX en diferentes contextos sociales. Teniendo como base los factores formales y lingüístico-discursivos que integran las cartas, se tiene por objetivo identificar y caracterizar los tres principales subgéneros de la carta personal: carta de amigo, carta de familia y carta de amor. La elección del recorte del corpus es justificada por los varios cambios en la lengua y en los textos que el siglo XX presencié; tales cambios pueden ser reflejados en la carta personal, ya que ese tipo de correspondencia lleva rasgos que, muchas veces, le acercan a la informalidad y espontaneidad de una conversación directa. Así, nuestro análisis se condiciona a tres bases teóricas, que ayudan en la caracterización de cada subgénero. Los estudios de géneros textuales/discursivos de los trabajos de Bakhtin (2000), Maingueneau (2005) y Araújo (2012) ayudan a ubicar la carta en el ámbito del hipergénero - entidad socio-discursiva que ejerce la función de etiqueta para la organización de diferentes contenidos - y a caracterizar la correspondencia personal como género, de acuerdo con su función comunicativa, a partir del cual emergen los tres subgéneros citados. En el eje del modelo de análisis de Tradición Discursiva, partimos de los enfoques de Koch (1997), Oesterreicher (1997, 2006), Kabatek (2003, 2006), Souza (2012), Longhin (2014) y Lopes y Gomes (2016); basados en estos estudios, se consigue identificar rasgos de la carta personal que le configuran como textos previos (sobre todo, debido al carácter formulaico del género), que, sumados a la novedad de cada situación comunicativa, constituyen los enunciados (LONGHIN, 2014). La tercera base del trípode teórico de nuestro análisis reside en el "enfoque descriptivo basado en el uso lingüístico" (GOUVEIA, 2009, página 14) de la Lingüística Sistémico-Funcional. El Sistema de Evaluación, oriundo de la metafunción interpersonal del lenguaje -que desempeña relaciones sociales y concibe el lenguaje como intercambio, da pistas en la localización de la región semántica ligada a las evaluaciones (VIAN JR., 2012). Tales evaluaciones - situadas en tres subsistemas: Actitud, Compromiso y Grado - evidencian las actitudes negociadas en el texto, la intensidad de los sentimientos involucrados y el posicionamiento autoral mediante otros posicionamientos en el texto. En este sentido, son relevantes los enfoques de Martin y Rose (2003), Vian Jr. (2012) y Santos (2015). Los resultados de la investigación evidencian las semejanzas y distinciones entre los subgéneros en las categorías de análisis preestablecidas, de acuerdo con el perfil social

de los escribientes y con las relaciones establecidas entre el escribano y el destinatario, según los parámetros de poder y solidaridad (BROWN; (GILMAN, 1960, VIAN JR., 2012). De este modo, incluso siguiendo un patrón compositivo relativamente estable, las cartas personales son pasibles de división en subgéneros y tal caracterización contribuye a la identificación de rasgos semejantes para textos escritos en la actualidad, con el advenimiento de nuevas formas de comunicación.

PALABRAS CLAVE: Carta personal. Subgénero. Tradición Discursiva. Sistema de Evaluación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Hipergênero, gêneros, subgêneros.....	27
Figura 2 – Tradições discursivas.....	29
Figura 3 – Evocação.....	32
Figura 4 – Diferenciação de tradições culturais	36
Figura 5 – Complexo Sistêmico Funcional de Halliday.....	39
Figura 6 – Relação contextos de cultura e situação, gênero e registro.....	45
Figura 7 – Sistemas semânticos interpessoais e as variáveis de registro.....	47
Figura 8 – Subsistema Atitude.....	49
Figura 9 – Subsistema de Engajamento.....	53
Figura 10 – Gradação.....	55
Figura 11 - Carta de amigo (CA09)	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – As variáveis de registro e as relações com as metafunções.....	42
Quadro 2 – As metafunções e seus desdobramentos	44
Quadro 3 – Quantidade de cartas por década	65
Quadro 4 – Ficha técnica do <i>corpus</i>	68
Quadro 5 – Notações para transcrição	69
Quadro 6 – Síntese dos subgêneros do ponto de vista das TDs.....	124
Quadro 7 – Síntese dos subgêneros do ponto de vista do Sistema de Avaliatividade.....	125

LISTA DE SIGLAS

CA	Carta de amigo
CF	Carta de família
CM	Carta de amor
Fundaj	Fundação Joaquim Nabuco
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
TD	Tradição Discursiva

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	APARATO TEÓRICO.....	21
2.1	HIPERGÊNERO, GÊNERO E SUBGÊNEROS.....	22
2.2	TRADIÇÃO DISCURSIVA E A INTERFACE COM OS GÊNEROS TEXTUAIS.....	27
2.3	TD X GÊNERO.....	33
2.4	LSF, SISTEMA DE AVALIATIVIDADE E A RELAÇÃO COM OS GÊNEROS.....	36
2.4.1	Contexto de situação e contexto de cultura.....	38
2.4.2	Gênero e registro.....	40
2.4.3	As metafunções da linguagem.....	43
2.4.4	Particularidades do gênero na LSF.....	45
2.4.5	O sistema de avaliatividade e a construção de significados Interpessoais.....	46
2.4.5.1	<i>Atitude</i>	48
2.4.5.2	<i>Engajamento</i>	52
2.4.5.3	<i>Gradação</i>	54
3	APARATO METODOLÓGICO.....	56
3.1	A CARTA NA HISTÓRIA.....	56
3.2	PECULIARIDADES DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA CARTA PESSOAL.....	61
3.3	CONTEXTO DE PRODUÇÃO: SÉCULO XX.....	63
3.4	ORIGEM DOS ACERVOS E PERFIL DOS ESCRIVENTES.....	66
3.5	PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO.....	69
3.6	TIPO DE ABORDAGEM E ANÁLISE.....	72
4	CARTAS DE AMIGO.....	74
4.1	SEÇÃO DE ABERTURA.....	74
4.2	NÚCLEO DAS CARTAS.....	79
4.3	SEÇÃO DE DESPEDIDA.....	90

5	CARTAS DE FAMÍLIA.....	93
5.1	SEÇÃO DE ABERTURA.....	94
5.2	NÚCLEO DAS CARTAS.....	97
5.3	SEÇÃO DE DESPEDIDA.....	108
6	CARTAS DE AMOR.....	112
6.1	SEÇÃO DE ABERTURA.....	113
6.2	NÚCLEO DAS CARTAS.....	115
6.3	SEÇÃO DE DESPEDIDA.....	120
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
	REFERÊNCIAS.....	130

1 INTRODUÇÃO

Não fique nervosa se não puder entender a letra. Conte até 10, dê uma volta pelo jardim e volte à tarefa com o espírito de sacrifício cristão.

(Clarice Lispector)

Embora não possua a mesma representatividade comunicativa que possuía no passado – devido, sobretudo, ao advento de novas formas de comunicação que dão prioridade à rapidez –, a carta é muito apreciada como fonte documental para os estudos sócio-históricos de uma língua. Devido à multiplicidade de temas e assuntos que podem ser tratados numa correspondência, esta pode, historicamente, assumir vários formatos (tratado científico, relato histórico, obra literária etc.).

Assim como os grandes gêneros literários, a carta tem concepção escrita e carrega traços de concepção da oralidade, relacionados à proximidade comunicativa (KOCH; OESTERREICHER, 2007): a notícia, a saudação e a despedida são elementos originários da tradição oral. Ela também pode, em alguns casos, ser considerada no limite entre os gêneros literários e cotidianos. A diferença entre uma carta pessoal e uma carta literária, por exemplo, é muito pequena. Em conformidade com os estudos de Guillén (1991), isso se deve à aproximação retórica da carta. De tal maneira, a carta perpassa diferentes domínios discursivos como o pessoal, o jornalístico e o comercial.

A *carta pessoal* é uma forma de comunicação essencialmente marcada pela espontaneidade, proximidade e por diferentes níveis de intimidade entre os interlocutores (SOUZA, 2012), indivíduos que geralmente possuem um relacionamento estreito. Nas relações estreitas que permitem agrupar as correspondências no conjunto das cartas pessoais, há particularidades que especificam a natureza de uma carta entre amigos, entre familiares e entre amantes. Sendo assim, a essência das cartas pessoais está pautada na relação entre remetente e destinatário, de modo que a relação entre os interlocutores de uma carta pessoal determina o subgrupo em que determinada carta se encontrará, não sendo suficiente um rótulo guarda-chuva para dar conta das

especificidades dos tipos de comunicação e suas respectivas estratégias linguístico-discursivas.

No contato pessoal, entre indivíduos com um nível elevado de intimidade, podem ser verificados diferentes componentes utilizados como recursos para a atribuição de valor a elementos da experiência social (OLIVEIRA, 2014). Sendo assim, as cartas pessoais registram, também, a forma pela qual a língua é “utilizada para avaliar, adotar uma postura, construir personas textuais e lidar com posicionamentos interpessoais” (WHITE, 2004 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 248).

Acreditamos, assim, que a subcategorização das cartas pessoais em cartas de amor, de família e de amigo auxilia na identificação de características linguístico-discursivas dos textos, uma vez que cada escrevente deve, antes de tudo, ter em mente qual será o leitor de sua correspondência e, a partir dessa informação, escolher os recursos léxico-gramaticais e as estratégias adequadas para configurar seus modos de dizer.

De acordo com Castilho da Costa (2012, p. 146), mais além da superação da distância temporal e espacial entre os interlocutores, a carta pessoal auxilia na elaboração da escrituralidade de uma concepção discursiva da distância na qual os textos ganham em grau de complexidade e em capacidade de armazenamento. A mesma autora (*op. cit.* p. 145), a respeito dos distintos subgrupos da correspondência pessoal, afirma que:

O rótulo “carta pessoal” engloba, na verdade, uma série de realizações com propósitos comunicativos muito diversos, desde o desejo de expressar amizade, o falar sobre religião, o de fazer fofoca sobre a vida alheia, o de dar notícias sobre a família até o de declarar amor de forma íntima. As epístolas do apóstolo Paulo (como Coríntios e Tiago, por exemplo) são cartas pessoais, que não podem ser lidas, definitivamente, do mesmo modo que as cartas escritas por Goethe à sua amada Christiane Vulpius.

Desse modo, acreditamos que as cartas pessoais, na verdade, englobam uma série de subgêneros, que comumente passam despercebidos nas análises do gênero textual. Da mesma maneira com que as cartas comerciais são subdivididas em uma variedade de agregações de subgêneros (carta de apresentação, carta de demissão, memorando, requerimento etc.), cada um com suas respectivas características formais e linguístico-discursivas, as cartas pessoais também se segmentam em grupos que

possuem traços próprios, que as caracterizam e as diferenciam. A escolha por esse tema de investigação está ancorada na necessidade de ampliação de investigações a respeito da subcategorização das cartas pessoais, no intuito de contribuir com os estudos acerca das práticas sociais que envolvem os gêneros textuais e suas finalidades comunicativas e especificidades constitutivas.

Poucos são os estudos que consideram essa subcategorização. A maioria dos autores prefere agrupar sob um mesmo rótulo (*carta pessoal*) uma infinidade de textos, muitos com diversos formatos, propósitos comunicativos e contextos de produção bastante distintos, que dão subsídios a uma grande quantidade de investigações. Devido ao caráter pouco abordado do tema, faz-se necessária a existência de investigações que sigam essa linha de pesquisa na caracterização dos subgêneros. De tal modo, acreditamos que a caracterização dos subgêneros da *carta pessoal* auxilia também na compreensão dos traços de mudança e de permanência em textos escritos na atualidade, com o advento dos gêneros digitais e de novas formas de comunicação em diferentes suportes. Consideramos, para isso, que os gêneros passam por processos de adaptação e simplificação (PESSOA, 2002) que os modificam e originam outros gêneros que correspondem aos mesmos propósitos comunicativos.

A opção por analisar cartas pernambucanas do século XX está em conformidade com pesquisas anteriores, vinculadas à equipe pernambucana do projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB), realizadas pelo autor durante a graduação na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Consoante essas pesquisas, este trabalho também visa abordar aspectos relacionados às tradições discursivas e às noções de gênero, registro e avaliatividade oriundas da Linguística Sistêmico-Funcional. Também consideramos o viés sócio-histórico da pesquisa, na medida em que são incluídos os papéis sociais dos interlocutores das cartas, bem como as relações estabelecidas entre eles e suas histórias de vida. Através das cartas, pode-se construir conhecimento sobre nossa história, haja vista que as cartas revelam fatos importantes sobre quem as escreveu, o local em que vivia, quando as escreveu e sobre a linguagem empregada (TRAVASSOS; FERREIRA, 2012). A reflexão sócio-histórica da língua também se faz presente no processo contínuo que é a relação entre a historicidade do texto e da língua, a qual se releva nas diferentes situações comunicativas ao longo do tempo.

Para a escolha do tema e do *corpus*, partimos do pressuposto de que o século XX presenciou notáveis mudanças na língua portuguesa (como, por exemplo, no uso das formas pronominais de tratamento); boa parte dessas mudanças é oriunda da oralidade.

Na carta pessoal, o escrevente emprega modos de dizer mais próximos à espontaneidade, e esse tipo de carta registra, então, a língua praticada em cada momento histórico. A proximidade comunicativa das cartas pessoais faz com que esse gênero dê um testemunho preliminar e panorâmico de transições no campo linguístico-discursivo no contexto pernambucano. Desse modo, nossa investigação é baseada no seguinte questionamento: *quais os fatores de estrutura composicional linguística e de contextualização sócio-histórica que podem levar à subcategorização das cartas pessoais?*

Assim, podemos tomar como hipótese a afirmação de que a relação existente entre remetente e destinatário é o que norteia essa subcategorização; tal relação, que pode ser manifestada em diferentes níveis de intimidade/proximidade, pode ser investigada em cartas dessa subcategorização com base no modelo de Tradição Discursiva – que dá conta dos critérios linguístico-discursivos internos e externos a cada missiva – e ao Sistema de Avaliatividade – que, no caso das cartas, evidencia a relação entre os interlocutores e distintos posicionamentos a respeito do que é relatado nos textos.

Este estudo, portanto, se propõe a investigar e identificar três subgêneros da *carta pessoal* (carta de amigo, de família e de amor), considerando os traços linguístico-discursivos e as tradições discursivas que os caracterizam e os diferenciam, tendo como base correspondências pernambucanas do século XX. Paralelamente a isso, desenvolvemos uma análise dos traços de mudanças e permanências dos elementos composicionais dos subgêneros da carta pessoal, considerando a natureza dos textos e o conceito de Tradição Discursiva; categorizamos os traços linguístico-discursivos empregados, considerando o perfil dos escreventes e as relações estabelecidas; e identificamos, com base nas correspondências analisadas e à luz dos estudos do Sistema de Avaliatividade da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), as principais atitudes negociadas nas correspondências, bem como a intensidade dos sentimentos referentes ao objeto de avaliação.

Do ponto de vista da análise de gêneros textuais, nossa investigação se apoia no conceito de gênero textual defendido por Bazerman (2005, p. 38), que assegura que as características dos gêneros “estão relacionadas com as funções principais ou atividades realizadas pelo gênero”; na teoria de gêneros do discurso proposta por Bakhtin (2000), que leva em conta o caráter social e subjetivo da linguagem e considera a carta como pertencente ao universo dos gêneros primários, enfatizando que a carta transmuta por

diferentes gêneros e que percorre diversos meios sociais. A respeito da abordagem dos gêneros do discurso, Bakhtin (2000) ainda considera que esses *tipos relativamente estáveis de enunciados* auxiliam o desenvolvimento dos diferentes processos de comunicação. Outros autores revisitaram as teorias bakhtinianas, tanto para reavaliar seus conceitos, como para confirmar suas ideias.

Essa discussão acerca dos conceitos de gênero e hipergênero nos leva à caracterização das cartas pessoais, enquanto gênero textual, segundo seus traços linguístico-discursivos na dimensão constitutiva de cada subgênero no *corpus* analisado. Baseamo-nos, portanto, na concepção de hipergênero como um conceito mais abstrato e geral, que agrupa vários rótulos, como a carta; o termo gênero é, então, tomado aqui para designar a carta pessoal, que abriga, em nossa pesquisa, três subgêneros fundamentais: cartas de amigo (troçadas entre parentes não próximos ou amigos/colegas com maior ou menor nível de intimidade), cartas de família (correspondências produzidas entre membros da família nuclear) e cartas de amor (troçadas entre cônjuges, pretendentes, noivos etc.). Guiamo-nos pela subcaracterização proposta por Souza (2012, p. 144), que identifica na carta pessoal três (grandes) grupos, em conformidade com “os tipos de relação interpessoal estabelecida entre remetente e destinatário”.

Para qualquer análise de viés histórico de um dado fenômeno linguístico-discursivo, bem como da historicidade dos gêneros textuais, é importante considerar o conceito de Tradição Discursiva (KABATEK, 2006; LONGHIN, 2012), que está relacionado ao entendimento do texto como ação linguística e instrumento de ação comunicativa e à recorrência de um texto, uma forma textual, ou maneira *sui generis*, oral ou escrita, que evoca uma determinada constelação discursiva (KABATEK, 2006, p. 512). Nessa perspectiva, as Tradições Discursivas estão intrinsecamente ligadas às tradições históricas do falar, que valem para cada uma das comunidades linguísticas que se formaram historicamente (COSERIU, 1979).

No viés da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), baseamo-nos na ideia de gênero e registro originalmente conceituada por Halliday e Mathiessen (2014, *apud* SANTOS, 2015). Para a LSF, gêneros são configurações recorrentes de significados que representam as práticas sociais de uma cultura (MARTIN; ROSE, 2008) e representam sistemas de processos sociais que constituem a cultura.

O Sistema de Avaliatividade, que emerge da Metafunção Interpessoal, está no nível da semântica do discurso (VIAN JR., 2012) e se realiza léxico-gramaticalmente através de diferentes estruturas gramaticais. Tal sistema, que “ressalta a natureza

interativa do discurso, é utilizado para negociar relações sociais ou interpessoais com o objetivo de dizer ao leitor ou ouvinte como nos sentimos em relação às pessoas ou coisas” (MARTIN; ROSE, 2003, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 3). Baseamo-nos nesse sistema na medida em que verificamos, nas cartas, que as escolhas linguísticas feitas pelos escreventes “refletem a ideologia e a cultura nas quais os sujeitos estão inseridos” (OLIVEIRA, 2014).

Outro conceito que utilizaremos em nossa abordagem é o de poder (*status*) e solidariedade (MARTIN; ROSE, 2008; BROWN; GILMAN, 1960; RUMEU, 2011), que diz respeito à natureza das relações entre interlocutores. Segundo Santos (2015), tais relações podem apresentar aspectos de igualdade e desigualdade e/ou dominação e subordinação, correspondentes à dimensão do *status*, ou de proximidade e distância social, que correspondem à solidariedade. Esses aspectos podem ser verificados nas relações estabelecidas entre os interlocutores das cartas que, apesar da intimidade entre alguns, podem optar pelo uso de um tom mais cerimonioso e respeitoso.

Sendo assim, propomo-nos, neste estudo, a executar uma interface entre o conceito de Tradição Discursiva (TD) e o de LSF, no contexto das cartas pessoais. Por se tratarem de conceitos amplos e bastante ramificados, há alguns pontos de encontro entre as duas abordagens, o que pode ocasionar certo choque terminológico. Entretanto, para evitar esses choques, nossa pesquisa delimita a área de atuação de cada perspectiva: as TDs se encarregaram dos aspectos intratextuais, dos modos de dizer que podem localizar determinada carta em certo subgênero; já alguns conceitos da LSF, em especial o Sistema de Avaliatividade, darão conta de traços intratextuais que evidenciam o posicionamento do escrevente em relação ao interlocutor e ao mundo em geral. A interseção desses dois modelos de análise, à luz das teorias de hipergênero e gêneros textuais, é o que nos auxilia a delinear as características básicas de cada subgênero, pautadas na simetria ou assimetria das relações entre interlocutores.

Desse modo, ao nos propormos a subdividir o gênero *carta pessoal* à luz do modelo de TD, estamos inserindo o presente trabalho na tradição de estudos de historicidade do texto e da língua. Uma vez que a carta é o gênero tido como originador de vários outros, é fundamental desenvolver uma análise que anteponha o caráter móvel desse gênero dentro de um *continuum* de variações.

No que diz respeito aos pressupostos metodológicos, nesta investigação, buscamos compreender, explicar e descrever, fundamentados nos pressupostos teóricos supracitados, os aspectos internos e externos que interferem no processo de variação dos

subgêneros, a exemplo do papel social dos interlocutores (CONDE SILVESTRE, 2007), que podem condicionar a opção por determinados modos de dizer (Cf. Martins et al, 2015).

O *corpus* desta pesquisa é constituído por 60 cartas pessoais que circularam no Estado de Pernambuco em distintas décadas do século XX. A maior parte das correspondências está disponível para consulta pública no setor de microfilmagem da Fundação Joaquim Nabuco. Há, porém, outra parte do *corpus* constituída por correspondências pessoais trocadas por um casal pernambucano nos anos de 1949 e 1950, que fazem parte do projeto *Formas tratamentais em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX: uma interface entre tradição discursiva e sociolinguística histórica*, sob a coordenação da Prof.^a Dr.^a Valéria Gomes no Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

A partir de registro fotográfico e transcrição, segundo os parâmetros sugeridos por Guedes e Berlink (2000), a análise dos dados obtidos nas missivas foi realizada segundo, basicamente, três eixos:

- aspectos estruturais dos textos;
- elementos constitutivos;
- história social (perfil social dos escreventes/destinatários e contextos de produção e recebimento);

Assim, no próximo capítulo – Aparato Teórico – trataremos das bases teóricas de nossa pesquisa, a saber, das teorias sobre gêneros textuais, do modelo de TD e do Sistema de Avaliatividade, bem como de alguns dos principais conceitos da LSF; mais adiante, no capítulo Aparato Metodológico, abordaremos questões metodológicas relacionadas ao tipo de análise, critérios de seleção e transcrição do *corpus* e um panorama histórico da carta em distintas sociedades; nossa análise está dividida por subgênero em três capítulos – Cartas de Amigo, Cartas de Família e Cartas de Amor – nos quais buscamos mostrar as principais características de cada subgênero, de acordo com os critérios estabelecidos e com a configuração das cartas, que apresentam elementos fixos. Por fim, rematamos este trabalho com as Considerações Finais.

2 APARATO TEÓRICO

Com certeza, as designações que usamos para os gêneros não são uma invenção pessoal, mas uma denominação histórica e socialmente constituída.

(L. A. Marcuschi)

Na seara de estudos sobre os gêneros textuais – popularizados a partir da década de 1960, com a Linguística Textual – vários tipos de abordagens foram desenvolvidos, baseados em diversos aportes teóricos e com vários textos usados como *corpus*. Todos esses trabalhos contribuíram para a construção de um vasto portfólio de análises e definições de gêneros textuais tão diversificados quanto as relações humanas. Assim como Marcuschi (2008, p. 164), compreendemos que todos os gêneros “estão bem fixados e não oferecem problemas para sua identificação”, e que os estudos sobre os gêneros textuais visam contemplar essa variedade, intensificada com o surgimento dos gêneros digitais (PIRES, 2012). Apesar de fixados, os gêneros não são imutáveis, inflexíveis. Desse modo, a identificação de gêneros que circularam em diferentes épocas requer estratégias de leitura diferentes porque os gêneros sofrem transformações ao longo do tempo.

Estando em constantes processos de evolução, transformação e adaptação – uma vez que novos eventos sociais acionam novos gêneros (VIAN JR., 2010) – reconhecemos que o conceito de gênero designa cada tipo de atividade realizada linguisticamente que faz parte de nossa cultura (BONINI, 2007). Destarte, nomes são dados aos gêneros segundo parâmetros de forma estrutural, propósito comunicativo, conteúdo, meio de transmissão, papéis dos interlocutores e contexto situacional (MARCUSCHI, 2008).

Aproximando os estudos sobre gêneros textuais à subcategorização das *cartas pessoais*, nossa análise está embasada no modelo de Tradição Discursiva e na Linguística Sistêmico-Funcional, mais especificamente no Sistema de Avaliatividade. A intersecção entre os dois modelos se complementam na construção do parâmetro

adotado para a identificação dos subgêneros, uma vez que as tradições discursivas configuram-se como elementos constituintes das correspondências e a avaliatividade evidencia o papel social dos interlocutores nos contextos nos quais eles estão inseridos. Dessa forma, as tradições discursivas dão conta do "macro", de como cada carta pessoal está organizada e de como a história dos textos se torna evidente em cada uma delas. O Sistema de Avaliatividade, por sua vez, se encarrega dos pormenores do texto, através dos quais o autor se posiciona e estabelece com o leitor as relações determinantes para cada subgênero.

Assim, este capítulo tratará, num primeiro momento, dos critérios usados para a classificação do *corpus* de acordo com os subgêneros. Para isso, guiamo-nos pelo conceito de Tradição Discursiva, acreditando que as relações de maior ou menor intimidade entre os interlocutores podem ser expressas através de formas textuais ou maneira *sui generis* que evocam uma determinada constelação discursiva (KABATEK, 2006).

Num segundo momento, falaremos sobre a Linguística Sistêmico-Funcional, corrente de abordagem do estudo da linguagem, proposta por Halliday, centrada na noção de função e produção de significados (SANTOS, 2014). A partir dessa percepção, abordaremos o Sistema de Avaliatividade – que “lida com os mecanismos de avaliação disponíveis na linguagem” (VIAN JR., 2010, p. 85) – considerando que, através da troca de informações entre interlocutores e dos sentimentos linguisticamente expressos por meio da avaliação, as relações entre escreventes e leitores das cartas pessoais podem ser estabelecidas ou mantidas, o que também facilita a identificação e caracterização de cada subgênero.

2.1 HIPERGÊNERO, GÊNERO E SUBGÊNEROS

Discutiremos, agora, a maneira como percebemos o enquadre da *carta pessoal* em algumas das teorias sobre gêneros existentes. Considerando que “a maioria dos gêneros tem características de fácil reconhecimento que sinalizam a espécie de texto que são” (BAZERMAN, 2005, p. 38), algumas dessas características são comumente utilizadas para a categorização de cada gênero. Dessa forma, veremos como as características contidas na *carta pessoal* favorecem a subdivisão em subgêneros, dentro de uma categoria maior, a carta, que reconhecemos como hipergênero.

Para Mikhail Bakhtin, “a língua é vista como uma atividade essencialmente dialógica, que analisa os sujeitos da interação como seres sócio-historicamente situados” (RAMOS, 2009, p. 357). Bakhtin (2000) toma o enunciado como a unidade real da comunicação verbal, de modo que toda enunciação pressupõe interação verbal entre os interlocutores. Conforme o pensador russo, “o enunciado se realiza em tipos relativamente estáveis, de acordo com as mais variadas esferas da atividade humana” (ARAÚJO, 2012, p. 162). Esses *tipos relativamente estáveis* de enunciados, aos quais o grupo bakhtiniano deu o nome de gêneros do discurso, auxiliam o desenvolvimento dos diferentes processos de comunicação. Tal definição foi usada várias vezes como base para diversos enfoques acerca do gênero.

Faraco (2003, p. 112) afirma que, ao adotar essa definição para os gêneros, Bakhtin “está dando relevo, de um lado, à historicidade dos gêneros; e, de outro, à necessária imprecisão de suas características e fronteiras”. Baldo (2004, p. 2) considera que o filósofo da linguagem, antes mesmo de se preocupar com a caracterização dos gêneros, “chama a atenção para a sua diversidade: sendo utilizados em todas as esferas da atividade humana, eles vão se diferenciando e ampliando na medida em que estas se desenvolvem ou se ampliam”. Bawarshi e Reiff (2013) enfatizam a existência de dois eixos nas relações de gênero na obra de Bakhtin: horizontalmente, temos a natureza dialógica dos gêneros e, verticalmente, o que Bakhtin chama de gêneros primários e secundários. Os gêneros primários são os que mantêm uma “relação imediata com a realidade existente e com os enunciados reais dos outros” (BAKHTIN, 1986 [2000], p. 62, *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 42). Como exemplo dos gêneros primários, o pensador destaca o diálogo cotidiano e a *carta pessoal*. Já os gêneros secundários são os que absorvem e modificam os gêneros primários, tornando-os complexos.

Operando “com a mesma noção de gênero empregada na obra de Bakhtin”, (SILVA, 1999, p. 98), Marcuschi (2005, p. 18) afirma que:

Existe uma grande diversidade de teorias de gêneros no momento atual, mas pode-se dizer que as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo-se em vista que o gênero é essencialmente flexível e variável, tal como o seu componente crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se. Em suma, hoje, a tendência é observar os gêneros pelo seu lado cognitivo, evitando a classificação e a postura estrutural.

Assim, Marcuschi (2005) afirma que vários estudos que se basearam em Bakhtin adotaram uma perspectiva formal (ARAÚJO, 2012), focando no que diz respeito ao ‘estáveis’ e deixando de lado o ‘relativamente’. Araújo (2012, p. 163) diz que “as situações de interação social tendem a ser relativamente estáveis dentro da organização de uma comunidade, ainda que infinitas em constante renovação”. Para a autora, os gêneros são modos de ação nas esferas de atividade social.

Ao conceituar o suporte como “um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado em texto”¹, Marcuschi (2008, p. 174) toma a *carta pessoal* como gênero para exemplificar essa relação, dando o papel de carta como suporte para a correspondência.

Dentre os autores que exploraram o lado ‘relativo’ dos gêneros, podemos destacar Maingueneau (2002, *apud* RAMOS, 2009), que argumenta que os rótulos podem exercer influência sob os aspectos formais e de interpretação dos gêneros. O mesmo autor (2002) enfatiza que, desde a Antiguidade, a noção de gênero se alimenta das tradições retóricas e poéticas. Foi com Bakhtin que esse conceito passou a abranger as atividades verbais. Maingueneau afirma que o que ele chama de gêneros do discurso são uma das formas de categorizar o discurso. O discurso é caracterizado por meio dos gêneros a partir de critérios linguísticos: “marcadores de enunciação, distribuição das provas linguísticas, tipos de organização textual” (MAINGUENEAU, 2005, p. 132)².

Maingueneau (2005, p. 133) vê os gêneros como “indissociáveis da sociedade da qual eles são parte. Uma modificação significativa do seu modo de circulação pode ser suficiente para transformá-los profundamente”. O autor francês (2005) ao tratar da *carta* e do diálogo, por exemplo, utiliza a classificação de *hipergênero* e afirma que “um hipergênero dá, antes de tudo, o ‘formato’ de um texto” (MAINGUENEAU, 2005, p. 135) (grifo do autor). Segundo ele, os hipergêneros são mais que simples moldes de formatação textual, apesar de serem entendidos como “rótulos” para a organização de conteúdos; por exemplo, a *correspondência epistolar*, por sua proximidade com o intercâmbio conversacional, permite formatar os mais diferentes conteúdos sob o mesmo rótulo. Ele esclarece esse conceito do seguinte modo:

¹ Nesse aspecto, é importante mencionar que o gênero não deve ser confundido com o texto no qual é materializado. Autores como Bezerra (2017) e Bazerman (2005) optam por situar os gêneros no âmbito psicossocial. Apenas o texto, nessa abordagem, tem um caráter material.

² *marques d'énonciation, répartition stastique d'indices linguistiques, types d'organisation textuelle*

No caso dos rótulos que se referem a um tipo de organização textual, mencionamos em primeiro lugar aquilo a que demos o nome de hipergêneros. Trata-se de categorizações como “diálogo”, “carta”, “ensaio”, “diário” etc. que permitem formatar o texto. Não se trata, diferentemente do gênero do discurso, de um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas um modo de organização com fracas coerções que encontramos nos mais diversos lugares e épocas e no âmbito do qual podem desenvolver-se as mais variadas encenações da fala. O diálogo, que no Ocidente tem estruturado uma multiplicidade de textos longos ao longo de uns 2.500 anos, é um bom exemplo de hipergênero. Basta fazer com que conversem ao menos dois locutores para se poder falar de “diálogo”. O fato de o diálogo - assim como a *correspondência epistolar* - ter sido usado de modo tão constante decorre do fato de que, por sua proximidade com o intercâmbio conversacional, ele permite formatar os mais diferentes conteúdos (MAINGUENEAU, 2006, p. 244) (grifo nosso).

Destarte, um hipergênero apresenta uma quantidade de possibilidades que vêm à tona a cada situação de uso (MAINGUENEAU, 2005) e configuram as características de cada gênero “comportado” pela forma de organização textual. De acordo com Ramos (2009, p. 360), “pode-se dizer que há, então, dois níveis de rotulações, as próprias aos gêneros autorais e as que interferem na formatação do texto, caso dos hipergêneros”.

Defendemos, portanto, a identificação da carta como hipergênero, pois a partir dessa “entidade sócio-discursiva” (SOUZA, 2012, p. 58) aparecem outros gêneros discursivos com finalidades comunicativas específicas (SILVA, 2017), “os quais exercem a sua função de acordo com as características de cada um e sua finalidade de intermediar a comunicação entre os usuários” (MELO; BRITO, 2011, p.4).

Tendo apresentado definições para gênero e hipergênero, categorizaremos, agora, o conceito que aqui chamamos de *subgênero*. Marcuschi (2011, p. 19) assevera que os gêneros “mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”. Partindo do pressuposto de que “as cartas dividem-se em subgêneros, de acordo com o grau de intimidade entre os escribas” (SIMÕES, 2012, p. 69), no gênero *carta pessoal*, encontramos outros tipos relativamente estáveis de enunciados, que fazem parte de um *continuum* de relações interpessoais. Em Silva (2017, p. 204), encontramos uma justificativa para a adoção do conceito de subgênero no âmbito da *carta pessoal*:

A configuração, influenciada por fatores históricos e sociais, da carta enquanto gênero textual/discursivo nos leva à necessidade de subcategorização em distintos grupos menores. Um indício de tal necessidade está contido na divisão da carta comercial, gênero considerado como oposto à missiva pessoal e subcategorizado em uma infinidade de grupos genéricos, cada um com traços específicos – que também dizem respeito à relação entre interlocutores (mesmo que seja um interlocutor fictício ou genérico) e à finalidade comunicativa – que o diferencia dos demais. Entre os subgêneros da carta comercial estão o requerimento, o memorando, a carta de apresentação, a de demissão etc.

Sendo assim, como o cerne da *carta pessoal* reside na relação existente entre escrevente e destinatário, é essa relação que definirá a qual subgênero tal carta pertence. Souza (2012, p. 114) diz que “no rol do gênero carta pessoal estariam envolvidos três tipos de cartas, que se correlacionariam com os tipos de relação interpessoal estabelecidos entre remetente e destinatário”. Nessa perspectiva, nossa pesquisa toma como base três subgêneros fundamentais para a *carta pessoal*.

- ❖ **Carta de família** – correspondência produzida entre membros da família nuclear;

- ❖ **Carta de amor** – trocada entre cônjuges, pretendentes, noivos etc.;

- ❖ **Carta de amigo** – trocada entre parentes não próximos ou amigos/colegas com maior ou menor nível de intimidade.

A figura subsequente esquematiza a relação entre hipergênero, gênero e subgêneros explicada anteriormente.

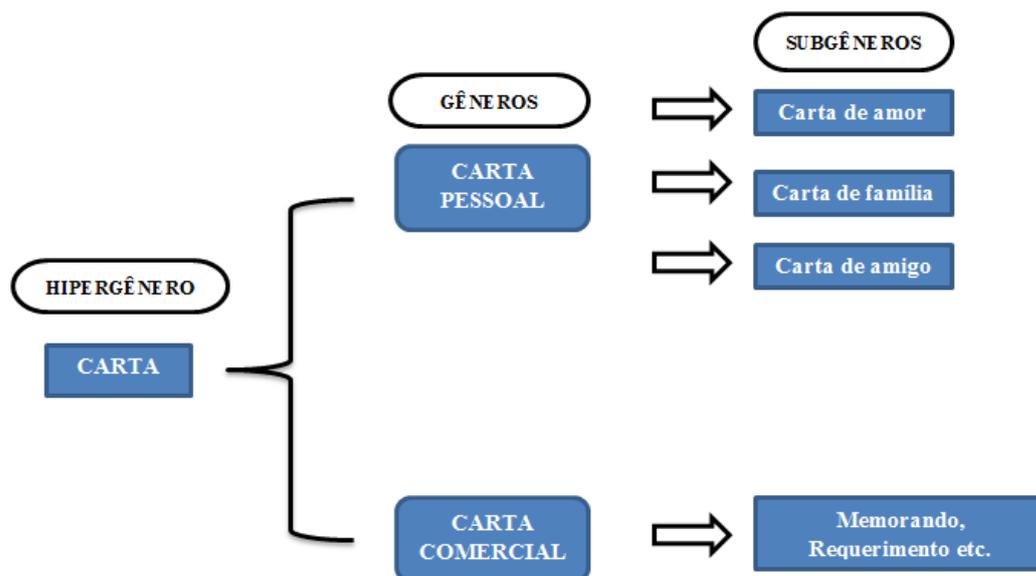


Figura 1 – hipergênero, gêneros, subgêneros (elaborada para este trabalho)

Histórica e culturalmente, a carta tem desempenhado, além da função de rótulo, um papel social importante como instrumento de comunicação e aproximação de pessoas. A rotulação da carta remete à junção das suas propriedades formais e da interpretação dos conteúdos por ela veiculados (MAINGUENEAU, 2006). Assim, a relevância desse modelo de categorização reside na localização de elementos que categorizam cada subgênero. Muitos desses elementos podem ser melhor compreendidos à luz do modelo de Tradição Discursiva, como veremos no próximo item.

2.2 TRADIÇÃO DISCURSIVA E A INTERFACE COM OS GÊNEROS TEXTUAIS

Na realização de análises de viés histórico de um dado fenômeno linguístico-discursivo, bem como da historicidade dos gêneros textuais/discursivos, o conceito de Tradição Discursiva tem se mostrado bastante proveitoso. De acordo com Longhin (2014), as tradições discursivas são modelos textuais, social e historicamente convencionalizados, que fazem parte da memória cultural de uma comunidade. Para Oesterreicher (1999, *apud* ASSIS, 2009, p. 3859), as TDs são “esquemas convencionais

e normativos de transmissão linguística de significados, que guiam a produção e a compreensão de discursos”.

Para compreendermos o conceito de TD aplicado aos estudos dos gêneros textuais, é fundamental que haja uma contextualização do percurso histórico do desenvolvimento desse modelo de análise. Começamos por Saussure, que, no *Curso de Linguística Geral* (1916 [1996]), separou a língua e a fala. Em sua concepção, a língua é, concomitantemente, realidade psíquica e instituição social, “produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (SAUSSURE, 1916 [1996], p. 17) (SILVA, 2008); a fala é, então, a concretização da atividade linguística, individual, sujeita a fatores externos, muitas vezes não linguísticos. Eugenio Coseriu (2007) toma como ponto de partida essa dicotomia saussuriana e, ao invés de considerar a língua como uma realidade bipartida, considera-a como tripartida, constituída por sistema, norma e fala (PINHEIRO, 2015). A proposta de Coseriu para o estudo da linguagem apresenta três níveis autônomos, a saber:

- ❖ Nível universal – diz respeito aos fenômenos comuns a todas as línguas e a faculdade universal do falar;
- ❖ Nível histórico – está relacionado às “línguas como sistemas de significação historicamente dados” (KABATEK, 2006, p. 1);
- ❖ Nível individual – atualização do segundo nível em textos ou discursos.

Assim, esses três níveis atuam concomitantemente através da fala e da produção de textos. Kabatek (2006, p. 2) enfatiza a necessidade de desmembramento desses três níveis “na investigação de uma questão linguística concreta”. A partir da década de 1970, com o estudo da língua baseado em textos, surgiram várias disciplinas baseadas nessa perspectiva, provocando uma mudança paradigmática que acarretou o interesse pelo *discurso* (ASSIS, 2009). Simões (2007, p. 89) considera que, durante o século XX, a Linguística Textual deu origem a distintas correntes de análise que consideram:

- 1) a textualidade a partir dos elementos linguísticos específicos dos textos; 2) a textualidade a partir do conteúdo temático e de sua macroestrutura (textos descritivos, técnicos, argumentativos, etc); 3) a análise do texto segundo a sua inserção situacional; 4) a análise do texto

segundo a sua função ou finalidade comunicativa, decorrente de sua ilocução dominante e 5) a esses campos de estudo aliaram-se durante a década de 80 os estudos que combinavam diferentes aspectos da linguística variacional e da pragmática.

Nesse contexto, Brigitte Schlieben-Lange, romanista alemã que havia sido aluna de Coseriu na Universidade de Tübingen – tendo combinado traços da Sociolinguística e da Pragmática à teoria dele – apresenta, em 1983, a proposta de uma *pragmática histórica* (KABATEK, 2006). Essa pragmática estava situada numa discussão sobre a oralidade e a escrituralidade do ponto de vista histórico. A pragmática histórica é um termo que “ainda hoje serve, senão popularmente para nomear, para descrever o que os estudos em TD fazem: uma pragmática histórica” (MELO, 2001, p. 8).

A pragmática histórica de Schlieben-Lange está associada ao pressuposto de que “existe uma história dos textos independente da história das línguas e que o estudo histórico das línguas deve tê-la em conta” (KABATEK, 2006, p. 3). Assim, essas “tradições além das línguas” (*op. cit.*, p. 3) recebem o nome de tradições discursivas.

Peter Koch (1997) e Wulf Oesterreicher (1997) tomam como base o nível histórico proposto por Coseriu e postulam “a existência de dois fatores no nível histórico, a língua como sistema gramatical e lexical de uma língua e as tradições discursivas” (KABATEK, 2006, p. 3). Longhin (2014, p. 17) diz que os pesquisadores “propõem distinguir, dentro do nível histórico, o domínio da língua histórica particular e o domínio da tradição dos textos” através de uma concepção de que o sentido de um texto é produzido por meio de dois filtros que atuam simultaneamente, como podemos ver no esquema a seguir, retirado dos estudos de Kabatek (2006, p. 4).



Figura 2: tradições discursivas (KABATEK, 2006, p. 4)

Longhin (2014, p. 17) explica que esses dois filtros correspondem às *técnicas da língua*, “que organizam os fatos linguísticos, como oposições fonológicas, construções morfológicas, arranjos sintáticos e escolhas lexicais”; e as *técnicas da tradição dos textos*, que organizam os fatores linguísticos em unidades maiores, “em termos de conteúdo temático ou domínio mais amplo de sentido, composicionalidade e estilo”.

Kabatek (2006, p. 4) sugere uma amplificação do conceito de historicidade, uma vez que as TDs “compartilham a mesma historicidade do que as línguas”. Para ele (*op. cit.* p. 6) “o traço definidor das TD é, então, a relação de um texto em um momento determinado da história com outro texto anterior: uma relação temporal de *repetição* de algo” (grifo do autor). Sobre a historicidade dos textos, Longhin (2014, p. 19) afirma que:

No âmbito dos textos, a historicidade diz respeito ao acervo de textos já ditos e já escritos, armazenados na memória da comunidade, na forma de modelos linguísticos tradicionais. Esse acervo textual é sempre mobilizado nas situações de enunciação, que repetem elementos tradicionais, colocando-os novamente em cena. Repete-se, às vezes, uma finalidade de dizer; repetem-se, outras vezes, aspectos de forma e/ou conteúdo, em graus variáveis.

Dessa forma, para a autora (2014, p. 20), os enunciados são constituídos a partir da soma dos textos prévios – evocados e repetidos – com a novidade, ou atualidade, de cada situação. Para Kabatek (2003), as tradições podem se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou a qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de combinação entre *tradição* e *atualização*. De acordo com Lopes (2011, p. 367), “Os traços fundamentais para o estabelecimento de uma TD como material composicional de um gênero textual são: a repetição e a evocação”. Lopes (*op. cit.*) também esclarece que uma TD é evocada por uma situação concreta que se repete em determinado contexto e, dessa maneira, “a situação evoca outros encontros semelhantes em que se pronuncia a mesma estratégia”.

Sobre a evocação, Kabatek (2006) esclarece que se trata de um conceito fundamental para o entendimento de TD. Para ele, a evocação transcende os limites discursivos, sendo indispensável para que possamos conceber uma saudação como “oi” como TD e uma palavra como “que” como incapaz de sozinha, constituir uma TD. O linguista (*op. cit.* p. 6) diz que “a saudação, por exemplo, é evocada por uma situação concreta que se repete: o mencionado encontro evoca outros encontros nos quais se

pronunciava a mesma sequência de palavras”. O mesmo se dá nos casos em que determinadas instituições e/ou canais de comunicação evocam determinadas tradições. No caso das cartas pessoais, podemos caracterizar os elementos constitutivos da correspondência como TDs, visto que o “local, a data, a saudação inicial, o corpo do texto, a despedida e a assinatura estão sempre presentes. Essas propriedades da carta permitem a identificação do remetente na sua relação com o destinatário” (LOPES, 2012, p. 49) e são evocadas pela situação comunicativa que o hipergênero carta propicia, estando associadas a tantas outras cartas em que essas fórmulas fixas se encontram presentes. Kabatek (*op. cit.* p. 6) elaborou o esquema que veremos a seguir, mostrando que a “relação de tradição de uma TD tem então duas faces, a TD propriamente dita e a constelação discursiva que a evoca”.

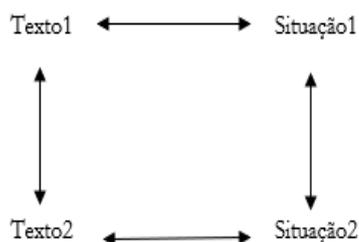


Figura 3: Evocação (KABATEK, 2006, p. 7)

No esquema, o eixo vertical corresponde à repetição, o tempo entre dois textos, e o eixo horizontal representa a evocação. Torna-se evidente, pois, a relação de um texto com o contexto, bem como a relação desse mesmo texto com outros textos da mesma tradição, como a saudação, por exemplo, que é evocada pelo encontro na rua. Assim, percebemos que as TDs podem ser verificáveis em “todo tipo de texto ou de categoria textual, independente da quantidade de repetições que haja, pois desde que estas sejam repetições linguísticas serão consideradas TD, embora que nem todas as repetições constituam uma tradição discursiva” (OLIVEIRA; SÁ JR., 2011, p. 2). Kabatek (2006, p. 7) explica que essa relação entre texto e situação se fundamenta, no âmbito da TD, em seu valor de signo, sendo “reconhecível por meio de signos metatextuais como ‘saudação’, ‘carta’, ‘soneto’, etc.” (grifos do autor). Tendo valor de signo, uma TD

comunica mais do que um texto sem tradição posto que, além do seu valor proposicional, também transmite uma referência à tradição concreta. “Bom dia” não é só uma saudação, é também uma referência à tradição dessa saudação concreta. Por isso, uma TD é mais do que um simples enunciado; é um ato linguístico que relaciona um texto com uma realidade, uma situação, etc., mas também relaciona esse texto com outros textos da mesma tradição (KABATEK, 2006, p. 8).

“O conceito de TD contempla, além do linguístico, o convencional, o ritual e o repetível” (LONGHIN, 2014, p. 23), na unidade básica de comunicação, que é o texto, cujo sentido concentra-se, também, nas pessoais e nos rituais tradicionais. Os aspectos universais do linguístico ligados à concretização histórica realizam-se através do texto enquanto produto do falar, em situações históricas determinadas (ASSIS, 2009, p. 3858).

Oesterreicher (1997) explica que os textos, em seus meios e concepções fônicos e escritos, apresentam um *continuum* de variações, tendo, então, as TDs um caráter móvel. Koch e Oesterreicher (2007) dizem que as formas comunicativas apresentam-se sob o meio gráfico e fônico e que elas se estabelecem num *continuum* cujas extremidades são formadas pela proximidade ou pela distância comunicativas. Os textos de concepção falada e meio fônico possuem mais proximidade comunicativa, sendo opostos aos textos de concepção escrita e meio gráfico, que se encontram na distância comunicativa. Esse *continuum* proposto vai, portanto, da oralidade à escrituralidade ou vice-versa. Dessa forma podemos situar a *carta pessoal* como fruto da concepção falada e do meio de realização gráfico (SILVA; GOMES, 2017b), visto que ela “configura-se como uma circunstância espontânea de comunicação verbal” (LOPES, 2012, p. 70).

De acordo com Preti (2006), Koch e Oesterreicher (2005) organizam os termos fala e escrita em dois sentidos. Em primeiro lugar, fala e escrita denominam meios diferentes de realização textual (a fala é a manifestação fônica e a escrita é a manifestação gráfica); num segundo plano, o ponto de vista dos autores diz respeito a distintas maneiras de concepção de um texto. Assim, uma *carta pessoal*, mesmo que seja realizada por escrito, está, conceitualmente, mais próxima de um texto falado (SILVA, 2017). Gomes e Lopes (2016, p. 5) esclarecem que a correspondência pessoal

Apresenta uma combinação paramétrica que favorece a proximidade comunicativa no que diz respeito à privacidade, à familiaridade entre os interlocutores, à emocionalidade, à espontaneidade relativa e ao desenvolvimento temático livre. Daí a carta pessoal ter um caráter de ‘conversação escrita’.

Castilho da Costa (2012) afirma que, além da superação da distância temporal e espacial entre os interlocutores, a correspondência pessoal contribui para a elaboração da escrituralidade de uma concepção discursiva da distância na qual os textos ganham em grau de complexidade e em capacidade de armazenamento.

De acordo com Koch (1997) e Wilhelm (1996, *apud* CASTILHO DA COSTA, 2012, p. 149-150), existem diferentes graus de TDs, envolvendo: a) universos discursivos³; b) estilos; c) gêneros textuais, gêneros literários, gêneros retóricos, formas conversacionais; d) ações linguísticas/atos de fala marcados historicamente. Portanto, faz-se necessário esclarecer que, devido a sua amplitude, a noção de TD inclui a noção de gênero, como veremos a seguir.

2.3 TD X GÊNERO

Kabatek (2012, p. 580) chama atenção para um ponto polêmico referente à delimitação comumente apresentada entre TD e gênero: “ambos os termos são equiparados a tal ponto que, às vezes, parece que a tradição dos estudos de gênero é renovada com um termo novo em aparente inovação que, na realidade, não é mais do que vinho velho em odres novos”. Nesse sentido, em vários estudos desenvolvidos, pode ser notada uma atenção especial no que diz respeito à demarcação de limites entre os dois conceitos.

O próprio Kabatek (2006, p.5) afirma que o mesmo gênero, como a *carta pessoal*, em distintos contextos, pode apresentar diferentes tradições. Para ele “os gêneros são tradições de falar, mas nem todas as tradições de falar são gêneros”. Longhin (2014, p. 27) concorda com ele ao dizer que “todo gênero é um TD, mas nem toda TD é gênero”. A autora acrescenta:

³ De acordo com Schlieben-Lange (1983, *apud* CASTILHO DA COSTA, 2010), os universos discursivos correspondem a tipos/conjuntos de textos que fazem referência ao mesmo mundo e têm os mesmos padrões argumentativos, como, por exemplo, o Direito, a poesia, a ciência e a religião.

Aliás, tendo em conta o princípio da composicionalidade tradicional, admitimos que um gênero pode abrigar uma constelação de TD, e a análise dessa constelação, além de fornecer um painel da rede de tradições constitutiva da TD, pode trazer evidências de fatos da história da própria TD, revelando as relações e os entrecruzamentos entre gêneros (LONGHIN, 2014, p. 27).

Dessa forma, Longhin está de acordo com Lopes (2011), que afirma que as TDs são parte constitutiva dos gêneros. Para Castilho da Costa (2012, p. 148), “o lugar das tradições discursivas na teoria linguística está inevitavelmente ligado ao próprio conceito de texto”. De acordo com esta autora, Coseriu (2007, p. 46) entende que “o texto corresponde a atos linguísticos ou a uma série de atos linguísticos conexos que um enunciador realiza em uma situação concreta”. Assim, compreendendo TDs como “ações linguísticas tradicionais” (CASTILHO DA COSTA, 2012, p. 149), podemos afirmar que tanto uma fórmula como “bom dia” quanto um romance literário podem ser considerados como TDs, uma vez que são considerados textos de acordo com sua *composicionalidade*.

Sobre a composicionalidade das TDs, Kabatek (2012, p. 586) afirma que esse é um conceito fundamental para o entendimento das TDs e o explica da seguinte maneira: “um texto pode corresponder a toda uma série de tradições co-presentes ao mesmo tempo; e a investigação empírica das TDs tem a tarefa da identificação dessa rede de tradições”. É necessário, então, tratar de toda a amplitude dos elementos composicionais nos textos e ter em conta essa tradicionalidade relacionada a parâmetros linguísticos, gramaticais e pragmáticos (KABATEK, 2012). Assim, para Kabatek, as consequências dessa forma de análise são mais amplas que as consequências da descrição dos gêneros. Longhin (2014) aproxima o princípio da composicionalidade das TDs com a noção de *ruínas de gêneros* para explicar o entrecruzamento de TDs oriundas de diversos gêneros em determinado texto. Corrêa (2006, p. 209) conceitua as ruínas de gêneros da seguinte forma:

[...] os vestígios de gêneros discursivos – enunciados genéricos tomados como réplicas – aparecem, preferentemente sob a forma do que chamo “ruínas de gêneros discursivos”, deixadas nos textos. Naturalmente, não emprego o termo “ruína” em sua acepção negativa, isto é, com o sentido de

“gêneros discursivos em estado de destruição”. Pelo contrário, tais ruínas são partes mais ou menos informes de gêneros discursivos, que, quando presentes em outro gênero, ganham o estatuto de fontes históricas – retrospectivas ou prospectivas – da constituição de uma fala ou de uma escrita. Quando consideradas como fragmentos de enunciados genéricos, elas podem ser vistas, também, como o resultado de uma “regeneração”, pensada esta última como o processo pelo qual os sinais de um conjunto de saberes (as ruínas de uma civilização!) podem assumir o papel de elementos fundadores de novos saberes. Estes adviriam do fato de que novas atividades humanas (Bakhtin, *idem*) não cessam de pôr, lado a lado, diferentes representações de tempos/espacos em novas composições genéricas (grifos do autor).

Por isso, compreendemos que todo texto é um tipo de ação linguística, que se concretiza em um gênero. As TDs abrangem, portanto, distintos graus de abstração e complexidade de modelos textuais, ou seja, das dimensões mais pontuais que vão desde uma saudação como o “Bom dia” até dimensões mais amplas, como uma carta de amigo (SILVA; GOMES, 2017b). Consoante Koch (1998, p. 14), todo discurso está situado em determinadas tradições históricas:

De um lado, na tradição de uma dada língua particular (ou variedade linguística), de outro, em determinada tradição discursiva. Esse último termo diz que todo discurso é exemplar de algum gênero literário, gênero textual ou forma conversacional, apresenta traços de uma determinada orientação estilística, serve para execução de atos de fala marcados historicamente etc.

Os estudos de Koch a respeito de tradições discursivas vêm ao encontro das investigações de Todorov (1980, *apud* PESSOA, 2002), que afirma que cada gênero “é sempre uma transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação”. Os gêneros estão intrinsecamente articulados com as práticas sociais, aspectos cognitivos, interesses, relações de poder, tecnologias, atividades discursivas e culturais. O movimento de transformação e autonomia dos gêneros constitui o acervo textual, que Koch (1997, p. 14-16) caracteriza como filtros que pertencem à (i) inovação por diferenciação de tradições culturais; (ii) inovação por mistura de tradições culturais e (iii) inovação por convergência de tradições culturais, de acordo como mostra a figura a seguir:

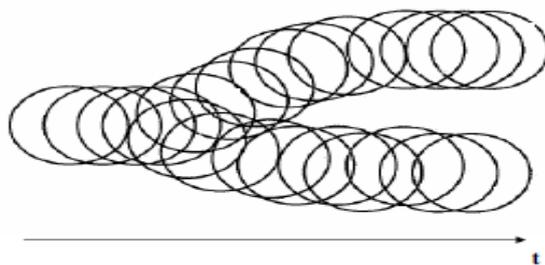


Figura 4: Diferenciação de tradições culturais (KOCH,1997, p.15).

No contexto da nossa pesquisa, reconhecemos que os gêneros textuais funcionam como “materialização de um dos elementos do conjunto de Tradições Discursivas” (BARBOSA, 2012, p. 591). Assim, identificamos as TDs como elementos constitutivos dos gêneros. As TDs são fundamentais para a verificação dos elementos caracterizadores dos subgêneros da carta pessoal, bem como dos traços de mudanças e permanências na língua e no discurso e das demais marcas que evidenciam a identidade social dos escreventes e a relação existente entre interlocutores (SILVA, 2017). Desse modo, as peculiaridades de cada subgênero da carta pessoal podem ser reveladas sob a ótica desse modelo de análise, aliado à abordagem focada nas múltiplas possibilidades do uso da língua, proporcionada pela corrente Sistêmico-Funcional, da qual tratamos a seguir.

2.4 LSF, SISTEMA DE AVALIATIVIDADE E A RELAÇÃO COM OS GÊNEROS

A terceira base teórica do tripé de sustentação de nossa pesquisa reside na “abordagem descritiva baseada no uso linguístico” (GOUVEIA, 2009, p. 14) oriunda da Linguística Sistêmico-Funcional. Nas próximas páginas, observaremos alguns dos principais conceitos da LSF, bem como de onde emerge o Sistema de Avaliatividade e qual o seu papel na análise dos subgêneros da *carta pessoal*.

Em oposição ao chamado *polo formalista* – que tende a analisar a língua como objeto autônomo e independente de seu uso (MARTELOTTA; KENEDY, 2015) – o *polo funcionalista* “defende uma investigação baseada no uso, observando a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 21). O *funcionalismo* surgiu com estudos no campo da fonologia, em

1916, a partir do Círculo Linguístico de Praga, cuja visão funcional está pautada na definição de língua como sistema de meios convenientes a um fim (SANTOS, 2014). Martelotta e Kenedy (2015, p. 14) afirmam que o polo funcionalista é caracterizado por

conceber a língua como um instrumento de comunicação que não pode ser analisado como um objeto autônomo, mas como uma estrutura maleável, sujeita a pressões oriundas das diferentes situações comunicativas, que ajudam a determinar sua estrutura gramatical.

Na década de 1970, o termo funcionalismo passou a ser impulsionado nos Estados Unidos, a partir dos trabalhos de linguistas como Talmy Givón, por exemplo. Para o funcionalismo norte-americano, a língua é uma estrutura maleável, sujeita às pressões de uso e constituída de um código parcialmente arbitrário. Nesse sentido, a gramática “é vista como um conjunto de convenções resultantes de motivações e natureza distinta, em que se sobressaem as pressões de uso” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 22). A sintaxe é, portanto, tida como “uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso” (MARTELOTTA; KENEDY, 2015, p. 17), o que equivale a afirmar que as estruturas sintáticas estão condicionadas às estratégias de organização de informação empregadas pelos falantes. O funcionalismo dá, pois, conta da explicação das formas da língua com base nas funções mais frequentes que elas desempenham no momento da interação discursiva.

Nesse contexto, a Linguística Sistêmico-Funcional surge nas décadas de 1960 e 1970 a partir dos estudos de Michael A. K. Halliday, que propôs uma abordagem de estudo da língua baseada no conceito de *função*, uma vez que se considera a gramática como usada para produzir significados (SANTOS, 2014). De acordo com Gouveia (2009, p. 15), “Halliday recusa as descrições meramente estruturais até então dominantes em linguística, elegendo o uso como marca fundamental de caracterização de uma língua e, conseqüentemente, da sua descrição”. Cunha e Souza (2011, p. 24) salientam que “a grande preocupação da LSF é compreender e descrever a linguagem em funcionamento como um sistema de comunicação humana e não como um conjunto de regras gerais, desvinculadas de seu contexto de uso”. Assim sendo, essa abordagem é sistêmica porque concebe a linguagem como redes de sistemas de significados; e é funcional porque dá conta de como a linguagem é usada.

Nesse viés, a linguagem passa a ser entendida como um recurso para criar significados, sendo a língua formada por sistemas desses significados (BARBOSA, 2009). A língua deixa de ser percebida enquanto um fenômeno isolado, um sistema regulado por regras, e passa a ser visualizada como um sistema de produção de significados mediante escolhas, como um sistema semiótico; de outra maneira, como um recurso de construção de significado em contextos sociais (SILVA; JESUS, 2017). Para a LSF, a linguagem é um sistema semiótico por ser “um sistema de codificação convencionalizado, organizado como um conjunto de escolhas” (SANTOS, 2014, p. 166) carregadas de valores sociais.

A seguir, veremos os dois contextos através dos quais a linguagem opera, de acordo com a LSF; depois, exporemos os conceitos de gênero e registro, que levam às metafunções da linguagem. Através da metafunção interpessoal, desenvolveremos uma explanação sobre o Sistema de Avaliatividade e sobre os três subsistemas que o compõem: Afeto, Engajamento e Gradação.

2.4.1 Contexto de situação e contexto de cultura

De acordo com Cunha e Souza (2011, p. 25), “a LSF analisa sempre produtos autênticos da interação social, aos quais ela chama de *texto*” (grifo das autoras). Assim, a concepção de texto tem relação com *fenômenos sociais*, e a análise de um texto sob os parâmetros da LSF deve ir além dos elementos léxico-gramaticais, dando conta também de rotinas sociais e formas linguísticas. Santos (2014) diz que, para Halliday, o texto não pode ser apartado de seu contexto social de produção; a relação entre os dois está pautada na probabilidade e não no determinismo. Isso significa afirmar que

um interactante para alcançar uma meta cultural particular é provável iniciar um texto a partir de um gênero particular, e esse texto é provável se desdobrar em uma forma particular – mas o potencial para as alternativas está inerente na relação dialógica entre linguagem e contexto. Logo, a relação entre um texto e suas condições de produção passa necessariamente pelo contexto em que é produzido e no qual será negociado. Isso significa dizer que há uma relação dialética, interna e dinâmica entre texto e contexto (SANTOS, 2014, p. 169).

Fica evidente, então, que texto e contexto participam de uma relação cujo fruto é o sentido. A LSF “ocupa-se das relações entre texto e contexto no sentido de explorar o *como* dessas relações, ou seja, interessa-se em verificar como o contexto adentra o texto” (FERREIRA, 2010, p. 72) (grifo da autora). Nesse ponto de vista, todo texto é realizado em dois contextos, um dentro do outro: o contexto de situação e o contexto de cultura.

O *contexto de cultura* “é a soma de todos os significados possíveis de fazerem sentido em uma cultura particular” (CUNHA; SOUZA, 2011, p. 25). Ele pode ser interpretado como um contexto externo que constitui a história cultural dos participantes da interação verbal (FERREIRA, 2010), que fazem uso da linguagem em determinado *contexto de situação*, específico e imediato. A figura a seguir, retirada do trabalho de Santos (2014, p. 170), sintetiza, ao passo que esclarece essa teoria, e também insere, dessa abordagem, dois conceitos dos quais trataremos em breve: gênero e registro.



Figura 5: Complexo Sistêmico Funcional de Halliday (SANTOS, 2014, p. 170)

Como podemos observar, Halliday compreende que os elementos do léxico e da gramática de um texto estão condicionados às metafunções da linguagem que, por sua vez, se submetem à situação comunicativa. Nessa perspectiva, um gênero, como a *carta pessoal*, engloba todas essas esferas, pois ele, como contexto de cultura, dá “forma” à mensagem, além de instanciar o contexto de situação (SIMÕES, 2012). Assim, determinada situação só faz sentido de acordo com determinada condição cultural. Esse

vínculo estreito entre situação e cultura será explanado em mais detalhes no próximo tópico.

2.4.2 Gênero e registro

A combinação resultante de situação e cultura gera as diferenças existentes entre textos e gêneros distintos, oriundos de distintas situações comunicativas. Consoante Bawarshi e Reiff (2013), para Halliday, os contextos de situação são frequentemente recorrentes como tipos de situação, que constituem um grupo de relações semióticas e semânticas tipificadas. Já o contexto de cultura, para Motta-Roth e Heberle (2015, *apud* Ferreira, 2010, p. 73), “é o resultado da padronização do discurso em termos de atos retóricos ou atos de fala, dado que esses são efetivados via linguagem, cujas características retóricas são recorrentes, e em circunstâncias específicas”.

Assim, compreendemos que a multiplicidade dos significados é determinada pela multiplicidade de fatores contextuais. A LSF associa o contexto de situação com o *registro* e o contexto de cultura com o *gênero*. De acordo com Eggins e Martin (1997, p. 51, *apud* GOUVEIA, 2009, p. 26-27) dois planos de realização do texto são representados pelo gênero e pelo registro:

Os termos registro (contexto de situação) e gênero (contexto de cultura) identificam as duas camadas do contexto que têm um impacto no texto, e são, portanto, as duas principais dimensões de variação entre textos. Na abordagem aqui enunciada, as variações de registro e de gênero são dois planos realizacionais numa visão semiótica do texto. Tal visão é inerentemente dialógica e interactiva: o texto é tanto a realização de tipos de contextos quanto a demonstração do que é relevante para os membros culturais em determinadas situações.

Halliday (1985, *apud* Santos, 2014) relaciona um modelo de linguagem à organização de contextos com significados ideacionais, interpessoais e textuais, correspondentes às metafunções da linguagem – das quais trataremos mais adiante – que estão associadas ao campo, às relações e ao modo. Sobre as definições dos últimos três conceitos, que correspondem às variáveis de registro, Motta-Roth e Heberle (2005, *apud* CUNHA; SOUZA 2011, p. 26) explicam que

Campo diz respeito à natureza da prática social; corresponde ao que é dito ou escrito sobre algo; é a atividade que está acontecendo. *Relação* diz respeito à natureza do envolvimento entre os participantes da situação, que pode ser formal ou informal, mais afetiva ou menos afetiva. *Modo* refere-se ao meio, ou canal, de transmissão da mensagem; diz respeito, ainda, ao papel da linguagem na interação (grifos das autoras).

O próximo quadro, adaptado do trabalho de Gouveia (2009, p. 28), esquematiza as variáveis de registro, suas funções e a metafunção de linguagem correspondente a cada uma.

Descrição	Variáveis de registro	Metafunção
A ação social, o assunto sobre o que se fala, a natureza da ação	Campo	Ideacional
A estrutura de papéis, as pessoas e suas relações na situação de comunicação	Relações	Interpessoal
A organização simbólica, o canal (fala ou escrita) e o modo retórico da linguagem	Modo	Textual

Quadro 1: As variáveis de registro e as relações com as metafunções (GOUVEIA, 2009, p. 28)

Trazendo esses conceitos para o universo das cartas pessoais, podemos exemplificar o contexto de situação da seguinte forma: o campo seria a finalidade comunicativa; um pedido para que mande notícias, por exemplo. A relação ocorre do escrevente para o destinatário, pai para filho, por exemplo; assim, o escritor é uma pessoa que possui certa autoridade para fazer pedidos e cobranças, e o leitor, na maioria das vezes, deve aceitar o que está sendo dito. O modo é o canal pelo qual a mensagem é veiculada: a escrita e a organização retórica própria da textualidade da carta.

O campo, as relações e o modo do contexto de situação influenciam nossas escolhas linguísticas. Eles refletem as três funções que formam os principais propósitos da linguagem (HALLIDAY, 1985, *apud* CUNHA; SOUZA, 2011). A gramática encarrega-se, pois, de unir essas funções com a finalidade de construir significados no texto. Abordaremos, a seguir, essas três grandes funções, ou metafunções, da linguagem.

2.4.3 As metafunções da linguagem

Halliday afirma que, em nossos atos de comunicação, a linguagem desempenha de modo simultâneo três funções básicas para a produção de significados ideacionais, interpessoais e textuais.

De acordo com Gouveia (2009, p.30), “as funções da linguagem, ou metafunções, dão lugar a componentes gramaticais, sendo que tais componentes conjugam redes de sistemas de escolhas de caracterização semântica”. Essas metafunções estão refletidas na estrutura da oração, estando diretamente relacionadas com o viés léxico-gramatical de uma língua (SANTOS, 2014), sendo realizadas com base no contexto de situação.

Para a LSF, a oração é uma instância de representação da realidade constituída por Participantes, Processos e Circunstâncias. Neves (2015, p. 16) diz que, nessa perspectiva, a oração é vista como “determinada textual-interativamente, e, portanto, como “autônoma” apenas do ponto de vista de fechamento sintático” (grifo da autora). Do ponto de vista do texto, os significados são trabalhados e instanciados em textos, que são multidimensionais, de acordo com as metafunções da linguagem, que são:

- *metafunção ideacional*: constrói os significados de nossa experiência no plano social e psicológico por meio do *Sistema de Transitividade*, no plano experiencial, e das inter-relações entre as orações, no plano lógico. A oração é entendida como a representação do mundo. A dimensão ideacional do significado faz com que o interlocutor possa levantar questões sobre quem age, os tipos de ações empreendidas e quem ou o que está de acordo (SANTOS, 2014). Para Halliday (1985, p. 101, *apud* GERMANO, 1997, p. 68), “A oração funciona como a representação de processos... ‘de fazer, acontecer, sentir e ser’ que ocorrem na realidade” (grifo da autora). Dessa forma, Halliday introduz o conceito de *processos*, elementos verbais que, associados a seus argumentos, constituem o Sistema de Transitividade. Os processos podem ser: *materiais* (processos do fazer), *mentais* (relacionados à afeição, à cognição e à percepção), *relacionais* (processo do ser), *comportamentais* (processo do comportamento fisiológico e psicológico), *verbais* (processos do dizer), *existenciais* (que indicam que algo existe ou acontece).

- *metafunção interpessoal*: tem a oração como troca e dá conta da organização da mensagem como evento interativo. Através dela, podemos expressar nossas opiniões, julgamentos e atitudes por meio da interação, que é guiada por papéis de fala, sendo dar

e demandar os principais deles (SANTOS, 2014). Os papéis assumidos pelos participantes são representados pelo sistema de modo e modalidade (CUNHA; SOUZA, 2011).

- *metafunção textual*: concebe a oração como mensagem e se encarrega da organização do texto por meio do sistema temático. “Ela está relacionada ao significado textual que é realizado por decisões que o falante toma em relação à distribuição da informação” (SANTOS, 2014, p. 177). A oração é tomada como uma unidade, na qual os significados são combinados e estruturados de acordo com os parâmetros de *Tema/Rema* e *Dado/Novo*. O tema é o ponto de partida da mensagem, sendo o primeiro elemento experiencial dela; todo o restante da oração leva o nome de rema.

O próximo quadro, proposto por Halliday (1994, p. 36, *apud* SANTOS, 2014, p. 172), sistematiza as três metafunções, seus respectivos significados e suas conjunturas dentro da oração.

Metafunção	Significado	Status correspondente na oração
Ideacional	Representar o mundo da experiência	Oração como representação
Interpessoal	Desempenhar relações sociais	Oração como troca
Textual	Criar relevância para o contexto	Oração como mensagem

Quadro 2: As metafunções e seus desdobramentos (HALLIDAY 1994, p. 36, *apud* SANTOS, 2014, p. 172)

As três metafunções são materializadas na língua pela léxico-gramática. Para a LSF, todo texto é multidimensional, uma vez que os significados, através das metafunções da linguagem, são trabalhados e instanciados nos textos. Como o contexto de cultura contempla a articulação das três metafunções, faz-se necessário pormenorizar a concepção de gênero dentro da LSF.

2.4.4 Particularidades do gênero na LSF

Como dissemos anteriormente, para a LSF, o gênero está relacionado com as características textuais que determinam certo modo discursivo. É importante salientar que, como afirma Ferreira (2010, p. 75), “na perspectiva da LSF, gênero situa-se fora do sistema linguístico, embora seja operacionalizado via sistema linguístico”. Martin (1997, p. 40, *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 54) observa que os gêneros realizam ideologias, num “sistema de codificar as orientações que engendram subjetividade – num nível de abstração mais elevado que o gênero”.

Assim, os gêneros funcionam como processos sociais, que ligam a cultura à situação. Já o registro – contendo as variáveis campo, relações e modo – conecta a situação à linguagem. Nas palavras de Martin (1997, p. 37, *apud* BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 51), o registro “contextualiza a linguagem e, por sua vez, é contextualizado pelo gênero”. A próxima figura, adaptada do estudo de Bawarshi e Reiff (2013, p. 51), esquematiza essa relação, inclui a maioria dos conceitos vistos até agora e situa o gênero no nível do contexto de cultura e o registro no nível do contexto de situação.

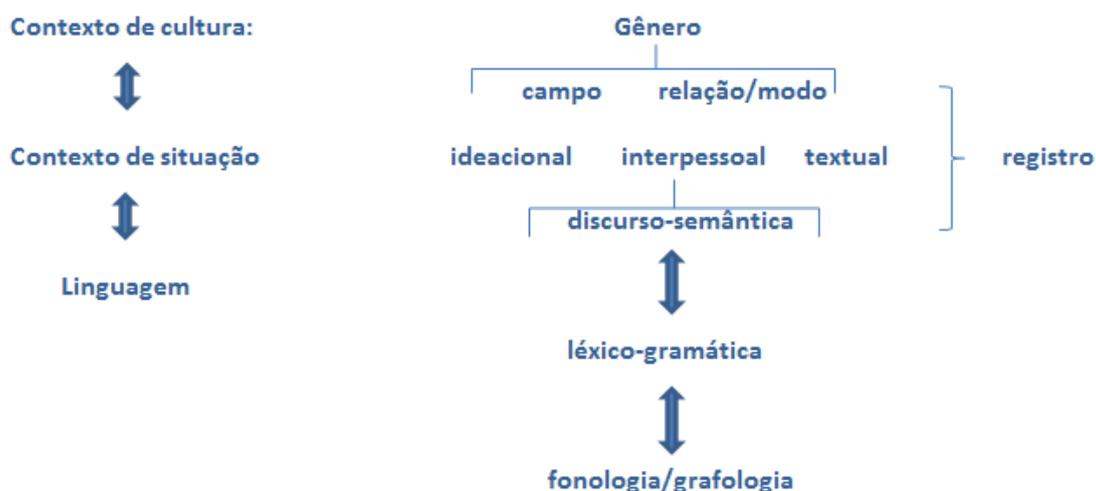


Figura 6: Relação contextos de cultura e situação, gênero e registro (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 51)

Conforme mostra a figura, no nível do registro, “o contexto de situação e a linguagem realizam um ao outro” (BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 48). Dessa forma, o gênero une a cultura à situação e o registro une a situação à linguagem. Com base no que foi exposto, até agora, sobre a noção de gênero para a LSF, podemos depreender que os gêneros são “caracterizados como processos sociais, organizados em estágios, orientados para um propósito” (BONFIM, 2010, p. 197). Nessa perspectiva, o gênero está situado num nível abstrato, responsável pela coordenação das variáveis campo, relações e modo, que constituem o registro e é realizado pelas distintas instâncias da linguagem. Assim, é importante salientarmos as ferramentas de análise dos gêneros, que criam uma interface entre os conceitos da LSF e a análise do discurso. Uma dessas ferramentas é a Avaliatividade, que dá conta das atitudes negociadas no texto, da força dos sentimentos envolvidos e da forma como eles se mostram e se organizam no texto. Dessa forma, segundo Santos (2015, p. 45), “por meio dos gêneros textuais, sentimentos e valores compartilhados por uma comunidade são construídos e difundidos”.

2.4.5 O sistema de avaliatividade e a construção de significados Interpessoais

A partir de agora, trataremos do Sistema de Avaliatividade, que emerge da metafunção interpessoal, uma vez que as avaliações evidenciam as relações entre os interlocutores. Para Martin e White (2005, p. 33 *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 249), “podemos localizar a avaliação como um sistema interpessoal ao nível da semântica do discurso”. Os mesmos autores (2005, *apud* VIAN JR., 2012) indicam que a Avaliatividade funciona em coarticulação com dois outros sistemas: negociação e envolvimento.

Em conjunto, esses três sistemas fornecem “pistas para localizar a região semântica das avaliações relacionadas a questões de poder e solidariedade” (VIAN JR., 2012, p. 122). Sobre os parâmetros de poder (ou *status*) e solidariedade, Santos (2015) afirma que, para Martin e Rose (2007), poder e solidariedade constituem duas dimensões nas relações sociais mantidas entre os interlocutores. Dessa forma, poder está relacionado com traços hierárquicos de igualdade e desigualdade, dominação e subordinação; o eixo da solidariedade está relacionado com a natureza das relações pessoais, envolvendo aspectos como distância e proximidade social. A próxima imagem, traduzida por Vian Jr. (2012, p. 122) do trabalho de Martin e White (2005, p.

34), localiza a Avaliatividade em meio a outros dois sistemas (Negociação e Envolvimento) relacionados à variável de registro Relações (VIAN JR., 2009) nos níveis léxico-gramatical e semântico-discursivo. A figura também mostra que a solidariedade no discurso equivale ao engajamento nas interações.



Figura 7: Sistemas semânticos interpessoais e as variáveis de registro (traduzido de Martin e White, 2005, p. 34)

Para Brown e Gilman (1960), a teoria do poder e solidariedade é concebida com base nas relações sociais que evidenciam certas formas pronominais. Assim, formas pronominais como o *tu* e o *você* evidenciam simetria ou assimetria nas relações entre interlocutores. Essa teoria dá conta “das estratégias de referência à segunda pessoa do discurso, em termos das relações simétricas e assimétricas ascendentes e descendentes, ainda que não se possa perder de vista a complexidade das relações humanas em um dado contexto histórico-social” (RUMEU, 2011, p. 117).

No livro *Working With Discourse*, Martin e Rose (2003, p. 22) esclarecem que a Avaliatividade se encarrega dos “tipos de atitudes que são negociados em um texto, a força dos sentimentos envolvidos e as maneiras pelas quais os valores são obtidos e os leitores alinhados⁴”. Os mesmos autores (p. 22) ainda explicam que

⁴ The kinds of attitudes that are negotiated in a text, the strength of the feelings involved and the ways in which values are sourced and readers aligned.

As atitudes têm a ver com avaliar as coisas, o caráter das pessoas e seus sentimentos. Tais avaliações podem ser mais ou menos intensas, ou seja, elas podem ser mais ou menos amplificadas. E a atitude pode ser do próprio escritor ou pode ser atribuída a outra fonte⁵. (tradução nossa)

Assim, podemos dizer que a avaliação é “um recurso interpessoal impregnado de ideologias, crenças, valores que deixam suas marcas no processo avaliativo como um todo” (SANTOS; CARMO, 2011, p. 39). Estamos tratando de um sistema que propõe categorias de classificação dos elementos linguísticos usados em nossas avaliações sobre objetos, eventos, pessoas e seus comportamentos, da perspectiva do texto (NUNES; CABRAL, 2013).

O Sistema de Avaliatividade envolve três subsistemas: atitude, engajamento e gradação. A *atitude* dá conta dos significados interpessoais e é responsável pelas avaliações positivas e negativas de indivíduos, objetos e eventos. O *engajamento* trata dos recursos semântico-discursivos “que fornecem os meios para a voz autoral se posicionar com relação a, e, portanto, se ‘engajar’ com as outras vozes e posições alternativas interpretadas como parte do jogo no atual contexto comunicativo” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 94, *apud* OLIVEIRA, 2014, p. 251). Já a *gradação* se encarrega de amplificar o grau das avaliações, “considerando que as atitudes são graduáveis; seu volume pode ser aumentado ou diminuído, dependendo de quão intensamente sentimos” (MARTIN; ROSE, 2003, p. 23).

2.4.5.1 *Atitude*

Podemos visualizar o subsistema de atitude conforme a próxima figura, retirada do trabalho de Oliveira (2014):

⁵ Attitudes have to do with evaluating things, people’s character and their feelings. Such evaluations can be more or less intense, that is they may be more or less amplified. And the attitude may be the writer’s own or it may be attributed to some other source.

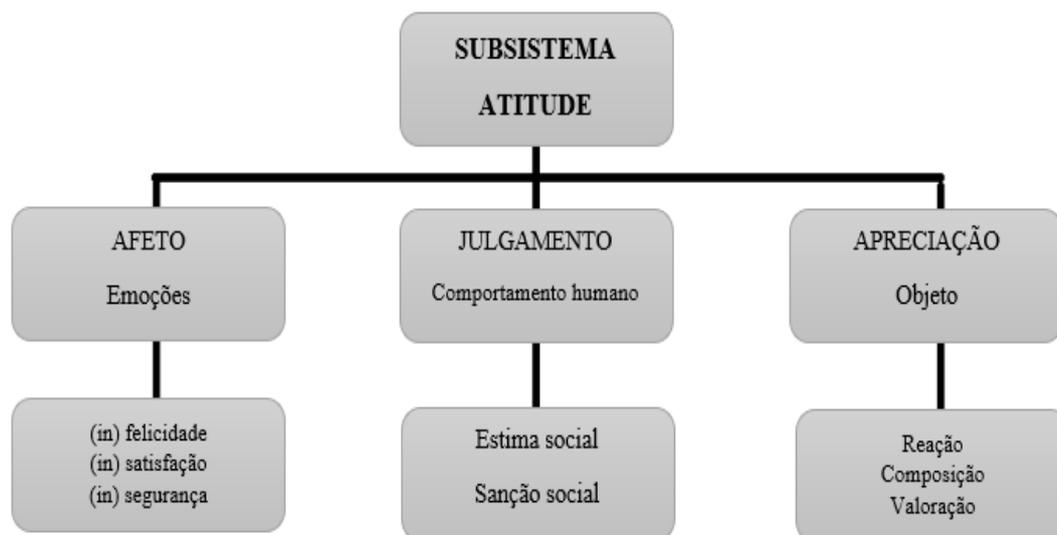


Figura 8: Subsistema Atitude (OLIVEIRA, 2014, p. 255)

Nossos sentimentos e ações emocionais podem ser enquadrados, de acordo com Martin e Rose (2003, p. 24) em três tipos principais de atitudes:

expressar emoção, julgar caráter, avaliar o valor das coisas. Tecnicamente, iremos nos referir a recursos para expressar sentimentos como **afeto**, recursos para julgar caráter como **juízo** e recursos para avaliar o valor das coisas como **avaliação**⁶. (tradução nossa)

Assim, o **afeto** está localizado no eixo atitudinal das relações semânticas. Martin e Rose (2003, p. 25) explicam que:

Inicialmente, nós podemos ter bons sentimentos ou maus sentimentos, assim o afeto pode ser positivo ou negativo. Em segundo lugar, as pessoas podem expressar seus sentimentos diretamente ou podemos inferir como as pessoas estão se sentindo indiretamente a partir de seu comportamento, assim o afeto pode ser expresso diretamente ou implícito⁷. (tradução nossa)

⁶ expressing emotion, judging character and valuing the worth of things. Technically, we'll refer to resources for expressing feelings as **affect**, resources for judging character as **judgment** and resources for valuing the worth of things as **appreciation**.

⁷ Firstly, we can have good feelings or bad feelings, so affect can be **positive** or **negative**. Secondly people can express their feelings directly, or we can infer how people are feeling indirectly from their behaviour, so affect can be expressed **directly** or **implied**.

De acordo com Silveira (2012), o afeto está classificado em três categorias, que são representadas em nível lexical por meio de verbos, adjetivos, advérbios e nominalizações:

- ❖ *Felicidade/infelicidade* – se encarrega das emoções ligadas à tristeza, raiva, felicidade, amor etc. É a primeira variável em nossas mentes quando pensamos sobre emoções.

É com o coração cheio das maiores alegria que venho por meio desta simples palavra responder a tua cartinha... (CM12)

- ❖ *Segurança/insegurança* – está ligada às emoções relacionadas ao bem-estar social, como medo, confiança etc.

Estou ansioso para ir. É uma casa isolada no meio de um sitio imenso e de um ar ameno e saudavel. Por isso acho melhor. (CF06)

- ❖ *Satisfação/insatisfação* – dá conta das emoções atreladas à busca de objetivos, como prazer, tédio, respeito etc.

Estou mais ou menos satisfeito, pelo resultado dos meus ezames. (CF06)

Assim como o afeto, os julgamentos podem ser efetuados de forma positiva ou negativa. O **juízo** é “a região do significado que trata das atitudes de como as pessoas se comportam” (NUNES; CABRAL, 2013, p. 85). Martin e Rose (2003, p. 28) afirmam que “esses julgamentos variam entre julgamentos pessoais de admiração ou crítica e julgamentos morais de elogio ou condenação”⁸. (tradução nossa)

O juízo pode ser indicado de maneira explícita, implícita ou provocada. Essa categoria é expressa através de itens lexicais, orações ou complementos oracionais

⁸ that judgements differ between personal judgements of admiration or criticism and moral judgements of praise or condemnation.

que apresentem avaliações ao comportamento humano (NUNES; CABRAL, 2013). Os julgamentos podem se manifestar de duas formas:

- ❖ Sanção social – “envolvem as regras de uma dada cultura, considerando a Igreja ou o Estado, com implicações legais e morais” (NUNES; CABRAL, 2013, p. 86). Realiza-se por propriedade (faz-se a pergunta: o indivíduo é ético?) e veracidade (o indivíduo é verdadeiro?).
- ❖ Estima social – são julgamentos que não envolvem questões legais e são essenciais “para a formação das redes sociais (família, amigos, colegas, etc.)” (NUNES; CABRAL, 2013, p. 86). Manifesta-se através da normalidade (o comportamento do indivíduo é normal?), capacidade (o indivíduo é capaz?) e tenacidade (o indivíduo é persistente?).

De acordo com Almeida (2011), a **apreciação** abrange as reações dos falantes e as avaliações da realidade. Martin e Rose (2003, p. 32-33) explicam que a apreciação está relacionada à forma como as pessoas se sentem e à forma como se comportam sobre as coisas. Os mesmos autores complementam:

A avaliação de coisas inclui nossas atitudes sobre programas de TV, filmes, livros, CDs; sobre pinturas, esculturas, lar, prédios públicos, parques; sobre peças, recitais, desfiles ou espetáculos e performances de qualquer tipo; sentimentos sobre a natureza para esse assunto; panoramas e grotas, nascer e pôr do sol, constelações, estrelas cadentes e satélites em uma noite estrelada. Como com o afeto e o julgamento, as coisas podem ser avaliadas positivamente ou negativamente⁹. (tradução nossa)

As apreciações podem ser realizadas por elementos lexicais, orações completas, nominalizações e por alguns processos. Consoante Almeida (2011), os itens lexicais que realizam a apreciação estão relacionados com o processo mental de cognição, como, por exemplo, eu sei, acho, entendo, acredito etc. Esta categoria está dividida em três tipos:

⁹ Appreciation of things includes our attitudes about TV shows, films, books, CDs; about paintings, sculptures, homes, public buildings, parks; about plays, recitals, parades or spectacles and performances of any kind; feelings about nature for that matter; panoramas and glens, sunrises and sunsets, constellations, shooting stars and satellites on a starry night. As with affect and judgement, things can be appreciated positively or negatively.

- ❖ Reação – corresponde às reações que as coisas provocam nas pessoas. Pode ser de impacto (faz-se a pergunta: isso te cativou?) ou de qualidade (isso te agradou?).
- ❖ Composição – diz respeito às percepções de proporcionalidade e detalhe em um texto. Divide-se em: proporção – que se refere ao equilíbrio das coisas – e complexidade – correspondente ao nível de complexidade dos objetos.
- ❖ Valoração – corresponde à avaliação da significação social do texto e ao valor que se atribui às coisas (faz-se a pergunta: isso valeu a pena?).

No contexto das cartas pessoais, as diversas categorias da Atitude englobam recursos usados para expressar sentimentos e o envolvimento emocional do falante ou escrevente em relação ao objeto, situação ou pessoa avaliada, além de recursos através dos quais o falante evidencia seu posicionamento na situação de comunicação com o destinatário. Os diferentes níveis de intimidade entre os interlocutores condicionam as escolhas linguísticas de elementos que revelam afetividade. Essas escolhas também podem variar de acordo com o propósito da carta, com as relações poder e solidariedade efetivadas através de elementos léxico-gramaticais (SANTOS, 2015), e, também, de acordo com o subsistema de Engajamento.

2.4.5.2 Engajamento

Santos (2015, p. 47) afirma que o eixo do Engajamento “posiciona a voz do falante e do escritor em relação aos diversos pontos de vistas e significados comunicados no texto”. Dessa forma, o Engajamento se encarrega da diversidade de vozes no texto e da forma como são negociadas dialogicamente as relações entre interlocutores. Para Martin e Rose (2003), o engajamento cobre recursos usados para introduzir vozes adicionais num discurso por meio da projeção, modalização ou concessão. O principal tipo de escolha, nesse sentido, é a de uma voz única (*monogloss*) ou a de múltiplas vozes (*heterogloss*). Sobre essas escolhas, Martin e Rose (2003, p. 44) ainda relacionam o engajamento com o dialogismo bakhtiniano:

Este potencial para obter o que é dito foi um dos fatores que levaram o linguista russo Bakhtin (1981) a pensar sobre a natureza dialógica do

discurso, mesmo em textos que pensamos ser tradicionalmente monólogos. O analista do discurso francês Kristeva introduziu o termo heteroglossia (“vozes diferentes”) para essa noção de expressão múltipla em todos os tipos de discurso. Aqui, vamos usar o termo *heterogloss* onde a fonte de uma atitude é diferente da do escritor, e *monogloss* (“voz única”) onde a fonte é simplesmente o autor¹⁰. (tradução nossa)

Ninin e Barbara (2013, p. 130-131) salientam que “não é possível conhecer o envolvimento do autor com as proposições apresentadas no texto quando se analisa isoladamente as orações”, sendo necessária, portanto, para a discussão da monoglossia ou heteroglossia num determinado texto, uma análise de um conjunto de orações, num parágrafo ou na extensão de um tema ao longo do texto. As mesmas autoras, baseadas em White (2004 [2002]) e Martin e White (2005), também esquematizam as subcategorias do subsistema de engajamento, conforme veremos na figura a seguir.

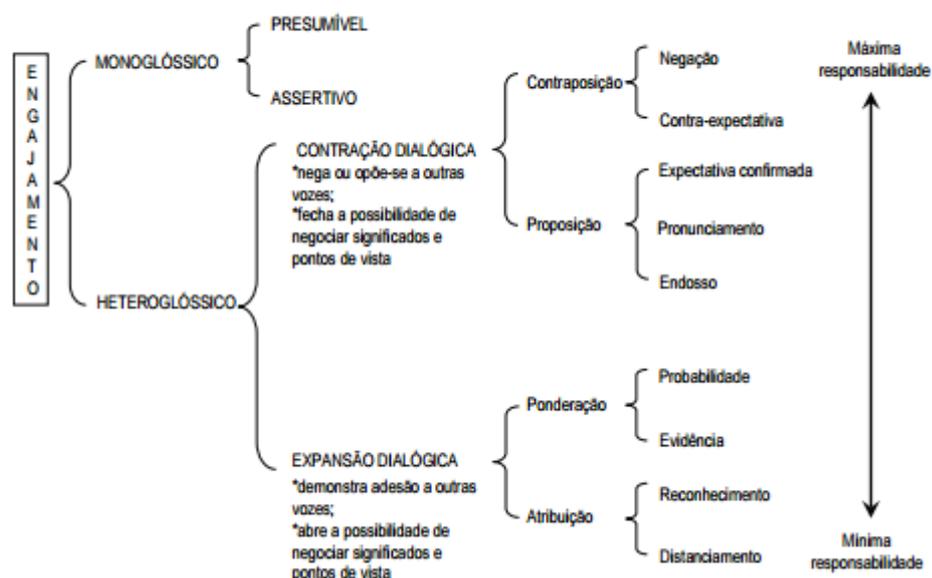


Figura 9: Subsistema de Engajamento - baseado em Martin e White (2005, p.122, 134) e White (2011, p.1)

¹⁰ This potential for sourcing what is said was one of the factors that got the Russian linguist Bakhtin (1981) thinking about the dialogic nature of discourse, even in texts we traditionally think as monologues. The French discourse analyst Kristeva introduced the term **heteroglossia** ('different voices') for this notion of multiple voicing in all kinds of discourse. Here we will use the term **heterogloss** where the source of an attitude is other than the writer, and **monogloss** ('single voice') where the source is simply the author.

Com base na imagem, depreendemos que o Engajamento dá conta dos posicionamentos assumidos através da voz textual, de forma dialógica e heteroglósica, usando diferentes enunciados e perspectivas, para tornar possível a responsividade por parte do ouvinte/leitor (NININ; BARBARA, 2013).

2.4.5.3 *Gradação*

O último subsistema da Avaliatividade é encarregado de construir níveis maiores ou menores de positividade ou negatividade para as categorias do subsistema de Atitude (afeto, julgamento e apreciação) (SILVEIRA, 2012). A Gradação, segundo Silveira (2012, p. 94) “opera em dois eixos de escalas: um diz respeito à intensidade e quantidade, e o outro se refere à prototipicalidade”. Esses dois eixos estão classificados como:

- ❖ Força – está relacionada ao nível de intensidade (qualidade, semelhança, usualidade, inclinação e obrigação) e quantidade (tamanho, peso, distribuição e proximidade das entidades) nas avaliações.
- ❖ Foco – aplica-se no nível da experiência, em categorias que não podem ser escaladas em quantidade ou intensidade.

Martin e Rose (2003, p. 54) asseveram que “a força envolve a escolha de aumentar ou diminuir a intensidade de itens graduáveis, o foco a opção de aprimorar ou abrandar um limite experimental” ¹¹ (tradução nossa). Podemos esquematizar o subsistema de Gradação através da imagem subsequente.

¹¹ force involves the choice to raise or lower the intensity of gradable items, focus the option of sharpening or softening nan experiential boundary.

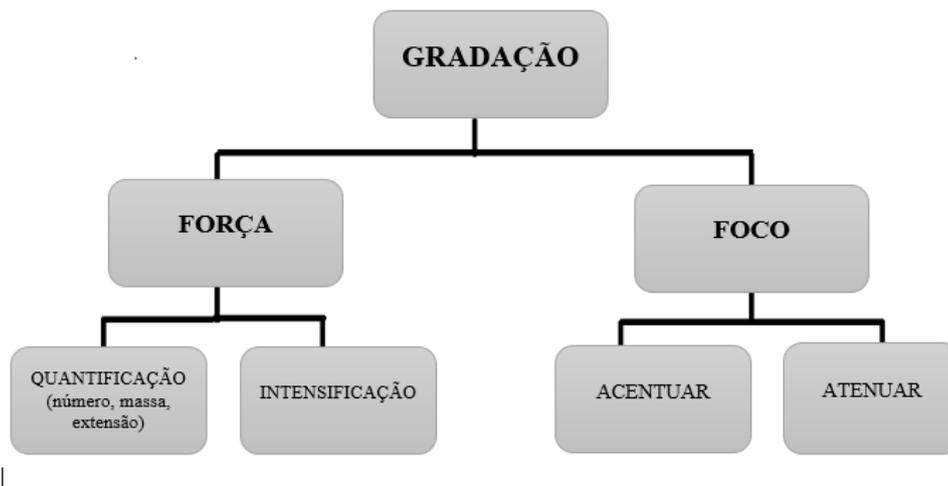


Figura 10 – Gradação (SIQUEIRA, 2012 p. 95)

Pelo exposto, podemos constatar a relevância do Sistema de Avaliatividade como auxiliar na identificação das características textuais e linguísticas que envolvem o posicionamento do autor, a relação com o interlocutor e que são responsáveis pela caracterização de cada correspondência num subgênero específico. Verificando os conceitos da LSF, podemos encontrar algumas semelhanças com o modelo de TD, principalmente no tocante ao gênero e ao registro, que correspondem, como vimos, ao contexto de situação e de cultura, respectivamente. É possível provocarmos uma associação do gênero (contexto de cultura) à tradição dos textos, que evoca uma constelação discursiva a cada situação de uso; nessa perspectiva, o registro (contexto de situação) está ligado à inovação, ou seja, à originalidade de cada situação comunicativa, que faz com que o falante/escrevente opte por uma ou outra forma de dizer o que pretende.

Por estarmos trabalhando com documentos de sincronias passadas, faz-se importante abordarmos aspectos da história social desses textos. Buscando responder perguntas sobre quem escreveu e quem lia as cartas que constituem nosso *corpus* de análise, o próximo capítulo trará informações sobre a história e a relevância da carta nas civilizações, sobre o perfil social dos escreventes das nossas cartas, sobre os contextos de produção e sobre os parâmetros metodológicos adotados para a análise dos dados.

3 APARATO METODOLÓGICO

As cartas, comparadas a outros gêneros, podem parecer simples por serem tão abertamente ligadas às relações sociais e a escritores e leitores particulares, mas isso só significa que elas nos revelam clara e explicitamente a sociedade que faz parte de toda escrita.

(Charles Bazerman)

Segundo as palavras de Charles Bazerman (2005, p. 99), transcritas acima, é notório que as cartas nos fornecem um testemunho do meio social em que o escrevente e o destinatário estão inseridos. Estudos como o de Pessoa (2002) salientam a importância da carta e a sua influência no surgimento de outros gêneros, bem como as alterações estruturais sofridas pela própria carta para adequar-se a diferentes domínios (FIGUEIREDO, 2013). Desse modo, considerando a relevância do nosso objeto de análise para a historicidade da língua, do texto e da sociedade que pratica ou praticou a escritura de cartas, neste capítulo abordaremos aspectos relacionados aos procedimentos metodológicos: a seleção ao *corpus*, o processo de transcrição, o tipo de abordagem, a análise e, para começar, um breve panorama histórico da carta em distintas sociedades.

3.1 A CARTA NA HISTÓRIA

A origem das cartas confunde-se com a origem da própria escrita. Figueiredo (2013, p. 47) afirma que a carta é oriunda das “necessidades associadas de comunicação, por exemplo, ou de alguma informação importante quanto ao ataque de uma formação militar sobre a outra, a troca de conhecimentos relacionados à saúde ou a inventos para todos os fins”. Assim como a escrita, a troca de informações era privilégio exclusivo “daqueles que exerciam funções sociais de maior prestígio” (FIGUEIREDO, 2013, p. 47). Essa era a realidade das antigas civilizações. No Egito, milênios antes de Cristo, era comum, entre as pessoas mais importantes, a escrita de cartas aos parentes mortos. Tais

cartas eram deixadas nas tumbas para que os mortos as lessem e as respondessem através de sonhos. Bakos (2010) fala que esse tipo de carta apresenta uma estrutura fixa, através da qual é sinalizado o escritor, o destinatário e algum tipo de apelo ou pedido para que o morto interceda em determinado assunto.

Nessa época, também era comum, no Egito, o tipo de carta em que autoridades relatavam fatos importantes (BAKOS, 2010). Pelo menos dois funcionários eram requisitados para essa atividade: o escriba e o mensageiro, que “passava a representar a própria presença ou projeção (‘parousia’) do emissor” (BAZERMAN, 2005, p. 86) (grifo do autor). As cartas partiram do uso formal e oficial e passaram a adquirir traços mais pessoais e particulares (BAZERMAN, 2005). Na Grécia Antiga, por exemplo, as cartas de família tornaram-se comuns. Nessa mesma civilização, “verifica-se de modo mais amplo e aprimorado o uso das correspondências, sobretudo porque envolvia o universo filosófico” (FIGUEIREDO, 2013, p. 48). Essas cartas registravam o pensamento dos grandes mestres e, para além de uma simples troca de mensagens, serviam enquanto padrão de como agir no mundo.

A presença da filosofia no conteúdo das missivas imprimia nelas marcas de erudição, certo rebuscamento que ao mesmo tempo afastava pessoas simples, não tão bem formadas, do uso desse gênero e também exigia que os membros das comunidades linguísticas e demais usuários mantivessem o padrão de erudição, resumidos no bem escrever. (FIGUEIREDO, 2013, p. 49)

No império romano, a troca de correspondências tornou-se uma prática ainda mais relevante socialmente graças, também, à expansão de Roma e aos avanços conquistados, que ocasionaram pequenas mudanças no modo de se produzir e trocar cartas (FIGUEIREDO, 2015). As cartas também alcançaram um lugar de destaque dentro da antiga Igreja Cristã. Com exceção dos quatro evangelhos, quase todos os livros do Novo Testamento foram escritos no formato de cartas. Essas correspondências entre os cristãos proporcionam “uma feição pessoal de comunhão com uma ampla variedade de atividades realizadas no Novo Testamento” (BAZERMAN, 2005, p. 86).

Nas Escrituras Sagradas, ocupam lugar de destaque as cartas (ou epístolas) escritas pelo apóstolo Paulo. As catorze epístolas escritas por ele levam, na Bíblia, os nomes dos destinatários – sejam eles indivíduos ou membros de uma determinada congregação. Nessas cartas, são encontradas advertências sobre moral e conduta,

esclarecimentos do propósito divino, instruções sobre a organização das congregações, incentivos aos novos cristãos etc. As cartas de Paulo, bem como as outras cartas do Novo Testamento, desempenharam papel fundamental no estabelecimento e propagação da fé cristã, alertando e alentando os fiéis em épocas de grandes perseguições.

No âmbito jurídico, podemos destacar a importância da *Magna Carta*, documento de 1215, que limitava o poder monárquico na Inglaterra e tornou-se a base da Constituição britânica. Escrita em latim, essa carta, mais tarde, se tornaria a base das revoluções francesa e americana. O caráter híbrido da carta, ao longo da história, sempre fez com que ela – discursiva e textualmente – pudesse abrigar outros gêneros, sendo capaz de “se aclimatar às culturas, às épocas de cada povo e com funções múltiplas” (FIGUEIREDO, 2013, p. 51).

De acordo com Pessoa (2002), foi na Idade Média que se difundiram as cartas pessoais, mais íntimas, escritas em línguas locais e não em latim, língua na qual as cartas, até então, eram escritas em sua totalidade. Foi nesse período que elas assumiram uma forma mais comercial, devido ao comércio na Itália setentrional. Sobre as cartas da Idade Média, Pessoa (2002, p. 198) também afirma que “pode-se dizer que os documentos de várias naturezas eram escritos sob forma de carta, por isso hoje várias espécies de documentos preservam essa denominação”. Bazerman (2005, p. 88) diz que “à medida que mais temas e transações, de forma reconhecível, inserem-se nas cartas, o gênero, em si, se expande e se especializa”; dessa forma, diferentes tipos de cartas passaram a receber diferentes tratamentos e apresentar diferentes finalidades comunicativas. A esse respeito, podemos mencionar que a palavra carta pode designar mapa (Cunha, 2010), sendo a *cartologia* a ciência do estudo teórico e prático dos documentos cartográficos.

Conforme os estudos de Simões (2012, p. 65), a “arte da epistolografia foi cultivada pelas *comuni* do norte e do centro da Itália a partir do século XI e irradiou-se pela Europa”. Dessa prática, propagaram-se as *ars dictandi*, um conjunto de normas retóricas práticas para a escrita de um texto formal. A partir dessas regras, surgem, na França, os secretários de cartas, “compêndios com modelos de fórmulas de saudação e despedida, coletâneas de cartas e, não raro, reúnem inclusive regras de *bons modos*” (SIMÕES, 2012, p. 66).

Durante a Idade Média, os conhecimentos científicos usados nos mapas foram substituídos por símbolos cristãos. Com as grandes navegações, a Europa voltou a se interessar pela cartografia e as cartas, mais uma vez, ocupam lugar de destaque nas

formas de narrativas, diários de bordo e relações de sucesso (PESSOA, 2002). Desse período, podemos destacar as cerca de 500 cartas do padre Antônio Vieira, que tratam de assuntos sobre a relação de Portugal e Holanda, a Inquisição e os cristãos novos. Tais cartas são consideradas documentos histórico-sociais de extrema relevância, uma vez que retratam diversas situações sócio-políticas da época.

Anterior à produção do padre Antônio Vieira, a *Carta a El-Rei D. Manuel*, de Pero Vaz de Caminha, é considerada tanto o primeiro documento histórico do Brasil, como a primeira obra literária produzida no país. Na carta, o escrivão de Pedro Álvares Cabral relata ao monarca português, numa narrativa pessoal, as primeiras impressões da observação do Novo Mundo. Nela, é nítida uma preocupação do escritor com a descrição dos corpos, gestos e hábitos dos nativos. A Carta é datada de 1º de maio de 1500 e foi publicada, pela primeira vez, no Brasil, pelo padre Manuel Aires de Casal na *Corografia Brasílica*, em 1817. Nesse momento, o modelo de produção de cartas é baseado na tradição latina, o que é indício de que a escrita de cartas para variadas finalidades constituía um conhecimento compartilhado pelos escreventes de línguas românicas (SIMÕES, 2012).

Em relação à carta enquanto documento legal, ressaltamos seu papel como instrumento de dinheiro e crédito nos sistemas bancários na atualidade. Essa tradição financeira remonta há alguns séculos, numa época em que a noção de valor passou a se tornar mais abstrata e em que cartas pessoais serviam “como símbolos de confiabilidade durante a transição para o valor abstrato” (BAZERMAN, 2005, p. 92). Se observarmos bem, notaremos que as nossas cédulas em atual circulação mantêm traços da carta: data (ano) e assinaturas do ministro da Fazenda e do presidente do Banco Central do Brasil¹².

Falar sobre a influência da carta na esfera jornalística é quase como falar sobre as origens do próprio jornalismo. Rizzini (1977, *apud* PESSOA, 2002) esclarece que as cartas tinham a mesma função que os jornais, no passado, e que algumas cartas, as mais importantes, eram afixadas nas praças ou copiadas e distribuídas para que seu conteúdo se tornasse de conhecimento público¹³. Vários séculos mais tarde, o telegrama passou a

¹² Charles Bazerman (2005) desenvolve um estudo sobre os traços que as notas americanas e britânicas guardam da carta. Apesar de o real brasileiro não conter a maioria dos elementos de outras cédulas monetárias mais antigas e tradicionais, identificamos elementos nas cédulas brasileiras que remontam a essa tradição nas transações financeiras, realizadas através de cartas.

¹³ Para exemplificar, a edição do *Diário de Pernambuco* do dia 17 de maio de 1888 continha o telegrama que anunciava o fim da escravidão no país, que foi impresso e distribuído para, nas palavras registradas no próprio jornal, satisfazer a crescente ansiedade pública.

ser fundamental para o jornal. Com poucas palavras, o telegrama fazia com que as informações circulassem com maior rapidez através das páginas (geralmente as iniciais) dos jornais. A função do telegrama passou a ser ocupada pelas manchetes que, também com poucas palavras, anunciam a informação principal e chamam atenção do leitor para os assuntos detalhados no corpo do jornal (SILVA; GOMES, 2012). De acordo com Travassos (2010), as manchetes passaram a se popularizar nos jornais por volta de 1844 com o advento do telégrafo, sistema concebido para transmitir mensagens de um ponto para outro em grandes distâncias, utilizando códigos para a rápida e confiável transmissão. Para Pessoa (2002), os telegramas fazem parte de uma linha evolutiva que começa nas cartas e termina no que hoje conhecemos por manchetes nos jornais. Bazerman (2005, p. 94) elenca alguns dos diversos elementos oriundos da carta presentes na tradição jornalística:

Repórteres mantidos em cidades e países distantes são, ainda hoje, referidos como correspondentes, mesmo nos programas noticiosos da televisão. Além do mais, a assinatura do correspondente é utilizada para identificar atos de correspondências notáveis. Resíduos do estilo da correspondência pessoal ainda permanecem, podendo ser observados, particularmente naquelas publicações que simulam uma elegância antiga, tal como a revista *New Yorker*, que ainda publica relatórios longos com títulos do tipo “Carta de...”, e também mantém estilo informal de carta para a coluna “Talk of the Town” (grifos do autor).

Outro tipo de carta do domínio jornalístico que merece nossa consideração é a carta do leitor, tipo de correspondência na qual o leitor de determinado jornal ou revista pode debater assuntos e problemas sociais, manifestando seu posicionamento frente ao que é emitido pelo editor ou jornalista (GOMES, 2007). Esse tipo de carta é uma espécie de “termômetro que afere o grau de sucesso dos artigos publicados nos jornais ou revistas, pois os autores escrevem reagindo, positiva ou negativamente ao que leram” (COSTA, 2005, p. 28). A carta do leitor, segundo Dias (2004, p. 151-152), é caracterizada por “representar reações individuais a reportagens publicadas nos jornais, conter críticas, solicitações, sugestões, informações e elogios, conter nome e endereço do autor, de quem assume a responsabilidade legal de seu conteúdo”. Outro tipo de carta que circula no meio jornalístico é a carta do editor, que está no gérmen do editorial e é bastante comum em algumas revistas que apresentam grande quantidade de

merchandising (GOMES, 2007). Nesse panorama, concordamos com Simões (2012, p. 71), que afirma que as “características linguístico-discursivas das *cartas oficiais*, *cartas de administração privada* e das *cartas particulares* descritas também aplicam-se (sic) às *cartas de leitores e redatores de jornal do século XIX*” (grifos do autor).

Através da multiplicidade de funções que a carta desempenha, podemos garantir que um ponto em comum entre todos os tipos de carta é a criação e/ou reforço de laços sociais entre os indivíduos (BAZERMAN, 2005). Longe de tentar elencar todos os tipos de cartas disponíveis e o processo histórico de transformação delas, buscamos, aqui, mostrar um pouco do processo de modificação da carta, pautado em exemplos históricos marcantes que, direta ou indiretamente, fazem parte do nosso cotidiano. Essa digressão pela história dos textos nos serviu para salientar a importância da carta enquanto ferramenta de comunicação essencialmente constituída para aproximar pessoas (SOUZA, 2012), facilitadora das relações sociais, motivo pelo qual ela foi escolhida para nossa análise.

3.2 PECULIARIDADES DA ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DA CARTA PESSOAL

Nas cartas pessoais, pode ser verificada uma maior frequência das sequências narrativas e descritivas no processo de elaboração textual. Marcuschi (2002) comenta que a carta pessoal é dotada de uma heterogeneidade tipológica, podendo apresentar as tipologias descrição, injunção, exposição, narração e argumentação. De acordo com Ataíde (2013, p. 91), tais sequências são “constituídas linguisticamente para relacionar temporalmente eventos e fatos e para indicar características de elementos ou fatos em determinados momentos”.

A carta pessoal geralmente é carregada por subjetividade e traduz a expressão pessoal do emissor. Este tipo de correspondência é especificamente utilizado na comunicação entre sujeitos que mantêm um vínculo de relacionamento; sua finalidade discursiva pode transitar por objetivos diversos – fazer um convite, prestar agradecimentos, relatar algum fato ocorrido, solicitar informações, dentre outros (SILVA; GOMES, 2017).

Em relação aos elementos que compõem as cartas, podemos constatar que alguns deles “parecem essenciais e necessários a todos os subgêneros de carta que circulam nas diferentes instâncias e domínios discursivos, decorrentes do caráter

formulaico do gênero”, de acordo com Nascimento e Espíndola (2008, p. 4). Os mesmos autores acrescentam que os gêneros formulaicos “são aqueles vistos como exemplares que seguem um padrão formal de construção, como é o exemplo da carta, da ata de reuniões, do parecer, etc.”. Silva (2007, p. 24) argumenta que “nos gêneros formulaicos, padronizados, haverá um direcionamento, instruído pela intenção do locutor, para o qual deve convergir a percepção do outro”.

Sob essa perspectiva, é importante elencar os componentes constitutivos da carta pessoal que são comuns aos três subgêneros aqui tratados: local e data, vocativo, captação de benevolência, corpo do texto e despedida. No exemplo a seguir, mostramos um trecho de uma das cartas de nossa análise (CA03) e apontamos seus elementos constitutivos.

Amigo <i>Doutor</i> Carlos Alberto	Saudação
Sem perjuro absolutamente de terceiro, lembro-lhe que um partido para mim, como advogado da <i>Companhia</i> Ferro [inint.], ou da Casa Comercial de Pereira Carneiro; ou um lugar nesta casa, ou em outra, para um filho, que tem pratica de comercial, virá trazer-me em certo initivo do mal que soffri: mal aggravado (em muita reserva) pelo facto de recusar-me eu a nomear tutor de esses menores educados pelas irmãs de caridade a um <u>negociante casado com uma senhora positivista</u> . Se tivera entrado em transacção, uma vez que fui procurado, talvez ficasse na magistratura. Digo isto confidencialmente, pois não quero, por ora, incompatibilisar-me.	Núcleo da carta
Espero suas ordens, caru amigo certo e [inint.].	Seção de despedida
Joaquim [Medeiros]	Assinatura
Recife 6 de Julho de 1904.	Local e data

O local e a data fazem parte dos traços mais fixos da carta, bem como o vocativo, que marca textualmente o interlocutor; a captação de benevolência pode aparecer em toda a carta ou apenas em duas partes, na saudação ou na conclusão; no corpo ou núcleo da carta é onde encontramos o motivo pelo qual tal missiva está sendo

escrita; a despedida geralmente é elaborada numa constituição formulaica e conta com a identificação do escrevente.

A estrutura retórica tradicional das cartas pessoais auxilia na identificação de traços peculiares da relação entre os interlocutores, fundamental para a caracterização de cada subgênero. Nessa perspectiva, veremos, a seguir, um panorama do contexto sociocultural em que as correspondências de nosso corpus estão inseridas, a começar pelo recorte temporal selecionado.

3.3 CONTEXTO DE PRODUÇÃO: SÉCULO XX

O século XX presenciou diversas mudanças de cunho histórico e social em relativamente pouco tempo; a maioria dos fatos históricos mais marcantes se deu entre 1914 e 1989. Dentre uma quantidade considerável de guerras, embates e conflitos, podemos afirmar que “o mundo que se esfacelou no fim da década de 1980 foi o mundo formado pelo impacto da Revolução Russa de 1917” (HOBSBAWM, 1995, 14). No contexto brasileiro, passamos por um acelerado processo de urbanização e internacionalização da economia, principalmente a partir da década de 1930, com a Era Vargas. O Brasil viveu 21 anos de regime militar e foi regido por seis constituições no século XX.

Linguística e textualmente, o Brasil passou por várias mudanças ao longo do século XX. Ao todo, no país, houve duas reformas ortográficas: em 1943 e em 1979¹⁴. Várias mudanças no português brasileiro foram ocasionadas por estrangeirismos, neologismos e gírias. O avanço nos estudos linguísticos e a transposição didática dessas teorias também foi essencial nesse sentido, no referido século¹⁵. Podemos mencionar, como exemplos dessas mudanças, o processo de passagem do *você* de forma tratamental de base nominal para forma de base pronominal (GOMES; LOPES, 2016)¹⁶ e o

¹⁴ A última reforma ortográfica ocorrida na língua portuguesa foi em 2009, portanto, já no século XXI.

¹⁵ É importante mencionar que o século XX presenciou o nascimento da linguística moderna com a publicação do *Cours de linguistique générale*, de Saussure. A partir daí, de acordo com Martelotta e Kenedy (2015), três conceitos básicos passaram a caracterizar a evolução da linguística no século XX: sistema, estrutura e função.

¹⁶ Estudos diacrônicos como os de Souza (2012) e Gomes e Lopes (2016) abordam mais detalhadamente a variação do paradigma do *tu* para o paradigma do *você* das formas tratamentais de base nominal e pronominal no português brasileiro.

processo de gramaticalização da forma perifrástica *ir + infinitivo* na constituição do tempo futuro (OLIVEIRA, 2006). Em cartas pessoais, podemos verificar a frequência da variação no estilo de escrita e nos recursos linguísticos selecionados; muitas vezes, um só escrevente opta por recursos distintos mediante distintos contextos. Em relação à carta pessoal enquanto registro linguístico, Gomes e Lopes (2016, p. 144) nos fornecem uma justificativa sobre a opção por esse gênero para análise:

a carta pessoal tem servido de base a inúmeras pesquisas diacrônicas em virtude da característica que tende à informalidade, pela diversidade temática, pela recorrência dos seus elementos constitutivos, pelo caráter diverso dos interlocutores, pela variedade dos propósitos comunicativos, etc., ocupando, de acordo com essas características e com outras, diferentes espaços no contínuo da proximidade à distância comunicativa.

Dessa forma, entendemos que as cartas pessoais, no contexto pernambucano do século XX, devido aos traços de proximidade comunicativa, são um reflexo da língua praticada no Estado em diferentes momentos do século passado. As 60 cartas que compõem esta pesquisa foram produzidas entre os anos de 1901 a 1969, compreendendo, assim, cerca de dois terços do século XX. Todas as correspondências analisadas circularam no estado de Pernambuco, algumas delas foram produzidas em outros estados e países e destinadas a Pernambuco.

Em relação aos temas, as cartas apresentam uma grande variedade de objetivos, desde fazer um convite, um pedido, dar e solicitar notícias, fazer declarações de amor e afeto etc., até objetivos mais profissionais, ligados a pedidos e troca de favores. De modo geral, as correspondências do nosso *corpus* apresentam núcleos com construções objetivas, nas quais se tornam nítidos a intensão da carta, os objetivos do escrevente e as respostas esperadas dos destinatários.

Sendo nossa análise feita de acordo com o subgênero ao qual cada carta pertence, a escolha do *corpus* para análise foi condicionada pela quantidade de correspondências disponíveis por década, uma vez que a equivalência de quantidade de documentos antigos nem sempre é possível, tornando-se um desafio a mais para o pesquisador superar. Como no *corpus* não há cartas disponíveis para todas as décadas, para que conseguíssemos chegar à quantidade de vinte cartas por subgênero, algumas décadas têm uma quantidade de cartas superior. As cartas de amor disponíveis, em sua maioria, são dos anos de 1949 e 1950, fato que também condicionou nossa seleção.

Esses dados fazem jus ao estudo de viés sócio-histórico que pratica “a arte de fazer o melhor uso dos maus dados” (LABOV, 1982, p. 20, *apud* MATTOS E SILVA, 2008, p. 41). Assim, procuramos a melhor alternativa para realizar uma análise com um quantitativo semelhante de textos por subgênero, considerando que não há como manter um padrão dentre as décadas por conta da dificuldade de preencher todas as células temporais. Buscamos, pois, explorar a variedade de escreventes, destinatários e contextos de produção que estavam à nossa disposição. O quadro a seguir mostra a quantidade de cartas selecionadas, divididas por década do século XX.

Década	Cartas de amor	Cartas de família	Cartas de amigo	Total por década
1900	2	4	5	11
1910	1	3	2	6
1920	1	5	2	8
1930	0	4	3	7
1940	8	4	4	16
1950	8	0	2	10
1960	0	0	2	2
Total	20	20	20	60

Quadro 3: Quantidade de cartas por década

A seguir, veremos como estão organizadas as cartas escolhidas para esta análise. Conhecer a história dos escreventes e do contexto de produção de cada correspondência nos ajuda a compreender as estratégias linguísticas empregadas enquanto características reveladoras das variações linguísticas consoantes ao momento histórico, ao local, e ao perfil socioeconômico dos interlocutores (SILVA; GOMES, 2017).

3.4 ORIGEM DOS ACERVOS E PERFIL DOS ESCRIVENTES

O *corpus* utilizado nesta análise é oriundo de pesquisas anteriores, ligadas aos projetos *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) e *Formas tratamentais em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX: uma interface entre tradição discursiva e sociolinguística histórica*. As investigações do PHPB, em nível estadual, buscam contemplar textos manuscritos e impressos, com a intenção de promover a descrição da realidade linguística pernambucana ao longo da história. Do material do PHPB, selecionamos a maior parte das cartas para esta análise, totalizando 47 correspondências, obtidas pela equipe do projeto (coordenado em âmbito nacional pelo professor Ataliba de Castilho e em Pernambuco por Valéria Severina Gomes) nos acervos do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). Essa parte das correspondências foi produzida por indivíduos cultos, ilustres, em sua maioria, com alto nível de formação escolar, como nos casos de Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre, Waldemar de Oliveira, Manuel Borba e Mario Sette. As treze cartas provenientes do projeto *Formas tratamentais em cartas pessoais pernambucanas dos séculos XIX e XX: uma interface entre tradição discursiva e sociolinguística histórica*, sob a coordenação da professora Valéria Severina Gomes, correspondem a escritores com grau de escolaridade menos elevado, pessoas não ilustres: o casal pernambucano Z e N¹⁷. Essas correspondências foram obtidas através de doações particulares, autorizadas pelos escreventes.

O perfil diversificado dos escreventes, bem como os distintos propósitos das cartas, nos ajuda na identificação das particularidades de cada subgênero e no reconhecimento dos tipos de relação estabelecida, com base nos parâmetros de poder e solidariedade, propostos por Brown e Gilman (1960). Esses parâmetros, revisitados por Lopes e Gomes (2016), estabelecem três tipos de relações evidenciadas nas cartas pessoais: relações assimétricas ascendentes (carta de filho para a mãe, por exemplo); assimétricas descendentes (carta de pai para filha, por exemplo); e relações simétricas (cartas entre os componentes de um casal, por exemplo). Assim, faz-se importante esclarecermos o modo como organizamos as cartas para a análise. As correspondências estão divididas por subgênero, em três grupos. As cartas, em cada subgênero, foram

¹⁷ Por se tratar de informantes vivos, foi mantida a preservação de suas identidades.

organizadas de acordo com o ano de produção, em ordem crescente. Para facilitar a compreensão, adotamos as seguintes siglas:

- CA: Cartas de amigo, produzidas entre 1903 e 1969;
- CF: Cartas de família, produzidas entre 1901 e 1947;
- CM: Cartas de amor, produzidas entre 1906 e 1950.

Dentro de cada grupo, as cartas estão numeradas em ordem crescente de acordo com a data de cada uma. Por exemplo, a CF01 é uma carta de família produzida em 1901 e a CM20 é uma carta de amor de 1950. Com base nas informações levantadas pela equipe responsável pela transcrição e catalogação das cartas nos projetos de pesquisa anteriores; tais informações foram complementadas por dados encontrados na página de arquivos e coleções fotográficas do endereço eletrônico da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj)¹⁸. O quadro subsequente contém informações relevantes sobre cada uma das cartas integrantes do *corpus*. Tais informações incluem o nome dos escreventes o ano de produção e o subgênero de cada correspondência. Informações mais detalhadas sobre o perfil dos escreventes e de alguns dos destinatários encontram-se em anexo.

Código da carta	Escrevente	Ano
Cartas de Amigo		
CA01	Joaquim Nabuco	1903
CA02	Joaquim Nabuco	1904
CA03	Carlos Alberto de Menezes	1904
CA04	Joaquim Nabuco	1905
CA05	Joaquim Nabuco	1909
CA06	Manuel Borba	1916
CA07	Manuel Borba	1919
CA08	Arnaldo Guedes	1922
CA09	Manuel Borba	1924
CA10	Arnaldo Guedes	1930
CA11	Mário Sette	1937
CA12	Gilberto Freyre	1939
CA13	Gilberto Freyre	1940
CA14	Breno Braga	1941
CA15	Breno Braga	1942
CA16	Breno Braga	1942
CA17	Gilberto Freyre	1957
CA18	Gilberto Freyre	1958
CA19	Ascenso Ferreira	1962

¹⁸ Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1374:arquivos-a-colecoes-fotograficas&catid=77> acesso em 25 de abril de 2017.

CA20	Gilberto Freyre	1969
Cartas de Família		
CF01	Carlos Alberto de Menezes	1901
CF02	Carlos Alberto de Menezes	1904
CF03	Mário Sette	1906
CF04	Waldemar de Oliveira	1908
CF05	Arthur Orlando	1911
CF06	Waldemar de Oliveira	1916
CF07	Biluca (acervo de Arthur Orlando)	1918
CF08	Manuel Borba	1922
CF09	Manuel Borba	1922
CF10	Manuel Borba	1923
CF11	Manuel Borba	1923
CF12	Pupu (acervo de Arthur Orlando)	1929
CF13	Mário Sette	1933
CF14	Mário Sette	1936
CF15	Mário Sette	1937
CF16	Mário Sette	1937
CF17	Breno Braga	1941
CF18	Breno Braga	1946
CF19	Breno Braga	1947
CF20	Breno Braga	1948
Cartas de Amor		
CM01	Arthur Orlando	1908
CM02	Arthur Orlando	1908
CM03	Arthur Orlando	1912
CM04	Nelson Ferreira	1925
CM05	Breno Braga	1942
CM06	Z	1949
CM07	N	1949
CM08	Z	1949
CM09	Z	1949
CM10	N	1949
CM11	Z	1949
CM12	Z	1949
CM13	N	1950
CM14	N	1950
CM15	N	1950
CM16	N	1950
CM17	N	1950
CM18	N	1950
CM19	Z	1950
CM20	N	1950

Quadro 4: Ficha técnica do *corpus*

Por meio do local, data e vocativo das cartas, é possível localizar informações essenciais à nossa análise, sobretudo em relação às respostas para as seguintes perguntas: quem escreveu? Para quem escreveu? Onde e quando escreveu? Mesmo com algumas informações incompletas, foi possível recuperar o perfil da maioria dos escreventes, o que traz à tona a máxima laboviana de fazer bom uso dos dados possíveis, sobretudo os distanciados pelo tempo.

3.5 PROCESSO DE TRANSCRIÇÃO

Por fazerem parte de projetos anteriores à escrita deste trabalho, as cartas a serem analisadas foram transcritas pelos membros das esquipas. De modo geral, no processo de transcrição dos manuscritos, foram seguidos os parâmetros propostos pelos pesquisadores do PHPB, que prezam pela conservação da originalidade dos textos (GOMES, 2007) e preservação de elementos de grafia, acentuação, pontuação, emprego de letras maiúsculas e minúsculas, erros, supressões e inserções do escriba (MATTOS E SILVA, 2001). As transcrições das correspondências também foram guiadas pelas notações de ordem filológica organizadas por Guedes & Berlinck (2000, p. 12):

[]	Indica a ausência de uma letra/sílaba na palavra ou de uma palavra dentro de um enunciado. Ex.: a[c]eita-se pedidos; para poder continuar [] vender; para o verão e arti[]s de modas.
[[]]	Indica que a letra/sílaba/palavra estão repetidas. Ex.: drigi[[gi]]ram; dinheiro [[a dinheiro]].
[ilegível], [furo] [corroído], [espaço]	Indica que uma dessas situações aconteceu no texto transcrito. Ex.: assim ao modo de [ilegível] que há tempos; faz [furo] sciente ao Público; vende-se huma propriedade [corroído] de tres andares; de profiçãõ agrônomo. [espaço] com boas referências.
	na maioria dos casos, a barra simples indica mudança de linha.
	indica mudança de parágrafo.
<i>Itálico</i>	Indica desenvolvimento de abreviaturas. Ex.: <i>Senhor, réis, número, Excelentíssimo, Nossa Senhora, ReVerendíssima.</i>

Quadro 5: Notações para transcrição

Assim, veremos, a seguir, uma das cartas que fazem parte de nosso *corpus*, na forma como está disponível no acervo da Fundaj: a carta de amigo (CA09) datilografada por Lourival a Arnaldo Guedes Pereira. Veremos também a transcrição dessa carta, editada por Tatyana Amorim e Valéria Gomes, obedecendo aos parâmetros supracitados.

CÓPIA

Meu caro Arnaldo:

Recebi, ha poucos dias, um postal -photographia do teu filhinho no seu leito de morte. Escusado é dizer que a impressao causada no meu espirito foi bastante emocionante, fazendo uma idéa do quanto vocês ahis sofferam, paes, avós, toda a familia.

Pae, como tu, bem aquilato da tua dôr immensa, ven do fugir para o desconhecido, si bem que para mim este desconhecido seja a eternidade feliz, o ente querido que era bem um pedaço de tua alma esplendida. Foi justamente pensando na tua dôr, da qual compartilho, que fiz e faço soar aos ouvidos de tua alma amiga a

VOZ DO CORAÇÃO

Da lyra do teu peito ãa corda estala,
Produzindo um gemido indefinivel,
Obedecendo á universal escala
Do diapasão da Dôr, ante o impossivel!

~~Ver um filho a dormir na ardente-sala~~
O somno eterno, ao coração sensivel
Dos paes é sobrehumano. Assim nos fala
A razão que com a dôr é compativel.

Ao proprio coração, entanto, a calma
Retorna em breve, em face da certeza
De que não soffererá jamais essa alma.

Da canção da Verdade o estribilho
Cante o céu, cante a terra, a natureza:
-Soffre-se mais, vendo sofferer um filho.

Meu caro e bom Arnaldo: tendo falado meu coração de pae, nada mais pode dizer nem mesmo o amigo.
Um abraço emotivo para todos os teus. Para a tua querida pessoa, a alma entristecida mas sempre amiga do

Rio, 24 de Julho de 1930.

R. Condessa Belmonte, 72
Eugênio Neves.

Teu
e corde
Lourival

Figura 11: Carta de amigo (CA09) (Disponível no acervo da Fundaj)

Meu caro Arnaldo:

Recebi, ha poucos dias, um postal – photographia do | teu filhinho no seu leito de morte. Escusado é dizer que a - | impressão causada no meu espirito foi bastante emocionante, | fazendo uma Idea do quanto vocês ahi soffreram, paes, avós, | toda a familia. || Pae, como tu, bem aquilato da tua dôr immensa, ven- | do fugir para o desconhecido, si bem que para mim este desço- | nhecido seja a eternidade feliz, o ente querido que era bem | um pedaço de tua alma esplendida. Foi justamente pensando na | tua dôr, da qual compartilho, que fiz e faço soar aos ouvidos | de tua alma amiga a

VOZ DO CORAÇÃO

Da Lyra do teu peito ãa corda estala,
Produzindo um gemido indefinível,
Obedecendo á universal escala
Do diapasão da Dôr, ante o impossível!

Ver um filho a dormir na ardente-sala
O somno eterno, ao coração sensível
Dos Paes é sobrehumano. Assim nos fala
A razão que com a dor é compatível.

Ao proprio coração, entanto, a calma
Retorna em breve, em face da certeza
De que não soffrerá jamais essa alma.

Da canção da verdade o estribilho
Cante o céo, cante a terra, a natureza:
- Soffrer-se mais, vendo soffrer um filho.

Meu caro e bom Arnaldo: tendo falado meu coração de pae, | nada mais pode dizer nem mesmo o amigo. || Um abraço emotivo para todos os teus. Para a tua querida | pessôa, a alma entristecida mas sempre amiga do

teu [inint.] corde

Rio, 24 de Julho de 1930.

Lourival

R. Condessa Belmonte, 72 | Engenho Novo

Naturalmente, a transcrição de um documento datilografado é menos problemática, principalmente pela não existência de dificuldades em relação à caligrafia, que, juntamente com a forma de assinatura, dentre outros elementos, pode evidenciar outras características acerca dos escreventes. Mesmo assim, podemos observar o cuidado empregado com a preservação das características originais do texto. A seguir, tratamos do tipo de abordagem selecionada para análise dos dados obtidos nas correspondências.

3.6 TIPO DE ABORDAGEM E ANÁLISE

Considerando, de acordo com Godoy (1995), o termo “documento” em seu sentido mais amplo – que inclui materiais escritos (inclusive cartas), iconográficos e estatísticos, caracterizamos nossa pesquisa como de cunho documental. Metodologicamente, compreendemos que a “leitura e análise de documentos é um importante instrumento de coleta de dados, como meio de reforçar o entendimento da pesquisa, pela capacidade de situar os relatos contemporâneos em um contexto histórico” (OLIVEIRA, 2005, p. 86).

Santos (2015) aponta que uma das vantagens de se desenvolver uma pesquisa documental como caminho para a pesquisa qualitativa reside no fato de, na pesquisa documental, o investigador poder estudar desde as pessoas que produzem os documentos até o contexto cultural no qual esses documentos se materializam; todos esses fatores fornecem informações sobre o fenômeno a ser analisado. Sintetizando, na pesquisa documental, “o pesquisador busca uma correspondência entre a sua descrição e os eventos aos quais ela se refere” (OLIVEIRA, 2005, p. 86).

Sendo o objetivo geral de nossa pesquisa investigar e identificar três subgêneros da carta pessoal de acordo com os aportes teóricos selecionados, a análise será dividida por subgêneros. Dessa forma, acreditamos que se tornam mais evidentes os traços característicos de cada um dos três subgêneros, de acordo com as relações existentes entre interlocutores. Além disso, os contextos de produção das correspondências são de extrema relevância para nossa análise, uma vez que “um dos pontos principais tratados pela Sociolinguística é que grupos de fatores de natureza linguística e extralinguística atuam conjuntamente” (SOUZA, 2012, p. 84) nos processos de descrição e análise dos fenômenos linguísticos, que podem revelar fenômenos da tessitura social (BARBOSA, 2012).

De acordo com Lopes (2011, p. 368), devido a sua temática íntima e/ou espontânea, “a carta pessoal pode facilitar na identificação de fatos linguísticos em processos de mudança”. A mesma pesquisadora ainda afirma que se, por um lado, a carta veicula a inovação e mudança linguística, por outro, preserva fórmulas fixas em que se perpetuam “tipos estáveis de enunciados”, caracterizando-a como gênero (SOTO, 2001).

Nossa análise submete, pois, os elementos linguístico-discursivos do *corpus* a duas categorias básicas: Sistema de Avaliatividade e Tradição Discursiva. Os elementos composicionais das cartas, que envolvem a estrutura retórica e os elementos fixos tradicionais do gênero, são, pois, analisados, num primeiro momento, enquanto tradições discursivas constituintes de cada subgênero, buscando identificar quais tradições tais elementos evocam. Posteriormente, submetemos os mesmos elementos composicionais à análise sob o viés do Sistema de Avaliatividade, do qual as categorias dos subsistemas Atitude, Engajamento e Gradação evidenciam a forma como as relações entre os interlocutores são construídas em cada um dos subgêneros, mediante o posicionamento subjetivo do escrevente e a variação de posições que ele pode adotar.

O agrupamento das cartas de acordo com o subgênero auxilia na identificação, nos textos, dos modos de dizer, ou seja, estratégias linguístico-discursivas recorrentes, que podem se configurar, ou não, como TD, mas que indicam o tipo de vínculo estabelecido entre os interlocutores. Com base no Sistema de Avaliatividade, pretendemos verificar a função social dos recursos linguísticos selecionados enquanto instrumentos que põem em evidência a postura que os escreventes adotam em relação “ao texto que produzem e àqueles com quem se comunicam” (MARTIN; WHITE, 2000, *apud* SANTOS, 2015, p. 45). A partir do próximo capítulo, passamos a observar como essas categorias se manifestam em nossa análise, que terá início com a caracterização do subgênero carta de amigo.

4 CARTAS DE AMIGO

Esta vida não vale grande cousa, quem não souber viver,
passou pela vida sem viver: vegetou.

(Breno Braga, 1941)

Iniciamos a seção de análise com os aspectos linguístico-discursivos que caracterizam as cartas de amigo, produzidas entre os anos de 1903 e 1969. Nossa investigação é feita de acordo com a ordem dos principais elementos constitutivos da carta pessoal, a saber: local e data, saudação, captação de benevolência, núcleo da carta e seção de despedida. É importante mencionar que os escreventes deste subgênero são, majoritariamente, pessoas com alto nível de escolaridade, o que pode ser refletido no nível de escrita e organização retórica das correspondências. A seguir, abordamos as principais TDs encontradas nos textos e como as relações interpessoais estabelecidas – sob a ótica do Sistema de Avaliatividade – configuram-se e contribuem para a caracterização deste subgênero, de acordo com os elementos composicionais das cartas.

4.1 SEÇÃO DE ABERTURA

Para esta análise, consideramos os fatores contextuais, ou seja, quem escreve, para quem escreve e com qual finalidade escreve, como de extrema relevância na caracterização do subgênero. Por ter um caráter formulaico, a carta pessoal apresenta, geralmente, um padrão recorrente de construção, apresentando elementos fixos e relativamente invariáveis. Nossa intenção, aqui, é expor o que, dentro desses elementos fixos, se configura como TD na composição da carta de amigo, mediante a recorrência de determinado elemento e como o Sistema de Avaliatividade se articula nas relações interpessoais estabelecidas nas cartas de amigo. Para tanto, abordaremos cada um dos componentes tradicionais da carta.

A seção de abertura das cartas pessoais é composta por local e data, saudação e captação de benevolência, que faz parte do contato inicial. Em alguns casos, como poderemos observar, *local e data* são inseridos no final da carta, não no início da folha, como se costuma fazer atualmente. Em relação ao local e data, que indicam a cidade, o

dia, o mês e o ano de envio da carta, podemos observar que duas, das vinte cartas que compõem esse grupo, não apresentam esse elemento constitutivo. Seus anos de produção foram, então, recuperados com base em informações externas ao texto, nos arquivos públicos onde estão armazenados.

Ainda sobre local e data, é de destaque a posição que esse elemento ocupa na sequência do texto. Cinco das cartas de amigo apresentam local e data no final da carta, acima da assinatura. Essas cartas são, em sua maioria, as mais antigas, do começo do século. Se observarmos algumas cartas pessoais do século XIX, a exemplo das cartas pernambucanas analisadas por Gomes e Lopes (2016) e das correspondências cariocas publicadas no Volume VI do PHPB (2005), é possível verificar que, na maioria dessas cartas, o local e a data estão situados no final da página. A esse respeito, podemos concluir que a localização do local e da data se configura como TD dentro do gênero, que, até dado momento, apresentava essa formatação semelhante às cartas comerciais e documentos oficiais. Alguns dos subgêneros da carta comercial, bem como documentos oficiais, mantiveram essa TD até os dias atuais.

O *vocativo* é um dos elementos que fazem parte da seção de contato inicial das cartas. Ele “é a forma de tratamento empregada para se estabelecer o contato, sendo o tratamento condizente com o alocutário (ou receptor)” (DELL’ISOLA, 2013, p. 9). Nas cartas de amigo, o vocativo pode incluir nome do destinatário ou vir acompanhado de fórmulas de cortesia, como; podemos verificar nos excertos a seguir:

1. Meu caro Paranhos (CA02)
2. Meu caro Dr. Velloso (CA04)
3. Meu caro amigo Sr. Lima (CA05)
4. Meu caro Arnaldo (CA10)
5. Meu caro Gilberto (CA13)

Como podemos constatar, “meu caro” é a mais recorrente dentre as fórmulas de cortesia empregadas nos vocativos das cartas de amigo. “Caro” é uma palavra da língua portuguesa que equivale a “querido” ou “prezado”. Dessa forma, o uso de “meu caro” como saudação no contato inicial configura-se como TD nas cartas pessoais, uma vez que não é estilisticamente apropriado dizer que preza ou estima um interlocutor desconhecido, como no caso de muitas das cartas comerciais. Outros tipos de vocativo também são utilizados nesse subgênero, como podemos verificar em

6. Meu caro Prof. Gilberto Freire (CA18)
7. Borba (CA07)
8. Meu querido Caio (CA09)

No fragmento 5, notamos, no vocativo, uma aproximação com o modelo de escrita das cartas comerciais, visto que ele segue o padrão dos documentos oficiais, que explicitam o nome, seguido do cargo do destinatário. O autor da CA07, por sua vez, optou por ser mais direto e econômico no tocante às fórmulas de cortesia. Já na CA09, o escrevente expressa maior intimidade com seu interlocutor através do adjetivo “querido”, que, apesar de ser um sinônimo para “caro”, não apresenta a mesma carga semântica que essa palavra, expressando, então, um grau maior de afeto e proximidade.

Propondo categorias que “classificam os recursos linguísticos que empregamos em nossas avaliações sobre eventos, objetos e indivíduos e seus comportamentos, assim como analisa a perspectiva que adotamos em nossos textos” (NUNES; CABRAL, 2013, p. 85), a Avaliatividade se encarrega de analisar o modo como os escreventes aprovam ou desaprovam algo e o modo como os destinatários são convencidos a tomar a mesma atitude. No campo da Avaliatividade, vimos anteriormente que o eixo da Atitude está constituído por três categorias – afeto, julgamento e apreciação – que, em conjunto, atuam retoricamente na construção de relações de alinhamento entre escritor e leitor (SANTOS, 2015). Textualmente, a Atitude se realiza sempre que uma avaliação positiva ou negativa se materializa no discurso. Essa avaliação pode, ainda, ser intensificada ou atenuada (SILVEIRA, 2011).

Em relação aos outros subgêneros, a carta de amigo é a que menos apresenta expressões que indicam *afeto*. A pouca quantidade de elementos lexicais dessa categoria encontrada nas cartas de amigo pode ser justificada pelo caráter mais objetivo do subgênero, no qual os textos apresentam mais diretamente a finalidade comunicativa do escrevente. Na sessão de contato inicial, o afeto se limita, na maioria das correspondências, a expressões de cordialidade, comuns na tradição epistolar, como podemos ver a seguir:

9. Amigo Doutor Carlos Alberto (CA03)
10. Acabo de receber sua carta que| muito agradeço (CA05)

No fragmento 9, o afeto está ligado à variável *felicidade/infelicidade*, uma vez que o sentimento de gratidão está intrinsecamente associado com algo que faz bem, que traz felicidade, especialmente no texto em questão, no qual o escrevente relata o recebimento de uma mensagem anterior. Em 10, o afeto também está relacionado com os assuntos do coração da variável felicidade

A tendência à repetição nos modos de se referir nos vocativos das cartas de amigo pode ser justificada pelo assunto de cada umas delas. Na estrutura do vocativo, “a recorrência do pronome possessivo de primeira pessoa “meu”, juntamente com adjetivos como “caro” e “grande”, além da explicitude do termo “amigo” configuram-se como um modo de dizer tradicional e recorrente na abertura das cartas de amigo” (SILVA; GOMES, 2017, p. 65). Há casos, porém, como da CA14, em que o escrevente opta por usar o nome da destinatária, possivelmente como estratégia de polidez para diminuir a distância entre os correspondentes (BROWN; LEVINSON, 1987) e aproximar seu texto de uma conversação face a face. Vejamos um fragmento desta carta:

11. Pouso Alegre, 22/12/41

Ináh

Para você o meu abraço de amizade sincera. | Recebi hoje sua cartinha do 17 do corrente e com | a brevidade que exige a sua grandiosa intimação : | “NOTE BEM: RESPOSTA URGENTE”, não podia deixar | para amanhã em atender estas duas palavras que | caracterizam seu espirito imperativo. (CA14)

Destacamos, no fragmento 11, outro elemento composicionai recorrente na seção de abertura das cartas de amigo – a *captação de benevolência*. Sobre esse componente, Lopes (2011, p. 363) afirma que “trata-se de uma seção relativamente fixa no gênero carta que ocorre no início da correspondência e serve para estabelecer o contato inicial entre remetente e destinatário antes mesmo de introduzir o assunto principal da carta”. Nesse sentido, podemos afirmar que

Embora não tão fixa como data e a saudação, a “captação da benevolência” costuma aparecer nessa seção e serve, como o próprio nome diz, para captar a boa vontade do destinatário com o teor da carta e garantir que o contato seja

mantido com eficácia em futuras trocas de correspondência. Interessante observar que há variadas estratégias linguísticas utilizadas nessa parte que podem servir, até mesmo, para distinguir uma carta particular de uma oficial por exemplo. No caso das cartas mais pessoais, observa-se que o remetente costuma repetir a mesma estratégia com poucas variações entre uma carta e outra (LOPES, 2011, p. 369).

Poucas são as ocorrências de captação de benevolência no contato inicial das cartas de amigo. Sua recorrência está, na maioria dos casos, associada às relações de maior proximidade. Desse modo, as cartas que tratam, prioritariamente, de assuntos relacionados ao campo profissional e/ ou acadêmico costumam não apresentar esse item devido “à formalidade que permeia algumas relações de amizade que mantêm certo distanciamento” (SILVA; GOMES, 2017, p. 65). Nesses casos, verificamos que as estratégias mais utilizadas foram a confirmação do recebimento de correspondências anteriores ou justificativa pela demora a escrever. Veremos, a seguir, alguns fragmentos nos quais a captação de benevolência está associada a alguma afetividade entre interlocutores.

12. Para você o meu cumprimento muito atencioso. (CA16)
13. Um abraço você como vai passando | nós aqui vamos tudo bem. (CA12)

Noutras cartas, é opção do escrevente dispensar a captação de benevolência e iniciar o texto já apresentando o objetivo da carta:

14. Amanhã devo chegar ahí ás 9.10 na estação da Baltimore (CA04)
15. Acabo de receber sua carta que| muito agradeço. (CA05)
16. Recebi ontem, recebi ontem uma agradável | surpresa, os dois primeiros volumes da “Gilber- | tiana”, lindamente impressos. (CA17)

Essa objetividade em relação ao início do texto já com o núcleo da carta pode ser justificada com base no objetivo comunicativo de tais cartas, que se resumem a tratar de questões ligadas ao campo profissional e acadêmico. Ainda assim, verificamos, nos

fragmentos 15 e 16, elementos que estabelecem uma relação de afetividade e de captação da boa vontade do interlocutor, a exemplo do agradecimento pela correspondência anteriormente recebida (CA05) e da demonstração de apreço – indicado pelo adjetivo “agradável” – pelos livros recebidos. Podemos concluir que a captação de benevolência, embora não seja item obrigatório na constituição das cartas de amigo, pode aparecer diluída no corpo do texto.

De acordo com Silva e Gomes (2017, p. 67), podemos perceber, “nesse bloco de tradições discursivas situadas na abertura das missivas, identificadas de acordo com as palavras, expressões e saudações empregadas, as diferentes relações, de acordo com o nível de proximidade entre os interlocutores”. A escolha lexical feita pelos escreventes tem relação direta com o objetivo de cada carta: “se a intenção é ser mais direto, se há um objetivo específico urgente, se é apenas uma troca de notícias corriqueiras etc.” (SILVA; GOMES, *op. cit.*). Na tradição epistolar, sempre houve a preocupação em conceder respeito aos papéis sociais do emissor e do receptor na seção de contato inicial e saudação (BAZERMAN, 2005).

4.2 NÚCLEO DAS CARTAS

No corpo, ou núcleo da carta, é onde encontramos o motivo pelo qual o texto foi escrito (SILVA, 2017). De acordo com Lopes (2011), o corpo da carta é uma fração mais flexível em termos estruturais e temáticos. O tema é um dos itens que apresentam maior fluidez na composição da carta; isso quer dizer que os temas aparecem espontaneamente, gerados pelo discurso prévio (BERENGUER, 1994).

Nas cartas de amigo, é possível verificar a relatividade da fixidez das formas textuais. Para exemplificar, as cartas CA08 e CA10 fogem do arquétipo formal das cartas particulares de amigos. Tais correspondências foram escritas em verso – provavelmente pelo mesmo autor, que teria assinado com nomes distintos – sem abrir mão dos demais traços composicionais e tradições discursivas pertencentes ao subgênero.

17. Arnaldo, meu grande amigo, | Estava em falta contigo, |
Por não poder te escrever, | Mas não foi por pouco caso,| Ao
contrario, o grande atrazo| Foi bem contra o meu querer || Foi a

causa deste mal,| A minha vida actual,| Que sendo activa de
 mais,| Tem sempre prejudicado,| O cumprimento sagrado,| Dos
 deveres sociaes...|| Ja sendo commerciante, | Metter-me a ser
 estudante, | Foi um acto mal pensado, | Eu acho que fiz asneira, |
 Vivo sempre na carreira. || [fol. 1v] É pensado em melhorar, |
 Que vivo assim a lutar, | Mas disto não vejo geito | Por mais que
 este mundo róde. | “Quem quer se fazer não pode.... | Quem é
 bom já nasceu feito”.... || Mas isto ao caso não vem, | Não
 interessa a ninguém. | Tenho cá no meu bestunto | Que com esta
 explicação, | Já logrei o teu perdão, | Por isso mudo de assumpto.
 || Recebi um teu retrato | E me alegrou este facto. | Assim como
 o receber | um cartão e um jornal, | com versos de carnaval, |
 Que me fez rir a valer. || [fol.2 r] Embora tendo sciencia, | Que
 tinhas intelligencia | é regular instrucção, | Eu ainda não sabia, |
 Que davas p’ra poesia, | Com tamanha perfeição. (CA08)

Nessa carta, bem como na CA10, ocorre o fenômeno denominado intergenericidade¹⁹. Koch e Elias (2007, p. 114) dizem que “um gênero pode assumir a forma de outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação”. Podemos observar que, no núcleo das cartas, as finalidades comunicativas e as relações estabelecidas estão delimitadas e que a função comunicativa da carta foi mantida.

Na maior parte dos casos, as cartas de amigo analisadas possuem núcleos com construções objetivas, através das quais se tornam nítidos os objetivos do autor, a finalidade da ação comunicativa e as respostas esperadas dos destinatários. Os trechos a seguir dão exemplos dessa objetividade.

18. Amanhã devo chegar ahí ás 9.10 na estação da Baltimore
 and| Ohio R.R. Queria avisar o Mengoli e fazer guardar-me no
 hotel o| mesmo aposento que tive. || Faça me o favor de
 suspender a remessa de correspondencia| para New York e de
 fazer retirar esses registados do Correio de| modo que eu já os

¹⁹ Um estudo detalhado sobre a intergenericidade encontra-se no artigo publicado por Carolina Cavalcanti e Valéria Gomes. *O editorial no jornal O Carapuceiro e a transposição para o ensino. Revista Encontros de Vista*, Edição JAN / JUN – 2013.

encontre no hotel. O Perdeneiras e o Chermant| me acompanham, vão sem a família, como eu. (CA04)

19. “Veja se há | meio de arranjar colaboração aí para | nossa revista. || Na sua casa vão todos bem. | outra coisa que papai lhe pede é que | você, caso não seja incômodo, saber se algum | laboratório americano de medicamentos se | interesse em nos vender ácido nicotínico | em substância.” (CA12)

Por ser “uma parte mais flexível em termos estruturais e temáticos” (LOPES, 2011, p. 370), o núcleo das cartas pode apresentar uma maior maleabilidade em função do que está sendo comunicado no texto. Desse modo, mantém-se a forma, mas diversificam-se os temas. A pluralidade temática, juntamente com a espontaneidade são alguns dos fatores que compõem as condições comunicativas das TDs.

No que diz respeito ao Sistema de Avaliatividade nos núcleos das cartas de amigo, podemos detectar uma maior quantidade e variedade de eixos de avaliação, uma vez que os temas são expostos e desenvolvidos partindo de diferentes pontos de vista, sob os quais o posicionamento do escrevente é delimitado, como podemos observar no fragmento que segue:

20. Sem perjurio absolutamente de terceiro, lembro-lhe que um partido para mim, como advogado da Companhia Ferro [inint.], ou da Casa Comercial de Pereira Carneiro; ou um lugar nesta casa, ou em outra, para um filho, que tem pratica de comercial, virá trazer-me em certo initivo do mal que soffri: [...] Espero suas ordens, caru amigo certo e [inint.]. (CA03)

No núcleo do fragmento da carta apresentado, o locutor emprega o elemento lexical destacado como atributo, ou seja, ele está atribuindo uma qualidade – ou especificidade – ao mal; trata-se do mal que ele sofreu. Essa avaliação está no eixo do afeto, na categoria *felicidade/infelicidade*. Nas cartas de amigo, o subsistema da Atitude também se faz presente através da subcategoria *segurança/insegurança*, como podemos notar a partir dos próximos fragmentos:

21. Foi um acto mal pensado, | Eu acho que fiz asneira
(CA08)

22. Escusado é dizer que a - | impressão causada no meu espírito foi bastante emocionante, | fazendo uma Idea do quanto vocês ahi soffreram, paes, avós, | toda a familia. (CA10)

A *segurança/insegurança* dá conta das emoções ligadas ao bem-estar social, como ansiedade, temor e confiança (ALMEIDA, 2011). No trecho 21, os itens destacados conotam a insegurança sentida pelo autor mediante uma ação realizada; “mal pensado” e “asneira” revelam um possível arrependimento e a insegurança em função das consequências de sua atitude. Já no fragmento 22, o elemento lexical destacado, apesar de ambíguo à segurança e à insegurança, está relacionado à insegurança, uma vez que o locutor se posiciona triste e assombrado em ocasião do falecimento do filho do interlocutor. “Emocionante” é, nesse contexto, uma expressão do profundo pesar que o autor está sentindo.

23. [...] do dia feliz em que você poude, com honra e desassombro, desencarregar-se, enfim, de governar o estado
(CA07)

Podemos perceber, no fragmento 23, que as palavras destacadas pertencem à variável *satisfação/insatisfação*, que engloba emoções referentes aos objetivos realizados, tais como tédio, desprazer, desagrado, curiosidade e respeito (ALMEIDA, 2011). Na passagem supracitada, os itens lexicais se configuram com expressões de bravura e segurança, através das quais, na visão do escrevente, o destinatário havia conseguido chegar à posição de governador do Estado.

No subsistema Atitude, o *juízo* dá conta das avaliações do comportamento das pessoas, se “admiramos ou reprovamos, elogiamos ou condenamos, sempre de acordo com os valores de cada cultura, sendo assim ele pode envolver implicações legais ou não” (SANTOS, 2015, p. 46). Havendo implicações legais, o juízo se classifica por Sanção Social; quando não há implicações legais, a classificação é de Estima Social.

24. [...] virá trazer-me em certo linitivo do mal que soffri (CA03)

25. Creio pelo elevado espirito que possui, que você | não é capaz de ofender a quem quer que seja, mesmo | intencionalmente (CA14)

Os excertos supracitados estão no eixo da Estima Social. Devido ao caráter pessoal da carta de amigo, não foram encontradas ocorrências de julgamentos atrelados à Sanção Social. No fragmento 24, o julgamento é direcionado a um terceiro indivíduo (não é o escrevente nem o destinatário) – alguém que teria feito algum mal ao locutor. No fragmento 25, o julgamento envolve uma questão referente à normalidade do comportamento da interlocutora. O escrevente argumenta em favor da confiabilidade da destinatária, em relação a algum fato ocorrido anteriormente e possivelmente relatado em correspondências anteriores.

A *apreciação* é a região da atitude que se encarrega da avaliação dos objetos, fenômenos e da realidade, não abrangendo o comportamento humano (SANTOS, 2015). Em relação aos outros subgêneros, é limitada a quantidade de expressões dessa categoria nas cartas de amigo. Veremos, a seguir, algumas das ocorrências da apreciação:

26. dis-|se-me das optimas condições da Cultura, no momento actual (CA11)

27. Conforme combinamos aí vão | algumas copias do seu magnifico prefacio | ao “Morão, Rosa e Pimenta” (CA18)

As apreciações podem incluir expressões de agrado ou desagrado, se referirem ao equilíbrio e proporcionalidade dos objetos ou fatos, ou ainda incluir valoração. Nos trechos mencionados anteriormente, bem como na grande maioria das ocorrências encontradas nas cartas de amigo, a apreciação tange o campo do agrado: os escreventes estão manifestando agrado com uma instituição e um objeto. Almeida (2011) argumenta que os epítetos são uma estratégia recorrente para expressar apreciação, como foi possível observar nos fragmentos anteriores. “Expressar a apreciação pelos nomes permite um significado atitudinal, visto que as nominalizações aumentam a densidade lexical do texto” (ALMEIDA, 2011, p. 11).

O subsistema Engajamento se encarrega de explicitar as fontes das avaliações, ou seja, de evidenciar de onde vêm as avaliações (MARTIN; ROSE, 2003). De acordo com Santos (2015), o eixo do Engajamento estabelece a voz do locutor em relação aos significados e pontos de vista contidos no texto. As avaliações, em nível do Engajamento, trabalham a interpessoalidade nas relações em que os interlocutores mantêm na diversidade do texto. Dessa forma, o engajamento, ou posicionamento dialógico (OLIVEIRA, 2014), considera a monoglossia ou a heteroglossia na relação com outras vozes ou pontos de vista no texto. Nesse sentido, Vian Jr. (2010) argumenta que pode parecer contraditório considerar a monoglossia nesse subsistema, uma vez que o conceito de dialogia pressupõe a presença de “outro”.

Nos núcleos das cartas de amigo, podemos perceber, naturalmente, o posicionamento da voz autoral em relação às outras vozes no texto, uma vez que o estilo de “conversação escrita” da carta pessoal permite que outras vozes sejam devidamente adicionadas e delimitadas no texto, como podemos perceber na carta a seguir:

28. [...] | Papi pede-lhe que você adquira aí | nos Estados Unidos um [inint] de galinhas | Red Rhode Island da melhor raça que | houver e envie para cá. [...] || Na sua casa vão todos bem. | outra coisa que papai lhe pede é que | você , caso não seja incômodo, saber se algum | laboratório americano de medicamentos se | interesse em nos vender ácido nicotínico | em substância. (CA12)

A partir da leitura do trecho 28, torna-se notório que se trata de uma correspondência entre amigos mais íntimos, isso justifica a ausência de fórmulas de cortesia e de TDs para a petição de favores. Em nossos discursos, podemos citar ou reportar o que as pessoas dizem ou pensam por meio do recurso que Halliday (1994, *apud* MARTIN; ROSE, 2003) chama de projeção. Esse recurso se encarrega de descrever, dentre os traços discursivos comumente usados na escrita, os elementos usados para citar as palavras de outrem.

No trecho anteriormente exposto, observamos que os elementos destacados se configuram como uma estratégia do escrevente para adicionar um discurso que não é seu: um pedido oriundo do seu pai. Nesse sentido, a projeção foi efetuada através de um processo verbal. Embora “pedir” seja um processo que corresponda a uma ação

real, material, estamos tomando esse processo como verbal porque é através dele que outra voz é inserida na carta. De modo geral, os processos verbais possuem três participantes: “Dizente, aquele que diz alguma coisa; Verbiagem, aquilo que é dito; e Receptor, participante opcional para qual o Processo se dirige” (PENHA, 2012, p. 121-122). Na carta anterior, podemos identificar esses elementos: o dizente é o autor da carta; a verbiagem o conteúdo do pedido e o receptor é o interlocutor. Outros exemplos de processos verbais usados em projeções podem ser encontrados em:

29. Imaginei que| na memoria elles dão o relatorio| da Comissão demascadora da Ve-| nezuela publicado no Relatorio de| Engenheiros de 1884 (do Brandão)| como sendo todo elle uma invenção| dizendo que a Commissão nunca foi| onde pretende ter ido! (CA05)

30. Ha dias eu havia recebido um tele|gramma de voceis avisando que voceis| viram continuar com os sucessores do| nosso amigo Pires Ferreira os negocios| da companhia de tecidos e avisavam que es|creviam. (CA09)

31. Você diz que está com o rosto um pouquinho infla-| mado. Não notei.(CA16)

32. No | Instituto Ibero Americano de Berlim seu nome foi | referido não somente como a mais alta expressão |do pensamento brasileiro, mas como o de um | dos maiores sociologos contemporâneos. (CA20)

Percebemos, nos quatro fragmentos dos núcleos das cartas supracitados, que os processos realçados se referem a processos verbais. Lima (2011) indica que os processos verbais não apenas abrangem os diferentes modos de enunciar (falar, dizer), mas também processos semióticos que não expressam necessariamente processos do dizer, como no caso dos fragmentos 30 e 32, que se referem diretamente a outras vozes: a de uma correspondência anteriormente recebida (30) e a de pessoas que, em dado momento, estiveram no Instituto Ibero-Americano de Berlim (32). Consoante Martin e Rose (2003), através da projeção podem ser inseridas fontes adicionais de avaliação. A projeção, segundo os autores, também pode ser usada para inserir uma ação mental, um pensamento, como poderemos observar a seguir:

33. penso que você [Folha 2r] não estranhará que eu lhe peça | para dar-me um conto de reis | de que muito careço. || Muita gente supõe que um | governador de Estado anda sem- | pre com o dinheiro de que precisa, | mas eu, como lhe disse, nunca | andei tão quebrado (CA06)

34. durante esses| quatro anos em que a maioria suppu-nha que você governava tudo, até mesmo| a insensatez e a imbecilidade alheias! (CA07)

Os escreventes das cartas de amigo CA06 e CA07 fizeram uso do processo mental “supor” para inserir, nos dois casos, um ponto de vista atribuído à “maioria” e contrário ao que eles defendem no texto. Nos excertos, “supor” é, então, usado para inserir nas cartas uma voz que pode ser atribuída ao senso comum ou à opinião popular que reproduz argumentos que vão ser refutados pelos escreventes. No excerto 33, ainda, encontramos o processo mental “pensar”, como metáfora interpessoal indicando modalidade – inserindo um processo mental do escrevente – e o processo verbal “dizer”, usado para trazer à tona o ponto de vista do próprio autor que, anteriormente na carta, já foi explicitado. No próximo fragmento, veremos como um processo mental, mais uma vez, é usado para inserir o ponto de vista de outra pessoa (do pai do escrevente) ao convite que está sendo feito na carta de amigo:

35. Meu | pai ficará muito satisfeito si você não fal | tar – assim como nós. (CA13)

Entendemos, aqui, que a satisfação se dá no plano mental; por isso, “ficar satisfeito” caracteriza-se como processo mental, através do qual o escrevente introduz o comportamento de seu pai, caso o interlocutor aceite o convite feito. “Muito” está, nesse contexto, no eixo da Gradação, intensificando o significado experiencial. Ainda no eixo do Engajamento, podemos verificar a existência de outras estratégias de manutenção do diálogo ao longo dos textos. Uma dessas estratégias está no âmbito da atribuição, que ocorre quando a proposição está fundamentada, para além da subjetividade do autor, na subjetividade de uma voz externa (SANTOS, 2015), como nos mostram os trechos que seguem:

36. Sem perjuro absolu- tamente de terceiro, lembro-lhe | que um partido para mim (CA03)

37. O dr. Pernambucano | chegará às 15 hrs.; à vista do que o almoço não si realizará, sim o jantar. | Para o qual – é claro – fica mantido o | convite que lhe foi | feito por Ivone. (CA13)

No fragmento da CA03, verificamos a existência de um recurso da atribuição ligado ao campo do distanciamento, uma vez que o autor expõe seu ponto de vista distanciando-se da proposição (SANTOS, 2015), não se responsabilizando por possíveis falhas, ou desvios, na interpretação feita pelo leitor. Já no fragmento da CA13, o escrevente invoca a dialogia a partir do reconhecimento, quando seu posicionamento é exposto através da voz de outro.

Enquanto a Atitude se manifesta de modo mais modesto, o Engajamento, nas cartas de amigo, se faz mais presente, sobretudo, devido à necessidade de manutenção das marcas interativas ao longo dos textos. A objetividade nas cartas de amigo também se reflete nas estratégias de Engajamento usadas, que se aproximam, em certo ponto, da formalidade e da oficialidade, em relação à temática e ao tom mais cerimonioso das correspondências.

Com base nos núcleos das cartas de amigo, podemos afirmar que o eixo da Gradação “intensifica ou ameniza os sentidos dos eixos da Atitude e do Engajamento” (SANTOS, 2015, p. 51). Martin e Rose (2003) afirmam que a Gradação pode aumentar ou diminuir o volume ou envolver categorias de aprimoramento ou abrandamento de pessoas e/ou coisas. Essas duas funções da Gradação correspondem às esferas da *força* e do *foco*.

A *força* envolve, também, palavras que amplificam a força das atitudes, tais como muito/realmente/extremamente. Esses tipos de palavras são conhecidos como intensificadoras (MARTIN;ROSE, 2003), conforme podemos observar nos fragmentos a seguir:

38. [...] mostram que o Sr. | pertence a essa família e apenas|contou o ideal da sua morte, que|espero será muito diversa. (CA01)

39. De ambos elle| foi amigo dedicadissimo. (CA02)
40. aquela leitura me |provocou uma grande emoção. (CA17)

Nos fragmentos 38 e 40, os elementos destacados funcionam como intensificadores, tornando possível a comparação de coisas – da diversidade de um ideal e da emoção causada por determinada leitura – em relação a outros elementos implícitos. De acordo com Martin e Rose (2003), termos como "melhor" são implicitamente comparados com outros termos, como “pior”; da mesma forma, “grande” (CA02) pode ser implicitamente associado com “pouco”, ou “pequeno”. Essas comparações são concebíveis porque o valor das coisas é graduável. No trecho 39, percebemos, na palavra realçada, um recurso de intensificação que sofreu um processo de fusão, ou seja, “não há uma forma lexical separada para transmitir o sentido de aumentar ou diminuir a intensificação de forma escalonada” (SANTOS, 2015, p. 51). Dessa forma, a intensificação está contida no léxico. Santos (*op. cit.*) argumenta que “o escalonamento é transmitido como apenas um aspecto do significado de um único termo: gostaria, solicito, exijo; excelentíssimo, ilustríssimo, digníssimo”. A esse respeito, podemos tomar como exemplo desse escalonamento o trecho que segue.

41. [...] Gostaria |de, quando me mandasse o exemplar defini- |
tivo para impressão, receber os originais | manuscritos para a
exposição que será |feita no lançamento do volume. || Junto
envio uma copia | da desprezenciosa “nota do editor”. Gostaria
que passasse os olhos nessa pobre nota. (CA18)

Os elementos destacados na carta não estão relacionados a uma expressão de ordem. Pelo contrário, o escrevente, mediante a relação de solidariedade que possui com o destinatário, usa o processo em questão para pedir um favor. Esse tipo de construção oracional é bastante comum nas cartas pessoais, de um modo geral, e, especialmente, nas cartas de amigo, nas quais as relações são pautadas por uma espécie de coleguismo entre interlocutores.

No eixo da Gradação, também podemos encontrar, nas cartas de amigo, termos individuais que desempenham a função de definir o nível de intensidade na mesma palavra através de significados que servem para outra função semântica (SANTOS,

2015). Nesses casos, de acordo com Martin e Rose (2003), a Gradação se dá por meio de advérbios, ou locuções adverbiais, de gradação, como podemos constatar em:

42. É um dos meus| mais íntimos amigos, e devo essa amizade| ao Dantas, e também, indireta-| mente, ao José Bonifacio (CA02)

43. Sei confidencial-| mente que o Olyntho foi aceito para| a Suíça (para onde irá o Costa), tam| bem mas isto não sei positivamente [...] (CA05)

44. terá, positivamente, mais forte e mais accen-|tuada, no fundo do espirito, a convicção de| que continua a ser sempre[...](CA07)

Nos três trechos expostos, os elementos destacados têm função de isolamento e atuam na amplificação de sentimentos (uma amizade e uma convicção) e de uma ação mental (saber). Essas palavras agem restringindo o significado dos sentimentos expressos pelos autores.

Dentro da Gradação, o *foco* atua em categorias lexicais e semânticas nas quais não se aplica o escalonamento típico da força. Assim, faz-se necessário que haja combinações lexicais com a finalidade de acentuar e/ou atenuar os significados experienciais, como pode ser visto na carta de amigo a seguir:

45. [...] virá trazer-me em certo linitivo | do mal que soffri: mal aggra- | vado (em muita reserva) pelo | facto de recusar-me eu a no- | mear tutor de esses menores | educados pelas irmãs de ca- | ridade a um negociante | casado com uma senhora po | sitivista. (CA03)

O primeiro e o terceiro termos destacados pertencem ao campo da atenuação, reduzindo a essência do significado experiencial nas orações das quais fazem parte. Já o segundo elemento destacado constitui uma estratégia de acentuação, que enfatiza a essência da categoria semântica experiencial: o agravamento do mal sofrido pelo escrevente. De modo geral, percebemos que as gradações nas cartas de amigo evidenciam o nível de comprometimento do autor com as avaliações feitas, que podem

ser ou não oriundas da voz autoral. Nesse subgênero, a objetividade empregada traz à tona modos de dizer e avaliações mais diretas.

4.3 SEÇÃO DE DESPEDIDA

Na seção de despedida, ou de fechamento, das cartas, são encontradas, geralmente, algumas recomendações, uma saudação de despedida cordial e a assinatura. Nas cartas de amigo, as recomendações são mais raras, porém ainda comuns. Usualmente, a despedida é “elaborada numa constituição formulaica, recorrente, conectada com a natureza do gênero e conta com a identificação” (SILVA; GOMES, 2017, p. 62) do escrevente.

As partes finais das cartas de amigo são estruturas mais regulares e podem apresentar também elementos de captação da benevolência. A seção de despedida das cartas agrupa, pelo menos, duas tradições discursivas: o emprego de orações imperativas, no campo linguístico, e as recomendações, no campo discursivo. No contato final das correspondências podemos verificar a existência de uma grande quantidade de expressões que indicam afetividade e relações de solidariedade:

46. Cria-me seu Patricio e amigo (CA01)
47. Espero suas ordens, caru a-| migo certo (CA03)
48. Um beijo muito apertado | E um grande abraço na testa (CA08)
49. Abrace com affecto e gratidão o M. Sete (CA11)
50. Com um abraço forte, para Voce e os demais | amigos, Uchôa o general [ate], assigna-lhe, seu do coração. Ascenso Ferreira (CA19)

Na seção de despedida das cartas de amigo, notamos a presença de construções frasais com verbos no imperativo, a exemplo das CAs 01 e 11. Para Silva (2013), nas

cartas pessoais, o imperativo, historicamente, passou a perder seu sentido mais básico, relacionado à ordem, tomando, então, sentidos que fazem alusão à função pragmática de um pedido, uma solicitação, uma exortação, uma recomendação, um desejo etc. Silva (2013, p. 18) ainda comenta que:

Assim, o imperativo poderia ser entendido como uma construção que originalmente denotava ordem e, com a extensão de significado e a ampliação do seu uso mediante a criatividade do falante se expandiu e passou a atuar em novos contextos.

Podemos perceber que os interlocutores possuem certo grau de intimidade, maior ou menor. Por isso, os escreventes buscam estabelecer ou afirmar a amizade através dos modos de dizer. Apesar da objetividade notada como típica ao subgênero carta de amigo, os escreventes utilizaram estratégias que revelam proximidade comunicativa, baseada no nível de intimidade (SILVA; GOMES, 2017). Grande parte dessas relações foi estabelecida nas seções de abertura e fechamento, que revelam “o grau de emocionalidade, que inclui a emocionalidade dirigida a parceiros da comunicação (afetividade) ou a objetos (expressividade)” (CASTILHO DA COSTA, 2012, p. 159).

Assim, as cartas de amigo trazem tradições discursivas que deixam transparecer uma maior objetividade nas relações estabelecidas. Juntamente com as formas cristalizadas típicas da tradição epistolar, essas TDs, identificadas, também, na finalidade comunicativa, nos temas abordados e nas relações estabelecidas entre as pessoas do discurso, ajudam a caracterizar esse subgênero. Nesse subgênero, tornaram-se notórias as finalidades comunicativas, que juntamente com as condições de produção determinam o que e como dizer, produzindo, então, sentido (LONGHIN, 2014).

No tocante à Avaliatividade, assim como na sessão de abertura, poucas são as ocorrências de avaliações nesse elemento constitutivo das cartas de amigo, devido, também, ao caráter formulaico da sessão, como podemos observar nos fragmentos seguintes que ilustram os subsistemas Atitude (afeto) e Gradação:

51. Abrace com affecto e gratidão (CA11)
52. Recebam [...] o testemunho da minha afetuosa admiração.
(CA20)

53. Para todos vocês meu cumprimento muito atencioso.
(CA15)

Assim, destacamos a carta de amigo como o subgênero que mais carrega traços formais, por vezes cerimoniosos, dentro das cartas pessoais. Os fatores formais da organização retórica e composição formulaica dos textos – abertura, captação de benevolência, corpo da carta e fechamento – apresentam-se de modo recorrente, configurando-se como TDs. O uso dessas TDs evoca, nos textos, a tradição histórica da escrita epistolar. Há, também, nesse subgênero, TDs que dizem respeito ao tratamento mais ou menos afetivo entre amigos, encontradas, substancialmente, nas seções de abertura e fechamento das correspondências.

Com base na Avaliatividade, podemos observar a forma através da qual as relações de amizade se manifestam nas comunicações de notícias, pedidos de favores, e expressões afetivas que encontramos nas cartas. É possível afirmar que, dado o caráter do subgênero, o Engajamento e a Gradação se fazem mais presentes que a Atitude e, por extensão, mais presentes que o afeto, nas cartas de amigo. O posicionamento do escrevente nas cartas analisadas esteve sempre claro e bem delimitado através de recursos léxico-gramaticais que tornam clara a sua relação com o leitor, os distintos pontos de vista e vozes adicionais agregadas ao longo dos textos e a opção por um tom mais cerimonioso ou mais espontâneo, a depender da finalidade comunicativa de cada correspondência. Por fim, enfatizamos que a junção desses elementos nas cartas de amigo ocasiona textos de natureza variada, cuja essência está mais pautada no que se pretende comunicar do que na relação de solidariedade entre interlocutores. Tal relação se apresenta de forma distinta nas cartas de família, cuja análise será exposta a seguir.

5 CARTAS DE FAMÍLIA

Recebi aqui hontem a tua cartinha de 4 d'este que me deu muito praser e me augmentou o appetite pois recebi-a na hora e na mesa do jantar.

(Manoel Borba, 1922)

Para esta análise, foram selecionadas correspondências produzidas entre os anos de 1901 a 1948. Seus escreventes são pessoas ilustres e com alto nível de escolaridade (ou seus familiares, como a filha de Arthur Orlando). Os objetivos das cartas são diversos, mas todos têm a ver com a transmissão de informações sobre o cotidiano dos escreventes, o pedido de favores e/ou recados e recomendações aos demais familiares. As relações estabelecidas nas cartas são variadas, pois este tipo de relação pode ser pautado no respeito de um filho para com um pai, por exemplo, no tom imperativo de um pai para um filho, ou no companheirismo e intimidade entre irmãs.

Em relação à assimetria presente nas correspondências entre pai/mãe e filho/filha e vice-versa, Lopes e Gomes (2016) estabelecem tipos básicos de relação com referência aos tipos de relações familiares, com destaque nas relações de parentesco e entre amigos:

- a) Relações assimétricas descendentes (de superior para inferior): pai-filho, mãe-filho.
- b) Relações assimétricas ascendentes (de inferior para superior): filho-pai, filho-mãe.
- c) Relações simétricas (solidárias): entre amigos, entre irmãos, entre namorados e cônjuges.

Um fato que diferencia, em nosso *corpus*, as cartas de família das cartas de amigo reside na presença feminina dentre os correspondentes. Diferentemente das cartas de amigo, em que os interlocutores eram, em sua totalidade, homens, dentre as cartas de família, encontramos duas que foram escritas por mulheres e para mulheres (CF02 – escrita pela cunhada à esposa de Carlos Alberto de Menezes – e CF07 – escrita pela filha à esposa de Arthur Orlando) e outras dez correspondências endereçadas a mulheres, mães ou filhas dos escreventes.

Sobre o comportamento linguístico feminino, Labov (1990) observou, em seus estudos, que ele difere do comportamento linguístico masculino e que “mulheres são normalmente as inovadoras, ou seja, quando as mudanças começam, as mulheres

utilizam mais rapidamente a forma que está se implementando do que os homens” (SOUZA, 2012, p. 53), produzindo uma diferenciação de gênero ao iniciarem a mudança linguística. Dessa forma, buscamos verificar, nas cartas de família, modos de dizer diferenciados de acordo com a voz feminina e estratégias de avaliação também diferenciadas, que levam em conta a figura feminina que se tem por interlocutor.

5.1 SEÇÃO DE ABERTURA

Os modos de dizer recorrentes, que podem se configurar como TDs, nas cartas de família, estão condicionados às relações existentes entre interlocutores, que são, essencialmente, mais carregadas de intimidade que as cartas de amigo. Há, como nas cartas entre amigos, elementos oriundos da tradição histórica epistolar que assumem a posição de TDs. Porém, também há elementos que são TDs que funcionam somente no contexto do tratamento entre os membros da família nuclear. Tais elementos, como poderemos observar mais adiante, geralmente são carregados de afetividade, e evidenciam a proximidade entre os interlocutores.

No eixo dos elementos composicionais, mais acentuadamente que nas cartas de amigo, as cartas de família trazem, no *vocativo*, indicativos da relação de afetividade mantida; termos como querida mãe, querido filho e minha adorada mamãe são recorrentes nos textos. Já no que concerne à Avaliatividade nas cartas de família, notamos que a avaliação se concentra, em sua maior quantidade, no subsistema da Atitude, mais especificamente na categoria do Afeto. Podemos justificar essa concentração pelo caráter das cartas, que, como vimos, servem como relato do cotidiano do escrevente a um familiar que está distante. Nesse contexto, as expressões saudosistas e de afeto, no contato inicial, se destacam em meio às avaliações do comportamento e de objetos e fenômenos.

54. Minha querida filha (CF01)
55. Minha boa mãe (CF03)
56. Minha querida Mamãe. (CF06)
57. Meus queridos Hilton, Lucia e Bibizinha. (CF15)

Nos vocativos transcritos, podemos observar que a adjetivação com finalidade afetuosa se faz presente tanto nas relações assimétricas descendentes, como nas relações assimétricas. Esse tipo de vocativo configura-se, pois, como TD no subgênero, uma vez

que sua repetição está relacionada não apenas à história das cartas pessoais, mas também ao histórico do tratamento afetuoso entre os membros da família. Entretanto, verificamos que, em relações assimétricas descendentes, essa adjetivação pode ser dispensada, conferindo maior objetividade ao contato inicial:

58. Mercedesinha (CF09)

59. Rita,

Recebi sua cartinha muito pequenininha (CF10)

60. Mercês || Aqui em Goianna recebi hontem | sua cartinha que me deu muito | praser. (CF11)

Nos fragmentos em questão, observamos que, apesar da falta de adjetivos no vocativo, o tom afetuoso na seção de contato inicial é mantido através do uso de diminutivos – em especial a palavra “cartinha”, muito comum nas cartas de família e de amor – que auxiliam a manter o teor afetuoso na seção e se encaixa no campo do afeto, no subsistema de Atitude, na Avaliatividade. Na *captação de benevolência*, na abertura do texto, é percebido o estreitamento desse tratamento de afetividade, podendo haver certa distância motivada pelo respeito (em relações assimétricas ascendentes):

61. Abençoe-me. (CF03)

62. Recebi sua cartinha, no dia 31 não | pode imaginar com que anciedade es- [ilegível] dos toques carinhosos [ilegível] irmãos. (CF04)

63. Abençoe este teu filho que muito a quer bem (CF17)

64. Abençam (CF18)

65. Abenção (CF19)

Em todos os trechos supracitados, o escrevente é filho do destinatário ou destinatária. Assim, percebemos que a captação de benevolência estabelece o contato respeitoso que será mantido ao longo do texto. Na carta CF04, o contato é iniciado de maneira afetuosa que se torna explícita através do diminutivo “cartinha” e da demonstração de saudades da mãe e dos irmãos. Nos fragmentos 61, 63, 64 e 65, os escreventes aproximam ainda mais a correspondência de um contato face a face a partir da saudação familiar que consiste em pedir uma “benção” aos pais. Essa tradição de

origem católica configura-se como TD mediante a repetição secular desse modo de dizer e saudação de cunho respeitoso, usado no tratamento com parentes (pais, tios, avós) mais velhos. No contexto do *corpus* analisado, podemos afirmar que essa saudação é uma TD característica das cartas de família. Nos trechos em questão, os escreventes pedem “a benção” de variadas formas; damos atenção especial à junção “abenção” com uma variação (“abençam”), ambos os casos foram escritos pelo mesmo autor. Podemos considerar a junção das palavras como uma marca da oralidade nos textos, uma vez que “a benção”, na tradição oral de cumprimentar-se, se constitui como uma palavra fonológica, sempre pronunciada conjuntamente.

Algumas correspondências apresentam traços típicos da captação de benevolência tanto na abertura quanto no fechamento do texto. De acordo com Souza e Gastaud (2012), a captação de benevolência é um elemento através do qual o escrevente apresenta seus sentimentos ou condição (humildade, generosidade, dependência, etc.) em relação ao destinatário. Portanto, os autores das nossas cartas de família, ao captarem a benevolência dos interlocutores, em distintos momentos no texto, buscam estabelecer um compromisso afetivo.

Ainda no eixo da captação de benevolência, notamos que, nas relações simétricas e assimétricas descendentes, esse modo de dizer típico da carta pessoal pode variar, de acordo com a natureza de cada texto, como nos excertos que seguem:

- 66. Tanto prazer me deo sua carta, só | hoje recebida, que vou tentar escre-| ver-lhe. (CF01)
- 67. Que você e as menina[s] | e o Dr. Orlando esteja[m]| com saúde sincerame[n]-|te desejo. (CF05)
- 68. Beijos, Saudades e bênçãos nossas. (CF13)
- 69. Muita saúde. (CF14)

O fragmento 67 faz parte de uma correspondência trocada entre irmãs. Nela, podemos perceber um tom carinhoso semelhante ao fragmento 69, que integra uma correspondência escrita por um pai para seus filhos. Em ambas, o contato inicial é feito com o desejo de saúde aos interlocutores. De maneira geral, é possível afirmarmos que a captação de benevolência, assim como o toda a seção de abertura das cartas de família, procuram aproximar o contato inicial da espontaneidade por meio de modos de dizer que, facilmente, seriam usados numa conversação face a face.

Uma peculiaridade do Sistema de Avaliatividade, no subsistema do Engajamento, presente geralmente na seção de contato inicial do subgênero é a confirmação de expectativa, que pode ser considerada, inclusive, como uma TD das cartas pessoais, tamanha sua recorrência. A confirmação de expectativa atua de modo dialógico porque explicita que a voz do escrevente está de acordo com o que espera o destinatário ou com o senso comum, como podemos visualizar em:

70. Devem estar chegando às suas | mãos duas cartas minhas dentro | das quaes mandei o discurso do Doutor [inint.] | de Paiva, uns retratinhos e | as suas luvas. (CF07)
71. Estamos de saude, felizmente (CF15)
72. espero que não seja necessario intervenção | alguma. O Dr. Braz Pelegrino é um medico muito conceituado.(CF20)

Isso posto, notamos que esse recurso é recorrente em cartas pessoais dessa época, principalmente porque estamos lidando com produções de um período em que não se tinha uma confirmação, ou uma resposta, exata antes do recebimento de uma próxima correspondência. Por esse motivo, os escreventes, como os da CF07 e CF20, utilizavam regularmente verbos como “dever” e “esperar” para, além de expressar seus desejos, se posicionarem em uma espécie de diálogo envolvendo a expectativa. O escrevente da CF71 dialoga, por sua vez, com o senso comum de seu filho, que espera que ele e sua mãe estejam bem de saúde.

5.2 NÚCLEO DAS CARTAS

Os núcleos das cartas se assemelham no que diz respeito à temática: todas elas, de alguma forma, têm objetivo de dar e solicitar informações cotidianas. Nossos escreventes são membros da família nuclear que estão distantes um do outro por razões diversas. Por esse motivo, necessitam dar informações de suas respectivas famílias e/ou cidades e também pedir informações, além dos pedidos de favor nas cartas.

73. Pede-me D| Maria Serpa aqui pre-|sente para Você escrever-lhe| sobre os documentos que| Você tem em seu pôder |

e os quaes está ancio[as] | por recebê-los para | fim muito necessari[o]. || Vou agora mesmo es[cre]-|ver-lhe e as menina[s] | ainda, mais-receiosa. [[fol. 1 v] Dona Maria que Você não | lhe escreva, pede-lhe | para escrever-me | sobre o assumpto, mas | espera que escreverá | também a ella o mais | breve possível. (CF05)

74. Alfredinho veio hontem aqui se despedir e mandei| por elle, que segue hoje no trem, a carta que lhe| escrevera de manhã e os filmes. |Elle confrontou| os filmes com as provas e acha que Barretto im-|primiu-os mal (banho fraco e papel ruim), pelo| que ahi, com recomendações, se conseguirá impres-|são melhor. |Veja ,portanto, si o consegue e mande tirar copias para mim também, enviando-m as| quando promptas. |Diga a despeza para desconto| no seu dinheiro. (CF13)

Em relação aos temas centrais de cada carta, podemos afirmar que na CF13, encontramos notícias do cotidiano e algumas solicitações; a CF05 envia saudações à família da destinatária e pede informações sobre documentos. Ainda no que diz respeito aos temas, notamos nessas cartas a subjetividade e o envolvimento do escrevente com o tema e com o receptor. A subjetividade é percebida através das estratégias usadas no corpo da carta para que se chegue ao objetivo central. Faz-se necessário considerar, então, as relações estabelecidas entre pais e filhos ou entre irmãos e a necessidade do intercâmbio de informações, mesmo que sejam acerca de situações cotidianas, entre eles. Para exemplificar, a escrevente da Carta CF13 dá uma série de notícias corriqueiras antes de chegar ao tema central da missiva, que é relatar à sua mãe seu estado de saúde, seus desentendimentos com a empregada e as peripécias de sua filha pequena:

75. Devem estar chegando às suas | mãos duas cartas minhas dentro | das quaes mandei o discurso do Doutor [inint.] | de Paiva, uns retratinhos e | as suas luvas. Mandei também uma | caixinha com nougats. [...] Eu não posso, por mais desejo que | sinto, tomar conta della durante | a noite, nem mesmo umas tres ou | quatro seguidas. Para que elle podesse | descansar um

pouco. [...] Que hei de fazer?! || Rosa é raro o dia oem que esta satis-|feita. Quase sempre vou para a cama | doente por causa das cousas que | ella diz e faz. Como é uma pessoa | sempre de mais confiança do que | qualquer outra d'aqui eu vou fazendo | que nem vejo. Porque lembro-se que | uma outra apanhando me assim sem | poder tomar conta da casa é capaz | de roubar tudo. (CF07)

Vejamos o caso do texto a seguir, em que a escrevente desenvolve um texto mais curto, cuja finalidade é prestar condolências a sua irmã em ocasião do falecimento do esposo dela:

76. Acabo receber comunicação de | Adelia, do fallecimento de Carlos da | mesma molestia do nosso infeliz pae - | Eu ignorava que elle estivesse com a | molestia tão adiantada. Você avalei | a impressão que me causou semelhante | desgraça que lhe ferio. Minha irmã | Deus que lhe dê a coragem e resignação | precisas para você suportar semelhante | infelicidade. Estou tão impressionada | que não posso lhe escrever, mande me | dizer como se deo esse augmento rapido da | molestia. Quanta infelicidade em nossa familia. || Aceite de Emilia as mais verdadeiras | expressões de sentimento e dor pelo seo esta- |do, um abraço em todos seus filhinhos e | me escreva já. (CF02)

Nas cartas de família, o núcleo temático se apresenta carregado de subjetividade e de detalhes, o que é bastante comum, dada a relação familiar. Em algumas correspondências, porém, o escrevente opta por uma escrita menos subjetiva, na qual a finalidade da carta torna-se mais nítida. Ainda assim, nessas cartas, percebemos que há alguns traços típicos da organização retórica do subgênero, tais como o pedido de notícias e expressões afetuosas que afastam o texto do teor mais formal da carta de amigo, por exemplo.

Assim como nas cartas de amigo, as três categorias do subsistema da Atitude se fazem presentes nas avaliações encontradas nas cartas de família. Porém,

diferentemente do subgênero anteriormente analisado, nas cartas de família encontramos uma quantidade significativamente maior de avaliações que envolvem os “assuntos do coração”. Considerando que o *afeto* pode ser lexicalmente representado por meio de adjetivos, verbos, advérbios e nominalizações, expressões dessa natureza são recorrentes em todas as correspondências desse subgênero em nosso *corpus*.

Martin e Rose (2003) afirmam que possivelmente mais do que qualquer outra família de gêneros, as narrativas nos envolvem nos sentimentos das pessoas. Nós criamos empatia e simpatizamos com personagens que participam de eventos extraordinários. Nesse sentido, podemos considerar que a carta pessoal, mais particularmente a carta de família, contém, em muitos casos, traços da estrutura tipológica narrativa, como podemos observar no próximo fragmento:

77. Que hei de fazer?!! || Rosa é raro o dia em que esta satis-
feita. Quase sempre vou para a cama | doente por causa das
cousas que | ella diz e faz. Como é uma pessoa | sempre de mais
confiança do que | qualquer outra d’aqui eu vou fazendo | que
nem vejo. [...] | Espero dias melhores, pois não | quero crêr que
Deus me abandonou deixando | [fol. 2 v] tudo. Continuo assim,
eu doente e com | a minha doença tudo de casa fora | do seu
logar. Tenho consciência de | que nunca fiz nada para merecer |
o castigo de uma vida tão pouco | agradável. Deus não me
abandonará, | eu espero. || Candinha está muito trelosa. (CF07)

Podemos observar que o fragmento anteriormente transcrito contém traços narrativos, sobretudo no que diz respeito à parte em que a autora fala da sua filha e da empregada Rosa. Destacamos, no texto, as expressões que representam as emoções da escrevente e, como se pode notar, não é uma narrativa feliz, devido ao estado de saúde dela. Nesse contexto, expressões como “espero dias melhores” e “Deus não me abandonará” refletem o estado de espírito, a tristeza e insatisfação, de quem escreve. A variável infelicidade se faz majoritária no relato. Em outras cartas, porém, podemos notar, pela quantidade de expressões que sugerem felicidade e satisfação, que a maioria dos sentimentos expostos é positiva:

78. Peço a Deus para proporcionar-lhe muita saúde e paz de espírito. | Graças a Deus you bem de saúde. Fico muito satisfeito com a | melhora da MAMÃI, e espero que não seja necessario intervenção | alguma. O Dr. Braz Pelegrino é um medico muito conceituado. | Já respondi a carta do Irmão - Pinha e Mamã. | Você não tem que agradecer cousa alguma, eu é que fico contente por vocês aceitarem um presente meu.

Os sentimentos positivos, como pudemos ver até aqui, são majoritários nas cartas de família, o que equivale a afirmar que a maioria das expressões nas categorias do afeto são das variáveis felicidade e satisfação. Tais expressões também aparecem em fórmulas convencionalizadas de saudação familiar, como a primeira parte destacada no fragmento supracitado. Veremos, a seguir, alguns trechos de cartas de família nos quais se observam algumas das subcategorias do afeto, nas variáveis insegurança (79) e satisfação (80):

79. Não sei se terei coragem de | complementar a viagem a cavallo. || Depois da corrida que dei | ahi fiquei com medo dos [insetos] (CF09)

80. Fico satisfeito, pri-| meiro, por ter noticias de casa, | segundo, por saber que todos | estão bem de saude. (CF18)

No eixo do *juízo*, no subsistema Atitude, podemos verificar que as cartas de família são, geralmente, carregadas de expressões que indicam uma avaliação do caráter das pessoas, na categoria da estima social. Veremos, no caso específico do trecho que segue, como o juízo se manifesta nas palavras de um pai para com sua filha.

81. E até em [inint.] ou ver | a filha a chorar com fome, sem | poder saciar-o com seu proprio | leite, nem dar-lhe a mamadeira. || Foi prudente sem duvida seguir | as preocupações do medico, embora | sua Mãe não tivesse feito o | mesmo. [...] Veja, não se trata de um prazer, | de um gozo, de um acto de vaidade-| de ou orgulho. Trata-se da | mais nobre, embora penosa, func-|ção maternal, que tantas mães | evitam criminosamente. O teo |

desejo é pois o mais elevado e | santo. Si Deus te privar desse |
mesmo para uma grande bem teo | e de teo filho.

No trecho em questão, encontramos o julgamento do escrevente (Carlos Alberto de Menezes) em relação à atitude de sua filha que, devido a algum problema de saúde e posterior recomendação médica, ficou impossibilitada de amamentar a sua filha (ou filho, isso não fica muito claro ao longo do texto) pequena. Inicialmente, o pai julga o comportamento da filha – de acatar as ordens médicas – como prudente, enfatizando que nem todas as mães – a exemplo da mãe da interlocutora, que poderia servir como exemplo de boa conduta – tomariam. Na continuação, o autor enobrece ainda mais o ato da filha, efetuando um julgamento do comportamento de tantas mulheres que se recusam a amamentar seus filhos, uma atitude “criminosa”, no julgamento dele. Por fim, Carlos Alberto consola a filha, cogitando a possibilidade de ela ficar terminantemente incapacitada de amamentar a filha.

Assim como o afeto e o julgamento, a *apreciação* também é mais presente nas cartas de família que nas de amigo. Isso pode se justificar pelo caráter de relato da carta, que permite que opiniões sejam adicionadas ao texto. A título de comparação, veremos trechos de uma carta de família e de uma carta de amigo, ambas com as apreciações realçadas.

82. Apesar do vapor cheio e o pouco jogo do navio, a viagem |
não tem sido divertida; a orchestra é avára para tocar e quase
ninguem dança. | Temos feito, porém, /bôa convivencia com
Heitor e familia, o Adolpho Celso e ou-|tros. --- A Bahia
continúa num progresso magnifico. O predio dos C. e T. quase |
prompto e enorme. O commercio superior ao do Recife. Casas
luxuosas no es-|tylo das do Rio. Só vocês vendo poderiam fazer
uma idéa exacta.(CF14)

83. Para todos vocês meu cumprimento muito aten-| cioso. Só
hoje me foi possivel escrever-lhe visto | que estava em Juiz de
Forá. Envio para você os re-| tratinhos que tiramos ahi, não
ficaram bem focalisa-| dos, no entanto, é de coração que os
envio. para você. | Que é que há por ahi? Aqui não ha cousa
alguma | digna de ser anotada como novidade. Tenho estudado |

um pouco para os exames na Escola de Eletrotécnica | que se aproximam. (CA15)

No trecho da carta de família, podemos notar que a quantidade de elementos que refletem apreciação é considerável, principalmente se levarmos em conta a carta de amigo supracitada. O contexto de produção da carta nos ajuda a entender as apreciações feitas: a carta de família CF14 foi escrita por Mário Sette a seus filhos enquanto ele estava numa viagem; por esse motivo, a carta assume a função de um diário de bordo, no qual o escrevente registra suas impressões sobre os locais que visita. Dessa forma, é mais fácil compreendermos que, dentro desse contexto, a avaliação de objetos é mais pertinente.

Em relação ao subsistema do Engajamento, nas cartas de família, são várias as formas através das quais a voz autoral se posiciona e novas vozes são inseridas. Dialogicamente, nesse subgênero, o posicionamento do escrevente pode ser revelado de acordo com as relações de simetria e de assimetria ascendentes ou descendentes. Assim, podemos supor que um pai, ao escrever a um filho, dispõe de mais autoridade, o que pode não ser possível numa situação contrária. Vejamos três fragmentos:

84. Pede-me D| Maria Serpa aqui pre-|sente para Você escrever-lhe| sobre os documentos que| Você tem em seu pôder | e os quaes está ancio[as] | por recebel-os para | fim muito necessari[o]. || Vou agora mesmo es[cre]-|ver-lhe e as menina[s] | ainda, mais-receiosa. (CF05)

85. Tenho ainda as | suas cautellas que você | fez vir para o que é necessario | fazer e ainda não tornei a [fol. 1v] fazel-as seguir para sua | mãe, vendo o que é que | Paes Barretto pode fazer de melhor | por aqui antes de liquidar | todas essas trapalhadas que tanto | me aborrecem. Elle disse me | que ia fazer todo o possivel | para ver se consegue o que | é preciso para não se se | perder as apolices (CF12)

86. || Eu queria que você fosse lá na | 4ª feira (amanhã é feriado) e | conversasse em meu nome com | o chefe da casa a respeito do | assumpto. [...] E pergunte tambem a elle si | eu poderei aqui ter uma expe-| riencia. [inint.]? Mande uma |

resposta urgente de tudo. Si | precisar do telegrapho, procure | o Benjamin no gabinete do D.R. | ou o Olympio (CF16)

Aqui, vemos trechos de três distintos textos desse subgênero, que explicitam três diferentes tipos de relações – simétrica, assimétrica ascendente e assimétrica descendente, respectivamente – e com diferenciadas finalidades comunicativas: os fragmentos 84 e 86 expõem alguns tipos de pedidos, enquanto o fragmento 85 funciona como uma espécie de relato. Nos dois primeiros fragmentos, os escreventes utilizam estratégias léxico-gramaticais para a inserção de outra voz no discurso, seja por meio de um pedido de outra pessoa, ou por uma citação, ambos inseridos no texto por meio de processos verbais, que aparecem em destaque. Já no terceiro fragmento, o escrevente dá dois exemplos – igualmente destacados – da relação de *modalidade* presente como estratégia de projeção do discurso dentro do eixo do Engajamento.

Sobre a modalidade, Halliday (1984, *apud* MARTIN; ROSE, 2003) afirma que se trata de um recurso que configura o espaço semântico entre o sim e o não, uma escala entre o polo positivo e o negativo. Há dois tipos gerais de modalidade, um para negociar serviços, e o outro para negociar informação. Na negociação de serviços, a modalidade parte da proposição “faça isso”, passa por “você deve fazer isso”, sequencialmente, até o polo negativo “não faça isso”, mostrando o quanto alguém é obrigado a fazer algo (MARTIN; ROSE, 2003). No fragmento 86, supracitado, o escrevente modaliza o primeiro pedido com um processo mental (queria), talvez para suavizar uma ordem dada. Depois, no mesmo fragmento, ele opta por um discurso mais direto, com um processo verbal que representa uma ação direcionada ao interlocutor.

Na negociação de informações, a modalidade indica o quão provável uma declaração é, numa escala em que cada polo apresenta a escolha de polaridade positiva ou negativa. Resumidamente, podemos ilustrar essa escala, com base nas nossas cartas de família, da seguinte forma:

87. amanhã é feriado (CF16)

88. Talves elles tenham alguma | coisa para a aconselhar.(CF08)

89. Não sei porém \$\$\$ como <↑ foi que> elles souberam que eu viajava no | Jaceguai. Talvez algum jornal da Bahia.(CF14)

90. Uma foi proclamada “rainha” e outra “princesa” do |
Jaceguai. Á noite deverá ser a coroação. (CF14)

91. O que faço e trabalho porem | não é trabalho grosseiro.
(CF12)

Desse modo, observamos que a escala de negociação de informações parte da afirmação positiva (é), passa por diferentes opções de probabilidade (talves [talvez], deverá ser) até a negativa (não é). A modalidade pode ser usada como um recurso para introduzir vozes adicionais em um texto, e isso inclui a polaridade, como podemos constatar no fragmento a seguir:

92. Dahi se deprende que elle vae diminuir a marcha | de
noite, porque si conservasse as 12 milhas horarias, estaria no
Rio ás 11 da noite| Até agora, porém, não parece ter diminuido a
marcha. .Como vem o Jaceguai não é o | cagado que se dizia.---
- Estamos no camarote. Sua mãe faz arrumações. (CF14)

No fragmento em questão, a oração negativa combate qualquer um que, por algum motivo, viesse a pensar que o Jaceguai – navio de transporte de passageiros – é “cagado”. Podemos fazer duas interpretações desse fragmento: a primeira diz respeito a velocidade do navio, poderiam pensar que se tratava de uma embarcação lenta; a segunda interpretação envolve os aspectos estéticos e de conforto do navio, no tocante à mediocridade dele. Seja qual for a intenção do escrevente ao fazer a afirmação, podemos considerar que a negação coloca sua voz em relação a uma potencial voz de oposição. Vejamos outro excerto:

93. Aqui, também, tem chovido pavorosa-| mente, contudo,
não deixar de haver instrução para nós, | que, aliás, está cada vês
mais pesada. (CF17)

No fragmento anterior, vemos que a voz do escrevente se posiciona contrariamente a outras vozes que, possivelmente, presumiriam que as chuvas impossibilitariam a atividade escolar. Sendo assim, duas vozes estão implicadas. Pelo exposto, concluímos que a polaridade negativa é diferente da polaridade positiva; a

polaridade positiva evoca uma voz enquanto a polaridade negativa evoca duas vozes. A negação desse tipo é uma característica da escrita persuasiva em que posições de contestação precisam ser resolvidas e postas de lado (MARTIN; ROSE, 2003).

Outra categoria do eixo do Engajamento que se faz presente nas cartas de família é a atribuição, que considera que o fundamento da proposição está na subjetividade de uma voz externa. Assim, dialogicamente, temos mais uma voz numa gama de vozes possíveis (SANTOS, 2015).

94. Fico satisfeito, pri-| meiro, por ter noticias de casa, | segundo, por saber que todos | estão bem de saude. || Li o Decreto-Lei no Diario de | Pernambuco, órgão de grande | tiragem no Estado. Telegrafei | para você tomar as necessarias | providencias, julgando que a | Escola já tivesse sido notifi-| cada. Recebi o telegrama | que você mandou o Irmão passar. (CF18)

95. | Não sei mesmo porque você não | quer que Olivia fique commigo. | Não lhe prometi que ella não | faria nada e que eu hei de | fazer tudo para que não lhe falte | nada? (CF12)

No primeiro fragmento, vemos que os elementos destacados evocam outras ações anteriores à carta: o recebimento de uma correspondência anterior falando sobre o estado de saúde dos familiares e o envio de um telegrama. Assim, o autor utiliza a estratégia do reconhecimento para acionar a voz de outro. No segundo fragmento, a escrevente utiliza a estratégia do distanciamento para expressar seu ponto de vista – a insatisfação com o fato de sua mãe não permitir que sua irmã Olivia passe um tempo com ela – acionando um discurso anterior, que aparece como pergunta e serve como argumento.

Nas cartas de família, a Gradação atua, especialmente, com o subsistema da Atitude no núcleo dos textos, intensificando e/ou atenuando os sentidos produzidos. Isso não significa que o Engajamento não seja graduado no subgênero. O que ocorre é que a maioria dos significados experienciais graduados é do campo da Atitude, mais especificamente do afeto.

96. Aqui em Goianna recebi hontem | sua cartinha que me deu muito | praser. || Quando me escrever novamente | (si ainda houver tempo) diga si | Foi por doente que a Noemia foi | para o interior de Minas. || Eu devo ir d'aqui nos ultimos | dias de Março e si esta carta | demorar a chegar lá e mais se- | guir não escreverei pois a resposta | não me encontraria mais aqui. || Estou com muitas saudades de | todos.

Como podemos observar no fragmento, a presença de expressões intensificadoras é recorrente nas cartas de família. Assim como nas cartas de amigo, os intensificadores nas cartas de família estabelecem implicitamente comparações em relação às apreciações e ao julgamento.

97. Não lhe posso ser mais | extenso nem melhor na volta porque | teenho que voltar la para jantar.(CF06)

98. vendo o que é que | Paes Barretto pode fazer de melhor | por aqui antes de liquidar | todas essas trapalhadas que tanto | me aborrecem. (CF12)

99. banho fraco e papel ruim (CF13)

No fragmento 97, o escrevente usa intensificadores de extensão e de qualidade; o escrevente do trecho 98 intensifica a qualidade no julgamento e a quantidade no afeto; por sua vez, o autor da correspondência do fragmento 99 intensifica seu posicionamento através da apreciação de objetos. Dessa forma, os escreventes enfatizam a essência de categorias semânticas experienciais. Por outro lado, encontramos, também, elementos léxicos que promovem a atenuação dos significados experienciais, como os que seguem:

100. Logo uma pequena resposta, | à ver ei despachando hoje (CF01)

101. Descul-|pes o pouco valor das offer-| tas; ellas, porém, cons-| tituem próvas de que nós | como bons filhos, não nos | esquecemos de nossa mãe. || Pouco ha de novo por a-| qui (CF03)

102. Na suposição de ser pouco o dinheiro eu man- | dei [..]
(CF08)

103. Ha poucos dias mandei di-|nheiro para mãe (CF10)

Nos exemplos supracitados, percebemos que os itens destacados funcionam como atenuantes de julgamentos (fragmentos 100 e 101), de apreciação (fragmentos 101 e 102) e de circunstância temporal (fragmento 103). É notório que a Gradação auxilia os demais eixos da Avaliatividade na construção de sentidos experienciais, minimizando ou potencializando as relações estabelecidas ao longo dos textos.

5.3 SEÇÃO DE DESPEDIDA

A seção de fechamento das cartas (saudação e despedida) estreita ainda mais os laços de afetividade estabelecidos inicialmente. A assinatura, assim como o vocativo no início da correspondência, dá indícios da relação mantida entre os interlocutores. É comum encontrarmos nas assinaturas palavras ou expressões que revelam o grau de contato entre os participantes da situação comunicativa:

104.Pae amigo, || Mario. (CF13)

105.1 abraço saudoso e| as menninas a | mana.||Elvira. (CF05)

106.Os beijinhos de [inint.] para | todos vocês

Biluca (CF07)

107.Abraços do Pae amigo. Borba (CF10)

Nas cartas pessoais, mais especialmente nas cartas de família – em que o contato é, geralmente, mais íntimo – podemos perceber, na seção de fechamento dos textos, uma TD que envolve o uso, ou a supressão, de verbos no imperativo ao se fazer recomendações e saudações finais, como podemos observar nos elementos destacados no fragmento a seguir:

108. um abraço em todos seus filhinhos e | me escreva já.
(CF02)

As gramáticas convergem ao afirmar que os verbos nas orações podem apresentar-se sob as formas ativas e passivas (MASIP, 2012; BECHARA, 2009). Nesse contexto, podemos localizar alguns verbos que indicam passividade (receber, aceitar etc.) no meio de um *continuum* que parte da voz ativa e passa para a voz passiva, que podem ser representadas pelo imperativo. O comportamento de tais verbos nas cartas apresenta certa estabilidade em relação à finalidade comunicativa proposta: a de fazer recomendações e pedidos, muitos deles carregados de sentimentalismo, como podemos notar nos excertos:

109. Aceite de Emilia as mais verdadeiras | expressões de sentimento e dor (CF02)

110. Você e papai aceitem | um abraço do filhinho || Waldemar. (CF04)

111. Dê por mim | um abraço a todos e receba | o que d'aqui te envia. (CF09)

Além do que diz respeito aos verbos, chama atenção nas saudações de despedida o tom saudoso empregado nas despedidas, o uso de algum adjetivo qualificativo, o emprego do artigo definido como determinante na identificação do escrevente e o uso de diminutivos. Considerando a natureza do gênero carta pessoal e as relações de intimidade existentes entre os interlocutores do nosso corpus, compreendemos que a opção dos escreventes por verbos que remetem uma ação de receptividade por parte dos leitores se justifica por dois motivos básicos:

a) O gênero carta pessoal é tradicionalmente composto por muitas formas imperativas, relacionadas a pedidos, ordens, recomendações etc. Nesse contexto, o pedido para que o destinatário receba um abraço, por exemplo, seria um dos outros tantos pedidos que compõem o corpo do texto, estando, pois, de acordo com as formas verbais recorrentemente empregadas no texto;

b) A relação entre os interlocutores influencia as formas verbais usadas nas saudações. Para ilustrar essa relação, podemos mencionar que, um de nossos escreventes (Breno Braga), opta pelo uso do imperativo para fazer pedidos tanto a seu pai como a sua mãe, evidenciando, assim, que a linguagem utilizada no meio familiar, notadamente, reverbera na escrita do autor:

112. Diga ao China que as estações daqui estão “consti-| padas” não falam, mas, que eu vou ver se consigo algu-| ma para falar com B. Hte., depois escreverei á ele. (CF17)

113. Diga ao Ricardo para ver uma casinha modesta, e escrever dizendo | as condições que eu aceito a proposta dele, quanto a entrada. (CF20)

No contexto da amostra coletada, notamos que as formas verbais que exprimem passividade foram mais frequentes no início do século XX, não sendo encontradas mais ocorrências dessas formas depois da década de 1940 nesta amostra. A ausência de verbos nas saudações é majoritária no número de ocorrências nas recomendações no final das cartas.

114. Abraços e beijos o teo filho do co-| ração (CF03)

115. Muitas bênçãos, saudades e beijos. (CF15)

116. Abraços às queridas “titias” (CF18)

As construções nominais supracitadas são bastante recorrentes, não apenas como saudações de despedida em cartas pessoais, mas também no contato pessoal na atualidade, manifestado em diferentes meios de comunicação (numa chamada por telefone ou num *e-mail*, por exemplo). Consoante os estudos de Kabatek (2006, p. 9), podemos identificar tais elementos como TD, uma vez que “tradições de textos muito frequentes tendem à elipse e a uma crescente opacidade, de maneira comparável aos elementos linguísticos ao longo de um canal de gramaticalização”. Sendo assim, mediante a supressão do verbo (mandar ou enviar, no contexto de *envio-te um abraço*) o uso dessas saudações de despedida, como atos de fala, configura-se como TD na medida em que, de acordo com Kabatek (*op. cit.*), se segue uma tradição que vai além das regras da língua, ou muitas vezes até contrariando tais regras.

Assim, tais elementos se configuram como TD nas cartas de família mediante a repetição desses traços, que se tornaram historicamente caracterizadores do subgênero, considerando as condições de produção dos textos. Verificamos, portanto, que a inserção dessas TD nas cartas configura a manifestação do estilo do subgênero. Em síntese, segundo Longhin (2014), as distintas escolhas linguísticas refletem, em sua

maioria, diferenças nos propósitos comunicativos e em outras condições de produção dos textos.

Em conformidade com o que foi analisado, até agora, nas cartas de família, é possível perceber que as escolhas pragmáticas realizadas, bem como as diferentes TDs encontradas nesse subgênero justificam-se pelo tipo de relação estabelecida, ora simétrica, ora assimétrica (ascendente ou descendente) e pela natureza do texto em suas condições de produção. As relações mantidas nas cartas refletem respeito e proximidade entre interlocutores.

Em suma, podemos conceituar as cartas de família como mais subjetivas do que as cartas de amigo, uma vez que o tom saudosista e afetoso é uma constante nesse subgênero. As relações de poder e solidariedade se manifestam nos textos de acordo com o léxico e as TDs empregadas, que podem manifestar mais respeito ou mais autoridade, podendo também explicitar uma relação mais igualitária. As TDs das cartas de família dão evidências dessas relações estabelecidas, logo no vocativo, apresentando marcas que expressam maior afetividade e intimidade entre os interlocutores. As tradições discursivas encontradas (tais como os diminutivos e adjetivos que atribuem qualidade) deixam clara essa intimidade ao longo dos textos.

Em relação à Avaliatividade, verificamos que as atitudes estão bem delimitadas, principalmente na região do afeto e do julgamento. O Engajamento relaciona a voz autoral com outras vozes evocadas ao longo do texto, considerando outros pontos de vista e destacando a relação entre os familiares. Já a Gradação enfatiza ou suaviza os posicionamentos defendidos pelos autores.

O caráter de relato ou narrativa, comportado pelo hipergênero carta e presente em muitos textos de nosso *corpus*, por muitas vezes molda os conteúdos apresentados nas correspondências. Por esse motivo, podemos dizer que há uma maior fluidez temática nesse subgênero; tal fluidez se mescla às TDs oriundas das fórmulas cristalizadas da carta e de outras TDs que emergem de tradições do contato e convívio familiar. Em conjunto com as demarcações dos papéis sociais de escreventes e leitores, esses traços constituem a essência das cartas de família, pautada especialmente nas relações existentes entre os familiares que, de acordo com o nível de proximidade entre os sujeitos, passam a ser identificadas a partir de palavras, expressões e saudações empregadas. Em continuidade ao que temos visto até agora, veremos, a seguir, como as cartas de amor, substancialmente mais subjetivas e íntimas, diferem dos dois primeiros subgêneros abordados.

6 CARTAS DE AMOR

Não te esqueças de que é com as linhas de teus braços e
com a cor de teus olhos que minha alma vai todos os dias
desenhando o seu ideal.

(Arthur Orlando, 1908)

Tratamos, agora, de um subgênero que pode pertencer tanto à esfera das relações pessoais e íntimas quanto ao domínio literário, haja vista a existência dos chamados romances epistolares. Sobre as correspondências amorosas, Silva (2002, p. 12) considera que a inserção delas em obras literárias retrata, “intertextual e interdiscursivamente, a dinâmica de práticas comunicativas das cartas, cultivadas num dado contexto sócio-histórico de uma sociedade, como um fenômeno social e cultural circunscrito e variável no tempo e espaço”. Além disso, é importante salientar que “o gênero epistolar se junta a outras publicações não-ficcionais também para auxiliar nos estudos biográficos” (MELO, 2011, p. 37). A pluralidade de formas e conteúdos das cartas de amor pode ser atribuída aos diversos objetivos dessas correspondências, bem como aos diversos tipos de relações entre os amantes que podem ser estabelecidos através da carta amorosa.

Caracteristicamente despojadas das formalidades impostas pela relação interativa assimétrica (SILVA, 2017), as cartas de amor “apresentam, naturalmente, relações simétricas, devido, sobretudo, ao nível de intimidade entre o casal, que propicia uma comunicação ‘de igual para igual’” (SILVA, 2017, p. 207). Esse subgênero é marcado pela expressão íntima dos sentimentos do escrevente em relação ao destinatário. Essa declaração sentimental pode ou não vir acompanhada por traços comuns aos outros subgêneros, tais como o pedido de notícias e/ou favores, expressões saudosistas e recados.

No que diz respeito aos exemplares desse subgênero em nossa investigação, as cartas abordadas foram produzidas entre os anos de 1908 e 1950. O diferencial deste recorte do *corpus* é o fato de termos correspondências trocadas entre pessoas não

ilustres e com pouca escolaridade. Diferentemente dos informantes ilustres dos subgêneros anteriores, dois dos escreventes de quinze de nossas cartas de amor – o casal Z e N, com nível de escolaridade elementar – apresentam uma escrita mais rudimentar, com muitas marcas da oralidade que aproximam os textos da espontaneidade de um diálogo. As relações entre os interlocutores das cartas de amor apresentam distintos graus de intimidade; as correspondências foram trocadas entre possíveis pretendentes, namorados, noivos e cônjuges.

6.1 SEÇÃO DE ABERTURA

No que tange aos elementos composicionais, verificamos que, logo na seção de abertura, já há indícios da relação de intimidade estabelecida. Algumas das cartas já delimitam no *vocativo* o grau de intimidade mantido entre os interlocutores, ora aparentando mais intimidade e afetividade, ora aparentando certa distância e cerimônia.

- 117. Minha Babona (CM02)
- 118. Meu amor (CM03)
- 119. Aurorinha,
Minha santinha adorada. (CM04)
- 120. My dear Princess (CM05)
- 121. Querido Z paz do senhor (CM07)
- 122. Queridinha N. (CM12)

De acordo com Costa et al (2017, p. 6), os vocativos nas correspondências pessoais “deixam pistas significativas do grau de familiaridade ou afetividade entre os missivistas, pois nota-se que, dentro das tradições que remetem à estrutura da carta, há outras redes de tradições como as formas fixas encontradas na saudação”. Dessa forma, vocativos como “Minha Babona” revelam, para além de maior intimidade entre marido e esposa, uma TD no tratamento do convívio íntimo entre esse casal. “Meu amor” também se situa entre as TDs que exprimem maior intimidade e afeto; em contrapartida, o vocativo “Querido” revela um tratamento mais respeitoso existente entre o casal de noivos. Já os diminutivos “Aurorinha”, “santinha” e “queridinha” indicam um sinal de

carinho por parte dos escreventes. Por sua vez, “My dear Princess”, além de revelar alguma peculiaridade na correspondência entre os interlocutores, toma a função de um galanteio ou corte por parte do autor para com a destinatária, uma possível pretendente. No campo da Avaliatividade, podemos notar, na CM04, um atributo (adorada), situado no subsistema Atitude, no campo do afeto, revelando os sentimentos de estima em relação à interlocutora.

A *captação de benevolência* no início do texto é outro elemento que dá indícios da relação estabelecida entre os amantes. O escrevente da CM05, por ter como destinatária uma pretendente, opta por manter certo distanciamento evidenciado nos termos que denotam afetividade e cortejo. Já o escrevente da CM07 e CM09 prefere confirmar o recebimento de mensagens anteriores ou iniciar já com o corpo da carta, mas com marcas explícitas de romantismo e de afetividade expressas, por exemplo, na hipérbole “coração cheio de alegria” e no emprego do diminutivo em “cartinha”, ambos posicionados no campo do afeto, no subsistema Atitude.

123. Para todos vocês, principalmente você, | meu cumprimento muito cordial. (CM05)

124. É com o coração cheio das maiores alegria | Que venho por meio desta simples pala-|vra responder a tua cartinha (CM07)

125. Querida e com o coração cheio de alegria que respondo | a tua amorosa cartinha que me alegrou (CM09)

No que se refere às avaliações nas sessões de contato inicial das cartas de amor, constatamos que, no subsistema Gradação, os significados da Atitude e do Engajamento são acentuados ou atenuados. No excerto 123, “muito” intensifica a cordialidade do cumprimento; em 124, “maiores” acentua o significado experiencial da avaliação do campo da felicidade, na esfera do Afeto; logo, “simples” atenua o significado de “palavra”, de acordo com a intensão do escrevente de assingelar sua carta. No fragmento 125, os termos em destaque adequam-se ao campo Afeto, nas variáveis felicidade e satisfação.

6.2 NÚCLEO DAS CARTAS

Podemos afirmar, com base no núcleo dos textos, que as cartas de amor são as que mais estão carregadas de subjetividade. Silva (2002, p. 157) afirma que o trabalho subjetivo do escrevente se reflete “na construção do texto, na própria organização dos enunciados”. De fato, todas as nossas missivas de amor trazem uma rica bagagem de expressões subjetivas, carregadas de emotividade, através das quais se pode facilmente indicar o tipo de relação existente entre os interlocutores. Por muitas vezes, escreventes produzem cartas de amor simplesmente para afirmar ou consolidar o sentimento pelo destinatário. Nesse sentido, a carta de amor se assemelha à conversa espontânea, uma vez que os temas podem se mesclar naturalmente no corpo da carta. A Carta 23 nos fornece exemplos tanto do caráter desprezioso do tema, quanto da progressão temática espontânea²⁰:

126. N tu não sabe quanto eu sinto esta tão grande | auzencia
que mi vejo de ti porque quando eu imagino | a pessoa que eu
mais amos na minha vida [inint.] | desta ver si posso da uma so
palavra i não posso | contempra a tua linda face, mais eu mi
conforto | em Deus, sabendo que um dia si Deus permiti não |
possa viver em união com tigo não é, sim N| nu dia que eu vir si
lar assim que eu cheguei eu esqrevi | a carta demorou a chega na
sua mão. Porque o atraso | foi do correio agora voce demorou a
responde | a minha carta que eu pegava as tuas carta mais | velha
e lia e relia mi lembrado di voce até | um dia chegou tua linda
cartinha e meu coração | abrisse as tuas palavras entrou e eu
fiquei | confortado; N vose disse que uma linha que eu |
escrevesse ti confortava não é. E eu te digo | que mi alegre já
com uma lembrança já (CM09)

²⁰ Koch (2002, p. 121) afirma que a progressão textual por continuidade temática “diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem, entre os segmentos do texto (enunciados, partes de enunciados, parágrafos e mesmos sequências textuais) diversos tipos de relações semânticas e/ou pragmático-discursivas, à medida que se faz o texto progredir”. In KOCH, Ingedore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

Por ser uma seção de natureza livre, o corpo das cartas de amor apresenta-se bastante variado em relação aos conteúdos. Na correspondência supracitada, bem como em outras cartas trocadas pelo mesmo casal, podemos perceber que há perguntas sobre se o correspondente está bem, como está a família, pedidos de orações, demonstração de sentimentos, entre outros assuntos (COSTA et al, 2017). “Desse modo, constatou-se que há uma regularidade de assunto entre esses dois interlocutores que alimentam a intimidade enquanto noivos, aproximando as distâncias físicas que há entre eles” (COSTA et al, *op. cit.*, p. 10). Em relação ao posicionamento do escrevente, no campo avaliativo do Engajamento, verificamos que a repetição do nome da interlocutora (representado, aqui, pela primeira letra), usado como vocativo, ajuda a manter a progressão textual, sendo usado como recurso através do qual o autor simula a espontaneidade de uma conversação, como forma de aproximação entre eles. Ainda relativo ao Engajamento, notamos que o “não é”, marca da oralidade no texto, contribui para o estabelecimento da heteroglossia no núcleo da carta, uma vez que esse tipo de marca auxilia na “manutenção do relacionamento à distância entre o casal, estabelecendo a intimidade através da expressividade emocional entre os escreventes” (COSTA et al, 2017, p. 10). De modo semelhante, o acionamento de mensagens anteriormente permutadas, por meio de processos verbais, mantém o diálogo não somente entre o casal, mas também entre o que foi dito em outras cartas. Podemos, ainda, perceber marcas da oralidade que mantêm a função dialógica da carta em:

127. Sim eu recebi sua Cartinha| Au qual fiquei Muito alegre e satisfeito em sab-|er que tu a inda si lembrou di Mim, Sim N. eu | Disse qeu ia a gora em natal Mais não e possível eu| a tempo que tinha dito au gerente que qeuria 8 | dias di licencia a gora em Natal e ele a frimou| qeu sim, e a gora ele disse qeu eu não podia ir eu | fui au dono mesmo é ele não deixou disse qeu| a gora tinha muito Serviso é eu so podia ir | depois das festas, voser saber amor qeum e Cativo| não não pode fazer tudo que qeur não é.?| Olha N. eu tava Com tanta vontade di ir passa as| festas Com vocer so Deus sabe a dor do meu Co-|ração em não poder ti ver, mais isso e a sim| mesmo não é? Olha eu ha[v]ia passa 8 dias a ir. 3 dias| em Condado é 5 a ir Com Voser a creditar tu isto, | eu

estou falando Com touda pureza da minha| diante di Deus, olhe
minha qeurida eu| espero em Deus que voser goze um feliz
 Natal| e um feliz ano novo, fico auzente di ti mais ora-|ndo por ti
 nas minhas oraçãois e espero de ti|| <Vire amozinho >|| [fol.1v]
 Iguarmente nas tuas [o]raçãois esta ouvindo. (CM12)

Na correspondência supracitada, podemos notar claramente o caráter de “conversa espontânea” que a carta de amor proporciona ao casal. Além das várias recomendações, podemos verificar uma das características essenciais do gênero carta pessoal, especialmente nos séculos passados, a resposta idealizada a uma pergunta feita direta ou indiretamente no núcleo do texto.

Verificamos, na CM01, que vida e literatura se misturam entre as palavras, através de metáforas e do disfemismo percebido no texto, dentre outras figuras de linguagem empregadas, que expressam paixão e uma forte intimidade do marido para com sua esposa. Alguns dos elementos composicionais tradicionais da carta, como o vocativo e a captação de benevolência não estão presentes nessa missiva, que é composta por declarações amorosas e íntimas do casal.

128. Recife, 2 de Novembro de 1908

Estou preso, ap- | proxima-te da gaiola. Quero, não | beliscar teu
dedo | como teu vivio; | quero beijar –te | nos seios, nos | olhos,
 na boc- | ca, quero beijar- | te loucamente, furiosa | mente, como
 | quem deseja sorver-te em bei- | jos e em bei- | jos finar-se com-
 [fol. 1v] tigo. || Não tenhas medo, | minha febre não | é
 paludismo, é lou- | cura por ti. || Vem ver-me | e olhar muito |
 para mim. || Não te esque- | ças de que é com | as linhas de teus
 braços e com a | cor de teus olhos | que minha alma | vai todos os
 dias | desenhando o seu ide- | al.

Arthur Orlando

(CM01)

No texto transcrito, é possível notar a grande quantidade de simbolismo e metáforas usadas pelo autor, que se compara a um pássaro que, doente de amor, espera pelo olhar e cuidados de sua amada, convidando-a a “aproximar-se da gaiola”. Destacamos, na carta, dois trechos que podemos situar no subsistema Engajamento; inicialmente, o autor utiliza uma estratégia de refutação: ao se comparar a um pássaro, ele rejeita a ideia de beliscar o dedo da mulher. Mais adiante, Arthur Orlando também refuta a ideia de que sua febre, causada por loucura romântica, venha a ser alguma doença grave, o que poderia causar certo medo na interlocutora. Por fim, “muito”, é um recurso léxico usado para intensificar o desejo do autor, estando, portanto, no subsistema Gradação.

Em relação às TDs encontradas nos textos, observamos modos de dizer recorrentes, não apenas em relações amorosas, mas também no convívio familiar, como visto anteriormente. Expressões no diminutivo com conotação afetiva, adjetivos qualificadores e um tom saudosista fazem parte desse tipo de carta, devido à proximidade dos interlocutores e à relação simétrica estabelecida pelo casal.

129. Portanto, | minha bonequinha, passarei entre 7 e 20 e 7 ½ .
(CM04)

130. Lamentei não ter sua | AGRADAVEL companhia para a volta. (CM05)

131. Z. se fôr verdade | o Que você manda dizer-me em tua|
cartinha eu poderia considerar-me | Feliz (CM07)

132. Queridinho paz do Senhor || Z. ao faser esta é | parar diser-
te que recebi a | sua cartinha e fiquei alegre | apesar de ter sido
pequena (CM20)

Em conformidade com Costa et al (2017, p. 10), nas cartas de amor, é comum um “estabelecimento ocorre através da consolidação do contato, servindo para a manutenção do relacionamento à distância entre o casal, estabelecendo a intimidade através da expressividade emocional entre os escreventes”. Essa expressividade emocional – que pode ser considerada como uma TD peculiar ao subgênero e está situada no eixo do afeto, no subsistema Atitude – pode ser constatada nos fragmentos que seguem:

130. N. tu não saber quanto eu sinto esta tão grande| auzencia que mi vejo di ti porque quando eu imagino| A pessoa que mais amos na minha vida [inint.] a causa na| Vista ver ai posso dar uma so palavra e não posso| Contempra a tua linda face. (CM09)

131. | Ao pegar na pena é para responder| a tua amavel cartinha com a qual| fiquei muinto alegre em saber que você| ainda se lembra de mim em ver tanbem| as tuas palavra tão amorosa. (CM13)

132. Z. Pelas saudades que tenho | de ti sou esforcada pegar na minha | farca pena para darte minhas noticia (CM16)

É importante discorrermos sobre a transposição de elementos da modalidade falada para a modalidade escrita, principalmente nas correspondências trocadas entre N e Z. É possível ponderarmos que essas marcas da oralidade constituem um fenômeno que contribui para que haja mais ocorrências de desvios gramáticos. Desse modo, tratamos de um indicativo do nível elementar de escolaridade dos interlocutores, uma vez que evidencia pouca intimidade com textos escritos (LOPES; ALMEIDA, 2013). Mesmo não sendo esse o intuito de nossa abordagem, percebemos que alguns dos desvios grafemáticos observáveis nas cartas desse casal, bem como algumas segmentações e/ou junções de sílabas ou palavras podem ser justificados por certa insegurança em relação ao sistema ortográfico vigente e à prática de uma escrita que, de certa forma, é fonética. Verificamos, também, casos que indicam uma aquisição irregular de escrita por parte dos interlocutores e algumas marcas da pronúncia refletidas na escrita (SILVA, 2017). Observemos, agora, os eixos de avaliação no corpo da correspondência seguinte:

133. Espera-me, sim? | Ainda: Querendo eu aproveitar toda a tarde do dia de amanhã, peço-te | que estejas á minha espera, não ás 4 ½ comforme houveste deliberado, | e sim ás 5 e 40. || Terça-

feira proxima, então, responderei a tua cartinha, de hontem, que, | segundo meu modo de vêr e os conceitos nella omittidos, será da | minha franca e fiel resposta que resultara a tua cathegorica decisão | a effectivação da minha maior felcidade: || Têr-te como minha esposa adorada.

No fragmento em questão, podemos observar, no âmbito do Engajamento, que “peço-te” está relacionado ao pronunciamento, no qual a voz autoral dá ênfase a algo; “conforme houveste deliberado” é uma estratégia de distanciamento usada pelo escrevente para afastar-se da ideia posta, no caso, do horário do encontro do casal, proposta pela interlocutora; “sim?”, além de ser – como vimos anteriormente – uma marca de oralidade usada para manter o tom dialógico texto, funciona como tática de ratificação, limitando as alternativas dialógicas no campo da confirmação de expectativa. “Franca e fiel” e “cathegorica” são escolhas do escrevente no campo do julgamento, no subsistema Atitude, funcionando como avaliações dos elementos que os acompanham, envolvendo o comportamento humano. No subsistema Gradação, percebemos que o elemento “maior” intensifica o significado experiencial de felicidade, que, por sua vez, faz parte de uma avaliação de Atitude, no afeto.

6.3 SEÇÃO DE DESPEDIDA

Nas cartas de amor, é bastante comum a presença de captação de benevolência no final dos textos, como um tipo de conformação do sentimento e tratamento estabelecido no início e mantido no corpo da correspondência, como podemos ver nos trechos que seguem:

134. Vou termina|| [espaço] Ficando nas maiores| [espaço] auzencias de tua pessoa| (CM06)

135. Vou terminar | para não ti enfadar. || Nada mais quem tanto te ama || Tua fiel noiva. (CM16)

Na captação de benevolência ao final do texto, notamos a manutenção da relação mantida no início do texto: o escrevente da CM05 mantém o mesmo tom cerimonioso e amistoso que estabeleceu inicialmente; e o escrevente das cartas 8 e 9 utiliza os mesmos termos que indicam sua relação amorosa com sua noiva.

136. || Aqui termino renovando meu cumprimento | **extensivo** a todos vocês. (CM05)

137. Eu envio a paz a tia i a Vivi| E **muitas** recordação di toudas| Em brevis dias eis di vertis| [Deus] ti ama fim (CM08)

138. Bem meu amor aqui fica quem ti ama| nas **maiores** auzencia envio a paz a tia xis e a Vivi| E **muitas** recordação fim (CM09)

Destacamos, nos fragmentos anteriores, ocorrências de avaliações no subsistema Gradação; em ambos os casos, os escreventes intensificam significados relacionados ao afeto em suas despedidas. Tais declarações de afeto podem ser consideradas como uma TD nas cartas de amor, tamanha sua recorrência. Os excertos que seguem exemplificam essa recorrência, em comparação com os outros dois subgêneros anteriormente abordados.

139. Tambem só| sinto que vi-| vo pela sau-|dade que me | faz chorar, | lembrando de | todas vocês (CM03)

140. Até amanhã minha noivinha. Não esquece o louco amor do teu, só | teu

Nelsinho

P.S. Meu amor: onde está escripto “nella omittidos,” leia-se “nella emittido.” || Mais saudades do

Nelsito (CM04)

141. Nada mas só com nossa| presença|| tua fiel noiva que
tanto te| ama. (CM13)
142. um abraço em todos seus filhinhos e | me escreva já.
Sua irmã e amiga (CF02)
143. Deus abençoe a todos!|| São os votos pollidos do pequeno
amigo. (CA07)

Com base nos fragmentos supramencionados, podemos concluir que esse tipo de saudação final é parte constituinte da maioria das cartas desse subgênero, que, em comparação com as cartas de família e de amigo, apresenta notadamente mais construções com esse nível de subjetividade. Destacamos, nos trechos, expressões relacionadas com o vocativo e com a identificação do escrevente. Assim, essas expressões podem simbolizar a estima e uma reafirmação da relação existente, e persistente, entre os dois amantes (SILVA, 2017).

No que concerne às TD encontradas no subgênero, tanto na abertura como no fechamento das cartas, nossos informantes não ilustres nos apresentam uma tradição advinda da oralidade: a saudação de base religiosa. Saudar algum correligionário desejando-lhe a paz do Senhor é uma tradição nas igrejas evangélicas brasileiras (CORREIA JÚNIOR, 2005). Podemos perceber que saudações dessa categoria ocupam o lugar de saudações cotidianas tradicionais, como o bom dia, por exemplo. Por meio do uso desse tipo de saudação, o produtor do ato comunicativo evidencia, então, sua orientação religiosa (SILVA, 2017). Dessa forma, as correspondências amorosas escritas por N e Z contêm essa marca recorrente de saudação, em meio a outros elementos de situados na região do afeto, a exemplo dos vocativos “queridinho” e “queridinha”:

144. Querido Z paz do senhor (CM07)
145. Eu envio a paz a tia i a Vivi (CM08)
146. Bem meu amor aqui fica quem ti ama| nas maiores
auzencia envio a paz a tia xis e a Vivi (CM09)
147. Querida N . a Paz do Senhor (CM11)
148. Qeuridinha N. a paz do Senhor (CM12)
149. || Mamãe e v.| envia a paz (CN14)
150. Eu e mamãe envian a paz a| todos dair a seu tio e a sua tia
b. (CM15)

151. todos daqui enviam a paz (CM16)

152. Queridinha N . A paz| [espaço] Do Senhor (CM19)

Estamos lidando com expressões elípticas. Historicamente, é cabível afirmar que essa saudação sofreu supressões de elementos, uma vez que é provável que se dissesse inicialmente algo como *saúdo-lhe com a paz do Senhor* ou *desejo-lhe a paz do Senhor*. Em conformidade com Kabatek (2006), consideramos que, quanto maior a frequência no uso de uma TD, maior a probabilidade dessa TD sofrer algum processo que culmine na perda de elementos. Nesse sentido, o uso dessas saudações como atos de fala configura-se como TD na medida em que, de acordo com Kabatek (2006), é seguida uma tradição que vai além das regras da língua, ou, muitas vezes, até mesmo vai de encontro a tais regras. A saudação religiosa é, portanto, um modo tradicional de dizer que se estabelece como TD consoante a relação histórica com algo que já foi dito anteriormente. Indo além do posto de simples saudação, a configuração desses enunciados como TD implica que eles aludem à tradição dessa saudação, sendo relacionados com atos linguísticos que relacionam o texto com a realidade e também o relacionam com outros textos pertencentes à mesma tradição (SILVA, 2017).

O fato de essa parcela de nossos escreventes ser de pessoas comuns, não ilustres, com nível de letramento baixo, fez com que se evidenciassem tradições discursivas (a saudação de cunho religioso, por exemplo) e recursos linguístico-discursivos (como os marcadores conversacionais, por exemplo) que talvez não pudessem ser vistos em outras missivas escritas e/ou recebidas por pessoas ilustres. Ainda assim, notamos que o teor altamente afetivo, subjetivo – por muitas vezes metafórico – e íntimo das cartas de amor pode ser percebido em todas as amostras desse subgênero, assumindo a forma de característica geral dele.

Assim, é possível contrastar as cartas de amor em relação aos outros subgêneros da carta pessoal. É notório que a correspondência amorosa é a que mais carrega traços subjetivos e afetivos, especialmente se compararmos aos outros subgêneros. Apesar disso, as cartas de família e de amigo apresentam mais conteúdos relacionados às avaliações, ao engajamento e posicionamento da voz autoral, particularmente por geralmente conterem uma quantidade maior de pedidos e recomendações. Os quadros 5 e 6 sintetizam os três subgêneros do ponto de vista dos elementos composicionais que podem ser caracterizados como TD e dos diversos eixos de avaliação nos textos.

	Cartas de amigo	Cartas de família	Cartas de amor
Vocativo	Menos afetuoso	Mais afetuoso	Íntimo e afetuoso
Captação de benevolência	Menos frequente	Mais frequente	Frequente
Pedidos e recomendações	Frequente	Frequente	Menos frequente
Teor mais próximo à formalidade	Na maioria das cartas	Em poucas cartas	Não
Teor afetuoso	Em poucas cartas	Na maioria das cartas	Majoritariamente

Quadro 6: síntese dos subgêneros do ponto de vista das TDs.

		Cartas de amigo	Cartas de família	Cartas de amor
Atitude	Afeto	Menos frequente	Mais frequente	Mais frequente
	Julgamento	Estima e sanção social	Estima social	Estima social
	Apreciação	Mais frequente	Menos frequente	Menos frequente

Engajamento	Contração dialógica	Sim	Sim	Não
	Expansão dialógica	Sim	Sim	Não
Gradação	Força	Sim	Sim	Sim
	Foco	Sim	Sim	Sim

Quadro 7: síntese dos subgêneros do ponto de vista do Sistema de Avaliatividade.

Como é possível constatar, no eixo das TDs, os traços caracterizantes de cada subgênero estão relacionados à relação existente entre escrevente e destinatário: se a relação for mais íntima e afetuosa, maior é a probabilidade de ocorrência de TDs que efetivem tal relação; esses traços são mais frequentes nas seções de abertura e fechamento das correspondências, mas podem perpassar também o núcleo do texto. Já do ponto de vista do Sistema de Avaliatividade, as características que identificam cada subgênero estão ligadas à finalidade de cada carta, que motiva o escrevente a utilizar recursos léxico-gramaticais vinculados a determinado(s) subsistema(s). Os critérios de poder e solidariedade conduzem essa relação, uma vez que o escrevente necessita optar por determinadas formas linguísticas distintas nos casos de relações assimétricas ascendentes/descendentes. O ponto de vista do escrevente transparece no núcleo dos textos na medida em que é necessário recorrer a estratégias para a realização de pedidos, recomendações, conselhos etc.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por efetivar um contato privado (NOVAES, 2006), a carta pessoal é pautada pela espontaneidade, motivada pelo contato próximo entre os interlocutores. Desse modo, “as cartas pessoais são como “conversas escritas”, principalmente pela temática coloquial” (SOUSA, 2012, p. 59). As correspondências pessoais, de modo geral, carregam uma intimidade entre seus interlocutores. Essa intimidade manifesta-se através dos recursos linguístico-discursivos utilizados. O agenciamento dos recursos linguísticos – seleção lexical, estruturação sintática –, a disposição de algumas informações, a escolha de estratégias de polidez ou interativas traduzem singularidade e individualidade do escrevente (SILVA, 2002, p. 157), além de evidenciar a relação estabelecida, conforme o subgênero.

Nesse contexto, nossa discussão sobre gêneros textuais embasou-se, inicialmente, no entendimento de gênero como “práticas discursivas decorrentes das diversas funções e situações em que a linguagem é utilizada” (SOUSA, 2012, p. 58). Assim, considerando que “todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação” (BAKHTIN, 1997, p.301), alguns dos elementos constituintes da carta pessoal seguem um padrão composicional recorrente em todos os subgêneros de carta que circulam em diferentes domínios sociais, decorrentes do caráter formulaico do gênero, consoante Nascimento e Espíndola (2008).

Assim, a correspondência pessoal pode ser caracterizada como gênero textual, cujo movimento de transformação e de autonomia constitui o acervo textual. Nesse panorama, o conceito de hipergênero como rótulo que permite a organização de diferentes conteúdos (MAINGUENEAU, 2005) é essencial para que possamos compreender a correspondência epistolar como gênero “guarda-chuva”, que abriga, nesse contexto, dois gêneros basilares: a carta pessoal e a carta comercial. Esses dois gêneros subdividem-se, pois, numa gama de subgêneros, configurados de acordo com a relação entre escrevente e leitor e propósito comunicativo de cada texto. No caso específico das cartas pessoais, vimos que os três principais subgêneros são as cartas de família, de amigo e de amor, distintas entre si devido a uma série de características

próprias de cada subgênero, que podem ser definidas, também, através dos parâmetros de poder e solidariedade que permeiam as relações humanas.

O referencial teórico selecionado mostrou-se de extrema relevância à análise, uma vez que foi possível compreendermos, à luz dos modelos de análise das TDs e da LSF, como se desenvolvem cada um dos três subgêneros abordados, que se adequam aos conceitos de gênero que desempenha uma atividade principal (BAZERMAN, 2005). Apoiamo-nos no pressuposto de que as classificações de um gênero são necessárias dentro do seu processo de análise, “entretanto não são definitivas e nem correspondem ao fim de uma abordagem” (GOMES, 2007, p. 106). Desse modo, com suas especificidades, cada subgênero apresenta, de acordo com os resultados de nossa análise, traços específicos que remetem à maior ou menor intimidade entre os sujeitos, bem como marcas recorrentes, que aparecem, sobretudo, nos vocativos e despedidas, evidenciando as relações estabelecidas (SILVA; GOMES, 2017).

Nas cartas de amigo, observamos que a existência de TDs – como as encontradas na seção de despedida e verbos no imperativo –, aliadas a estratégias linguístico-discursivas, contribuem para o estabelecimento de um tratamento até certo ponto cerimonioso, marca que se tornou, em nosso *corpus*, uma das características centrais do subgênero. Apesar desse tom que se aproxima à formalidade, foi verificado que alguns dos interlocutores mantiveram uma relação de proximidade. Diversos foram os elementos textuais empregados para refletir as relações assimétricas ascendentes e descendentes, de acordo com a finalidade de cada carta. Nesse ponto, podemos constatar, à luz do Sistema de Avaliabilidade, a variedade de formas através das quais a finalidade da carta é expressa e o posicionamento do autor é revelado, a partir do subsistema Engajamento, que determina a voz do autor em meio a outras vozes e pontos de vista que podem surgir no texto (SANTOS, 2015). Em relação ao subsistema Atitude, podemos afirmar que, com base nas diversas relações contidas no *corpus*, as cartas de amigo concentram avaliações nos eixos do julgamento e apreciação; o afeto, nesse contexto, é bastante reduzido.

Já as cartas de família apresentam marcas que expressam maior afetividade e intimidade entre os interlocutores. As tradições discursivas encontradas (tais como os diminutivos e adjetivos que atribuem qualidade) deixam clara essa intimidade. Nessas cartas, já é possível notarmos a presença de expressões localizadas na região do afeto,

que, juntamente com a apreciação e o julgamento, compõe o subsistema Atitude no âmbito da Avaliatividade. Verificamos também que o julgamento se fez presente nesse grupo, no que diz respeito às avaliações que envolvem o comportamento humano. Nas cartas de família foi possível localizarmos, no subsistema Engajamento, em alguns dos textos, traços de argumentação por meio dos quais o(s) autor(es) explicitam seu ponto de vista e/ou tentam persuadir o leitor. Esse subgênero, em nossa análise, apresentou relações assimétricas ascendentes e descendentes, havendo também simetria no contato entre irmãs. A figura feminina se fez presente nesse grupo, constituindo a maior parte dos escreventes/receptores.

Um dos maiores diferenciais das cartas de amor analisadas foi o fato de a maioria das correspondências do *corpus* ter sido trocada entre pessoas comuns, não ilustres, com nível de letramento baixo, o que evidenciou tradições discursivas (a saudação de cunho religioso, por exemplo) e recursos linguístico-discursivos (como os marcadores conversacionais, por exemplo) que antes não tinham sido vistos nos outros subgrupos. Previsivelmente, nesse grupo, no eixo da Atitude, o afeto se faz mais presente, estando a apreciação e o julgamento minimizados na análise dos nossos textos. O Engajamento se faz presente, majoritariamente, no que envolve a alusão a correspondências anteriores e no firmamento de determinados tipos de acordos entre os casais. Como nos outros subgêneros, o subsistema Gradação potencializa ou reduz os significados dos outros dois subsistemas; porém, nesse subgênero, vemos a Gradação associada ao tom demasiado sentimentalista e por muitas vezes poético das declarações de afeto entre os casais. As cartas de amor apresentam relações simétricas, devido ao alto nível de intimidade entre os interlocutores.

Acreditamos, portanto, que a caracterização dos subgêneros da carta pessoal auxilia, hoje, na identificação dessas características em textos escritos na atualidade, com o advento dos gêneros digitais e de novas formas de comunicação. Consideramos, para isso, que os gêneros passam por processos de adaptação e simplificação (PESSOA, 2002) que os modificam e originam outros gêneros que correspondem aos mesmos propósitos comunicativos. Uma vez que o hipergênero carta é tido como um gênero inicial, *mãe* da maioria dos gêneros textuais, um estudo dessas particularidades da carta pessoal, naturalmente, implica numa análise que permita uma melhor compreensão dos gêneros textuais que, hoje, desempenham a função substancial que a carta desempenhou durante quase toda a história da humanidade: aproximar pessoas.

De tal forma, refletimos acerca de uma temática pouco explorada. Poucos são os pesquisadores que se debruçam sobre a categorização das cartas pessoais, preferindo rotulá-las genericamente e manter o contraste com as cartas comerciais. Esperamos que investigações vindouras sigam essa linha de pesquisa na caracterização dos subgêneros. Limitamo-nos, neste artigo, ao enfoque nas TDs no que diz respeito aos traços linguístico-discursivos e no Sistema de Avaliatividade como auxiliar para a categorização de três subgêneros para a correspondência pessoal no século XX, mas isso não nos impede de reconhecer que os parâmetros adotados para a análise do *corpus* constituem apenas uma das possibilidades de abordagem de subgêneros para a carta pessoal.

Assim, reconhecemos que a quantidade de elementos presentes nas cartas pessoais é grande e pode fornecer subsídios a uma infinidade de pesquisas. O recorte do *corpus* selecionado revelou dados importantes. Entretanto, acreditamos que outro recorte certamente pode deixar transparecer outros dados não contemplados por essa pesquisa. Entre tais dados, consideramos que pesquisas futuras possam abordar a existência de outros subgêneros na carta pessoal, além dos três aqui identificados. Uma vez que os gêneros textuais são tão diversificados quanto as relações humanas, uma análise minuciosa de outro recorte temporal pode revelar outros subgêneros que aqui não foram considerados. Nesse sentido, acreditamos que muito ainda há por fazer.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. S. D. P. Atitude: afeto, julgamento e apreciação. In: VIAN JR, O.; ALMEIDA, F. A. S. D. P. (Orgs.). **A linguagem da avaliação em língua portuguesa**. Estudos sistêmico-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade. 1. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

ARAÚJO, K. D. S. . Gêneros e prática de análise linguística: estratégias de diálogo. In: Maria Augusta Reinaldo; Beth Marcuschi; Angela Dionisio. (Org.). **Gêneros textuais: práticas de pesquisa e práticas de ensino**. 1ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, v. , p. 157-178.

ASSIS, M. C. O conceito de tradições discursivas aplicado a estudos em linguística histórica. In: VI congresso internacional da Abralín. 2009, João pessoa. **Anais do VI congresso internacional da Abralín**. João pessoa: Ideia, 2009. V. II. p. 3823-3861.

ATAÍDE, C. A. **Da esquerda para direita**: descrição e uso das cláusulas VS em textos pernambucanos dos séculos XVIII, XIX e XX. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba. 2013.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 277-326.

BAKOS, M. M. . Deir el Medina: cartas veladas pelas areias.. In: **Diálogos com o mundo faraônico**. Rio Grande: Editora da FURG - Universidade Federal do Rio Grande, 2010. v. 1. p. 113-129.

BALDO, Alessandra. Gêneros discursivos ou tipologias textuais?. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. V. 2, n. 2, março de 2004

BARBOSA, Afranio G. . Tradição Discursiva e Tratamento de CORPORA históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO,

Tânia; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; ALMEIDA, Ariadne; RIBEIRO, Silvana. (Org.). **ROSAE**: Linguística Histórica, história da língua e outras histórias. 1ed.Salvador: EDUFBA, 2012, v. 1, p. 589-606.

BARBOSA, M. R. S. A. **Conte uma história**: um estudo de gênero na escola sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2009. 187 p.

BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. Tradução: Benedito Gomes Bezerra. 1. ed. são Paulo: Parábola, 2013.

BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, Tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEZERRA, B. G. **Gêneros no contexto brasileiro**: questões [meta]teóricas e conceituais. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

BONINI, A. . A relação entre prática social e gênero textual: questão de pesquisa e ensino. **Verebas** (UFJF) , v. 11, p. 1-21, 2007.

BROWN, P e LEVINSON, S (1987). **Politeness**. Some Universals in Language Use. Cambridge: Cambridge University Press.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEEK, T. A. **Style in Language**. Massachusetts: Ed. MIT Press, 1960, p. 253-276.

CASTILHO DA COSTA, Alessandra. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de

Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRRN, 2012.

CAVALCANTI, Carolina e GOMES, Valéria. O editorial no jornal O Carapuceiro e a transposição para o ensino. **Revista Encontros de Vista**, Edição JAN / JUN – 2013.

CONDE SILVESTRE, J. C. **Sociolinguística histórica**. Madrid: Gredos, 2007.

CORRÊA, M. L. Relações intergenéricas na análise indiciária de textos escritos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 45, n. 2, p. 205-224, 2006.

COSERIU, Eugênio. **Teoria da linguagem e Linguística geral**. Trad. Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1979.

_____. **Linguística del texto**. Introducción a la hermenéutica del sentido (édition et annotation d'Oscar Loureda Lamas). Madrid: Arco/Libros, 2007.

COSTA, E. C. C.; SILVA, C. R. T. ; GOMES, V. S. . Marcas da oralidade na carta pessoal: apontando traços de tradição no discurso. In: IV SINALGE - Simpósio Nacional de Linguagens e Gêneros Textuais, 2017, Campina Grande, PB. **Anais IV SINALGE**. Campina Grande: Realize, 2017. v. 1.

COSTA, S. G. Cartas dos leitores: gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal O Dia. **Soletras** – Revista do Departamento de Letras da UERJ. N. 10, 2005, p. 28-41.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, M. A. F; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. São Paulo: Cortez, 2011.

DELL'ISOLA, R. L. P. Produção de gêneros escritos no exame de proficiência de língua portuguesa para estrangeiros. In: **Revista Multidisciplinar Acadêmica Vozes dos Vales** – UFVJM – MG – Brasil – Nº 04 – Ano II – 10/2013, pp. 1-13.

DIAS, M. P. L. Gêneros textuais na prática de ensino no ensino fundamental e médio. In: CRISTÓVÃO, V. L. L.; NASCIMENTO, E. L. (Orgs.). **Gêneros textuais: teoria e prática**. Londrina: Moriá, 2004.

EGGINS, S. & MARTIN, J.R.. Genres and registers of discourse. In: VAN DIJK, T. A. (ed.): **Discourse studies: a multidisciplinary introduction**. v. 1: Discourse as structure and process. London: Sage Publications, 1997. p. 230-256. IN: GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n 24, jan/jun. 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FERREIRA, M. A. Para gêneros discursivos: Linguística sistêmico-Funcional. **Linguagem e Diálogos**, v. 1, n.1, p. 69-81, 2010.

FIGUEIREDO, J. P. B. **O gênero do discurso carta como ferramenta didático-pedagógica para o ensino de língua portuguesa**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Puc-SP, 2013. 112 p.

GERMANO, M. S. P. **O sistema de transitividade de Halliday: aplicação a “I Spy” de Graham Greene**. Revista de Letras, n. 19 – jan./dez. 1997, p. 68-76.

GODOY, A. S. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, p. 20-29, Mai/Jun 1995.

GOMES, Valéria S. **Traços de mudança e de permanência em Editoriais de Jornais pernambucanos da forma ao sentido**. Tese de Doutorado apresentada à Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GOMES, Valéria S.; LOPES, Célia R. dos Santos. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 24, p. 137, 2016.

GOUVEIA, C. A. M. Texto e Gramática: uma introdução à linguística sistêmico-funcional. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.16, n 24, jan/jun. 2009.

GUEDES, M. & BERLINK, R. de A. (ed.). **E os preços eram commodos** – Anúncios de jornais brasileiros século XIX. São Paulo: Humanitas, 2000.

GUILLÉN, Claudio. **Al borde de la literariedad** : literatura y epistolaridad. Tropolías, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to funcional grammar**. London: Edward Arnold, 1985. In: SANTOS, Z. B. A linguística sistêmico-funcional: algumas considerações. **Só Letras** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ. Número 28 – p 164 a 181, jul-dez 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to funcional grammar**. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994. In: SANTOS, Z. B. A linguística sistêmico-funcional: algumas considerações. **Só Letras** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ. Número 28 – p 164 a 181, jul-dez 2014.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Halliday's introduction to funcional grammar**. 4ª. ed. New York: Routledge, 2014. In: SANTOS, H. N. **O ofício cordial: análise sistêmico-funcional de gêneros da redação oficial**. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade de Brasília. 2015.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KABATEK, J. **Tradições discursivas e mudança linguística**. In: Lobo, T; Ribeiro, I.; Carneiro, Z.; Almeida, N. (Orgs.) Para a história do português brasileiro. Salvador, EDUFBA, tomo II, 2006.

_____. **Tradiciones Discursivas y Cambio Lingüístico**. Fundación Duques de Soria. Seminário de História da Língua Espanhola “El cambio lingüístico na historia

española. Nuevas perspectivas”. Soria, Del 7 a 11 de Julio de 2003

_____. Tradição discursiva e gênero. In LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 579-588.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, P.; OESTERREICHER, W. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Language. In: _____. **Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano**. Madrid; Editorial Gredos, 2007, pp. 20-42.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik”. In: Barbara Frank/Thomas Haye/Doris Tophinke (Hrsg.), **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**, Tübingen: Narr 1997 (ScriptOralia, 99), 1997, 43-79.

_____. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik”. In: Barbara Frank/Thomas Haye/Doris Tophinke (Hrsg.), **Gattungen mittelalterlicher Schriftlichkeit**, Tübingen: Narr 1997 (ScriptOralia, 99), 1997, 43-79.

_____. **Urkunde, Brief und öffentliche Rede**. Eine diskurstraditionelle Filiation im Medienwechsel, *Das Mittelalter* 3, 1998, 13-44.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1982. In: MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia . *Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da língua(s)*. **Linguística** (Porto) , v. 3, p. 39-53, 2008.

LIMA, M. S. A.. Textos opinativos: transitividade e padronização gramatical. In: **Anais do VI Simpósio Internacional de Estudos dos Gêneros Textuais**. Natal, 2011.

LISPECTOR, C. **Minhas queridas**. MONTERO, T. (org.). Rio de Janeiro: Rocco,

2007.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo, 2014.

LOPES, C. R. S. ; Almeida, E . **O perfil sociolinguístico de um casal não ilustre**: uma análise grafemática através da edição de cartas particulares. *Confluência* (Rio de Janeiro) , v. 43, p. 78-104, 2013.

LOPES, C. R. dos S. **Tradição Discursiva e Mudança no Sistema de Tratamento**: definindo perfis comportamentais no início do século XX em cartas do RJ. *Revista Alfa*, São Paulo, 55 (2): 361-392, 2011.

_____. Tradição Textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas”. In: Marco Antonio Martins e Maria Alice Tavares. (Org.). **História do Português brasileiro no Rio Grande do Norte**: análises linguística textual da correspondência de Luís Câmara Cascudo a Mário de Andrade 1924 a 1944. 1 ed. Natal: EDUFRN, 2012, v.1, p. 17-54.

LOPES, C.; MACHADO, A. C.; PAGOTTO, E.; DUARTE, E.; CALLOU, D.; OLIVEIRA, J.; E., Silvia; MARTELOTTA, M. A configuração da norma brasileira no século XIX: análise das cartas pessoais dos avós Ottoni. In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (orgs.). **Para a História do Português Brasileiro**. Vol. VI – Novos dados, novas análises, Tomo II. Salvador: EDUFBA, 2005, p. 781-815.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Trad. Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Genre, hypergenre, dialogue. **Calidoscópico**. São Leopoldo: UNISINOS, v. 3. n. 2., mai./ag. de 2005. p. 131-137.

_____. **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. de Souza-e-Silva; Décio Rocha. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. In: RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos:

gênero ou hipergênero? **Revista Estudos Linguísticos - GEL**, Edição SET/DEZ – 2009.

MARCUSCHI, L. A. **.Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: XAVIER, Antônio C. (orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.13-67.

_____. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MARTELOTTA, M. & KENEDY, E. A visão funcionalista da linguagem no século XX. In: FURTADO da CUNHA, M. et al. (Org.). **Linguística Funcional: teoria e prática**. SP: Parábola. 2015, p. 11-20.

MARTIN, J. R. Analysing Genre: Functional Parameters. In: CHRISTIE, F., MARTIN, J. R. (orgs.) **Genre and Institutions: Social Processes in the Workplace and School**. London: Cassell, 1997, p. 3-39. In: BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero: história, teoria, pesquisa, ensino**. Tradução: Benedito Gomes Bezerra. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2013.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. Genre Relations - Mapping culture. London/Oakville:Equinox. Resenha de BONFIM, J. B. B. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, 11 (92), 2010.

MARTIN, J.R.; ROSE, D. Genre relations – mapping culture. Equinox: London/Oakville, 2008.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse - Meaning beyond the clause**. London and New York: Continuum, 2003.

MARTINS, M. A. ; MOURA, K. K.; ANDRADE, A. L.; LACERDA, M. F. O. ; GOMES, V. S. ; CARNEIRO, Z. O. N. Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste. **LaborHistórico** , v. 1, p. 26, 2015.

MASIP, V . **Fundamentos lógicos da interpretação de textos e da argumentação**. 1. ed. Rio de Janeiro: GEN/LTC, 2012.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia . Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da língua(s). **Linguística** (Porto) , v. 3, p. 39-53, 2008.

_____. (Org.). **Para a história do português brasileiro**. Primeiros estudos. São Paulo: Humanitas, 2001. v. 1.2005, p.13-67.

MELO, G. P. Cartas, a correspondência e seus rumos [abril de 2011]. **Revista Continente**.

MELO, F. M. Tradição e variação em cartas oficiais dos séculos XVIII, XIX e XX no Rio Grande do Norte. In: VI Simpósio Internacional sobre gêneros textuais, 2011, Natal. **Anais do SIGET 2011**, v.1.

MELO, N. M. F. S.; BRITO, E. M. O Ambiente Virtual de Aprendizagem Moodle como espaço formativo de múltiplas linguagens – particularidades de um hipergênero. In: II Seminário de Estudos de Linguagem e Educação, 2011, Vitória da Conquista. **Anais do II Seled** - Seminário de estudos em linguagem e educação. Vitória da Conquista, 2011. p. 111-125.

MOTTA-ROTH, D.; HERBELE, V. M. O conceito de estrutura potencial do gênero de Ruqayia Hasan. In: MEURER, J.L.; BININI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005. In: FERREIRA, M. A. Para gêneros discursivos: Linguística sistêmico-Funcional. **Linguagem e Diálogos**, v. 1, n.1, p. 69-81, 2010.

NASCIMENTO, Erivaldo P. do; ESPÍNDOLA, Lucienne. **Marcas do interlocutor em cartas produzidas na questão de redação do PSS 2008 da UFPB.** *Revista do GELNE (UFC)*, v. 8, p. 133-146, 2008.

NEVES, M. H. M. A oração e o texto: em vista os suportes teóricos de análise. In: CUNHA, M. A. F., org. **A Gramática da oração: diferentes olhares.** Natal: EDUFRN, 2015. P. 15-42.

NININ, M. O. F.; BARBARA, L. Engajamento na perspectiva linguística sistêmico-funcional em trabalhos de conclusão de curso de Letras. **Revista Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 51.1, p. 127-146, jan./jun. 2013.

NUNES, G. G. ; CABRAL, S. R. S. . Julgamento como categoria avaliativa: o desempenho de Dilma Rousseff em foco. **(Con)textos Linguísticos**, v. 7, p. 81-96, 2013.

OESTERREICHER, W. **Autonomización del texto y recontextualización.** dos problemas fundamentales de las ciencias del texto. Mimeo, 1999. In: ASSIS, M. C. O conceito de tradições discursivas aplicado a estudos em linguística histórica. In: VI congresso internacional da Abralín. 2009, João pessoa. **Anais do VI congresso internacional da Abralín.** João pessoa: Ideia, 2009. V. II. p. 3823-3861.

OLIVEIRA, D. O sistema de avaliatividade do editorial da revista Caros Amigos. **Entremeios: revista de estudos do discurso.** n.8, jan/2014.

OLIVEIRA, D. M. O Sistema de Avaliatividade: aspectos teóricos e práticos. **Revista Fórum Identidades**, v. 15, p. 245, 2014.

OLIVEIRA, A. M.; SÁ JR, L. A. A contribuição da tradição discursiva para o ensino. **Anais do V ECLAE**, 2011.

OLIVEIRA, J. M. **Futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança;** 2006; Tese (Doutorado em Letras (Letras Vernáculas)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. 254 p.

OLIVEIRA, E. N. **A Abordagem da Linguística de Corpus na Aprendizagem de Língua Mediada pelo Computador no Ensino Fundamental e Médio**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

PENHA, R. F. A transitividade dos processos verbais dizer e afirmar em artigos científicos dos graduandos em letras. **Revista ao Pé da Letra**. Volume 14.1 – 2012, pp. 121 – 134.

PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah et. al. (Orgs.). **Para a história do Português brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos** – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, 197-205.

PINHEIRO, C. L. Ferdinand de Saussure e Eugenio Coseriu: Proposições sobre o texto. **Revista Diálogos** nº especial 15 - III Encontro nacional e II encontro internacional de Literatura e Linguística da Universidade de Pernambuco (UPE). 3 vols, Campus Garanhuns (2015, Garanhuns, PE). Vol. 1, p. 540-550.

PIRES, C. L. Um olhar sobre os comentários na internet a partir da teoria de gêneros textuais. In: REINALDO, M. A. G. M. ; MARCUSCHI, E. (Org.) ; DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org.) . **Gêneros textuais: práticas de pesquisa & práticas de ensino**. 1. ed. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

PRETI, Dino (org.). **Fala e escrita em questão**. 6ª. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006, p. 17-55.

RAMOS, Paulo. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?** *Revista Estudos Linguísticos - GEL*, Edição SET/DEZ – 2009. Consultado em 12/05/2015.

RAMOS, Paulo. Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero? **Revista Estudos Linguísticos - GEL**, Edição SET/DEZ – 2009.

RIZZINI, C. **O jornalismo antes da Tipografia**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1977.

In: PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah et. al. (Orgs.). **Para a história do Português brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos** – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, 197-205.

RUMEU, M. C. B. . As relações de poder e solidariedade na sociedade carioca dos séculos XVIII e XIX. **Revista todas as letras**, v. 13, p. 115-126, 2011.

SANTOS, A. L; CARMO, C. M. Epítetos e atributos em superpoderosas: uma abordagem sistêmico-funcional à luz do Sistema de Avaliatividade. **Revista Prolíngua**, v. 6, n. 2, jan./jun. 2011, p. 38-51.

SANTOS, H. N. O ofício cordial: análise sistêmico-funcional de gêneros da redação oficial. Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada à Universidade de Brasília. 2015.

SANTOS, Z. B. A linguística sistêmico-funcional: algumas considerações. **Só Letras** – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ. Número 28 – p 164 a 181, jul-dez 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini et al. 25a edição. São Paulo: Cultrix, 1996.

SCHLIEBEN-LANGE, B. **História do falar e história da linguística**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. In: CASTILHO DA COSTA, A. **Tradições discursivas em jornais paulistas de 1854 a 1901**: gêneros entre a história da língua e a história dos textos.

SILVA, A. G. . Cartas de Amor Pernambucanas da primeira metade do século XX: uma análise do subgênero. **Diálogo das Letras** , v. 5, p. 199-215, 2017.

SILVA, A. G. ; GOMES, V. S. . A SUCESSÃO PRESIDENCIAL NAS CAPAS DO JORNAL DIÁRIO DE PERNAMBUCO: UMA LEITURA DIACRÔNICA. **Encontros**

de Vista , v. 1, p. 1-13, 2013.

SILVA, A. G. ; GOMES, V. S. . Correspondências entre amigos pernambucanos da primeira metade do século xx: tradição discursiva e ensino. **Revista do GELNE** , v. 18, p. 80-104, 2017.

SILVA, A. G.; JESUS, M. A. Sistema de transitividade em postagens do Twitter: a oração como representação do mundo. No prelo.

SILVA, E. C. **Tradições Discursivas**: permanências e mudanças no gênero inventário. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. 2008.

SILVA, J. M. **A Subjetividade Linguisticamente Marcada em Pareceres Técnicos e Jurídicos**. Tese de Doutorado em Linguística. João Pessoa: UFPB, 2007.

SILVA, J. Q. G. Gênero discursivo e tipo textual. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 87-106.

SILVEIRA, F. V. R. Resignificando a ansiedade na aprendizagem e uso de línguas estrangeiras através das crenças: um estudo exploratório. Tese de doutorado em Linguística. Puc-Rio, 2012.

SIMÕES, A. C. . A perspectiva sistemicista de análise de gêneros: a proposta de Huqayia Hasan. **Linguasagem** (São Paulo) , v. 1, p. 10, 2012.

SIMÕES, J. S. Mudança linguística e gêneros textuais: análise diacrônica de tradições discursivas. In: **Atas do II Simpósio Internacional de Análise Crítica do Discurso e do VIII Encontro Nacional de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal**, 2009, São Paulo. Anais. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP), 2007. v. 1. p. 89.

_____ A importância da história dos gêneros para a constituição de corpora diacrônicos. In: In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e

textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRRN, 2012.

SOTO, E. U. M. S. **Cartas através do tempo**: o lugar do outro na correspondência brasileira. Niterói: Ed. da UFF, 2001.

SOUZA, Crisiéle Santos de; GASTAUD, Carla Rodrigues. **A escrita epistolar de Dom Joaquim e os tratados de epistolografia da Ars Dictaminis**: permanências e rupturas. *XI Encontro Nacional de História*. Universidade Federal do Rio Grande – Rio Grande. 23 a 27 de julho de 2012.

SOUZA, Janaína Pedreira Fernandes de. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal**: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. In: PESSOA, Marlos de Barros. Da carta a outros gêneros textuais. In: LAMOGLIA, Maria Eugênia & CALLOU, Dinah et. al. (Orgs.). **Para a história do Português brasileiro. Notícias de corpora e outros estudos** – vol. IV. Rio de Janeiro: UFRJ/FAPERJ, 2002, 197-205.

TRAVASSOS, T. **A transformação histórica do gênero capa de jornal**. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

TRAVASSOS, Tarcisia ; FERREIRA, Priscilla ELizabeth Silva Costa . Cartas particulares: história das pessoas, da sociedade e da linguagem. *In*: Gomes, Valéria Severina; Soares, Thiago Nunes.. (Org.). **Identidade e Memória em Manuscritos e Impressos pernambucanos**: língua, história e cultura através de textos. 1ed. Recife: CEPE, 2012, v. 1, p. 25-32.

VIAN JR, O. Gêneros do discurso, narrativas e avaliação nas mudanças sociais: a

análise de discurso positiva. **Cadernos de Linguagem e Sociedade** , v. 11, p. 78-96, 2010.

VIAN JR., O. Avaliatividade, engajamento e valoração. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 28, p. 105, 2012.

_____. Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 387-410, maio/ago. 2009.

WHITE, P. **Valoração**: a linguagem da avaliação e da perspectiva. Revista Linguagem em (dis)curso, volume 4, número especial, 2004. In OLIVEIRA, D. M. O Sistema de Avaliatividade: aspectos teóricos e práticos. **Revista Fórum Identidades** , v. 15, p. 245, 2014.

WILHELM, R. Von der Geschichte der Sprachen zur Geschichte der Diskurstraditionen. Fur eine linguistisch fundierte Kommunikationsgeschichte. Akten der gleichnamigen Sektion des XXVII. Deutschen Romanistentags. In: ASCHENGERG, H. WILHELM, R. (Hrsg.): **Romanische Sprachgeschichte und Diskurstraditionen**. Tübingen: Narr, 2003,. 221-236. In: CASTILHO DA COSTA, Alessandra. Ação – formulação – tradição: a correspondência de Câmara Cascudo a Mário de Andrade de 1924 a 1944 entre proximidade e distância comunicativa. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. **Projeto História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte**: análise linguística e textual da correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade – 1924 a 1944. Natal: EDUFRRN, 2012.